

ROBIN HOBB

APRENDIZ DE ASSASSINO

A Saga do Assassino
VOLUME I

Tradução: Orlando Moreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

POSSUI UM LIVRO EM SUAS MÃOS, NÃO O DEIXE ESCORRER.

A Giles
e
às memórias de
Ralph a Laranja
e
Freddie Puma
Príncipes entre Assassinos
e
Felinos irrepreensíveis



Planícies Geladas

COSTAS GELADAS

Ilha Beirua

MAR BRANCO

Ilha Roque

Terra de

Angra dos Peixes

Ranca

COSTAS GELADAS

VIGAS

REINO DA MONTANHA

LAVRA

Lago Bode

Rio Vinu

VARA

Torre da Cervo

RASGÃO

ERMOS CHUVOSOS

Juizimpe

Lago Azul

Orla d'Areia

Rio das Gemas

ESTADOS DE CALCEDE

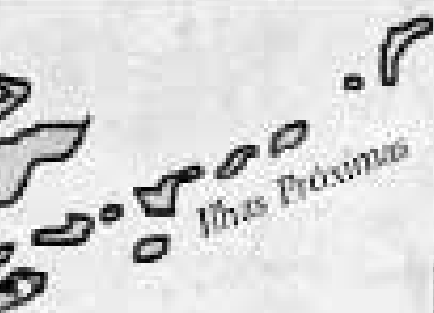
RAZOS

Mercadores de Vilancoute

Rio da Curva

Baía Falsa

Baía dos Mercadores



Ilhas Próximas

Alcatrazes

de Gelo



Os Seis Ducados

Ilha Gaúcho
Ilha das Focas

Ilha Beche
Furubos Altos

Ilha da Armação

Ilha do Linho




Ilha da Garra

Bate Limpa Baixios

Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Turres
-  Fronteira
-  Planície de Gelo

CAPÍTULO UM

A História Primeva

UMA HISTÓRIA DOS SEIS DUCADOS é, por necessidade, uma história da sua família regente, os Visionários. Uma narração completa remeteria para além da fundação do Primeiro Ducado e, se tais nomes fossem lembrados, dir-nos-ia de Ilhéus vindos do mar para a pilhagem, visitando como piratas uma costa mais temperada e agradável do que as praias geladas das Ilhas Externas. Mas não sabemos os nomes desses antepassados primevos.

Do primeiro verdadeiro rei resta pouco mais do que o nome e algumas lendas extravagantes. Chamava-se Tomador; e talvez assim começasse a tradição de nomear as filhas e filhos da sua linhagem de forma a moldar-lhes as vidas e personalidades. As crenças do povo alegam que os nomes eram selados nos recém-nascidos por magia e que, devido a isso, os de descendência real não podiam trair as virtudes que lhes eram assim atribuídas. Passados por fogo, mergulhados em água salgada e oferecidos aos ventos do ar: assim eram selados os nomes a essas crianças escolhidas. Assim reza a estória. É uma lenda bonita e talvez em tempos tenha havido um ritual assim, mas a história mostra-nos que nem sempre chegou para comprometer uma criança a praticar a virtude que lhe serviu de nome...

A pena falha e em seguida cai dos meus dedos nodosos, deixando um rasto de verme feito em tinta sobre o papel de Penacariço. Estraguei mais uma folha do fino material naquilo que suspeito ser uma tentativa inútil. Pergun-

to-me se serei capaz de escrever esta história ou se a cada página haverá uma intromissão furtiva da amargura que eu pensava estar morta há muito tempo. Penso-me curado de todo o rancor mas, quando toco no papel com a pena, um criança ferida sangra com o fluxo de tinta marinha, até que suspeito que cada letra negra cuidadosamente formada esfolia a crosta de uma antiga ferida escarlate.

Tanto Penacariço como Paciência ficavam tão entusiasmados sempre que se discutia um registo escrito da história dos Seis Ducados, que acabei por me persuadir de que seria um esforço útil escrevê-lo. Convenci-me de que esse exercício me afastaria os pensamentos da dor e me ajudaria a passar o tempo, mas cada evento histórico que considero apenas acorda as minhas próprias sombras de solidão e perda. Receio ter de largar por completo este trabalho ou aceitar reconsiderar tudo o que moldou aquilo em que me tornei. E assim começo de novo, e de novo, mas acabo sempre por descobrir que escrevo sobre as minhas próprias origens em vez de escrever sobre as origens desta terra. Nem sequer sei a quem me tento explicar. A minha vida foi uma teia de segredos, segredos esses que mesmo agora são perigosos de partilhar. Deverei inscrevê-los neste fino papel para deles fazer apenas chamuscas e cinzas? Talvez.

As minhas primeiras memórias remontam aos seis anos de idade. Antes disso não há nada, apenas um golfo vazio que nenhum exercício da minha mente alguma vez logrou penetrar. Antes daquele dia no Olho da Lua não há nada. Mas nesse dia as minhas memórias começam subitamente, com uma claridade e detalhe arrebatadores. Algumas vezes parecem demasiado completas e eu pergunto-me se serão realmente minhas. Estarei a recordar uma experiência vivida por mim ou as dúzias de relatos repetidos por legiões de criadas de cozinha, copeiros e moços de estábulo, ao explicarem a minha presença uns aos outros? Talvez tenha ouvido o relato tantas vezes, de tantas fontes, que agora o lembro como se pertencesse às minhas próprias memórias. Será o detalhe resultado da capacidade de absorção que uma criança de seis anos tem em relação a tudo o que a rodeia? Ou será que a perfeição dessas memórias é causada pelo uso do Talento e das drogas que um homem toma para controlar a sua dependência dele, drogas essas que trazem consigo dores e ânsias próprias? Esta última hipótese é muito possível. Talvez seja até a mais provável. O melhor é esperar que não seja esse o caso.

A reminiscência é quase física: a fria cor cinzenta do dia moribundo, a chuva sem remorso que me ensopava, a calçada gélida nas ruas da cidade desconhecida, até a aspereza calosa da mão enorme que agarrava a minha, pequena. Às vezes ponho-me a pensar nessa mão. A mão era dura, rude, formando uma concha envolvente que aprisionava a minha. E contudo, era

quente e sem maldade na forma como me segurava. Apenas firme. Não me deixava escorregar no piso gelado, mas também não me deixava escapar ao meu destino. Era implacável, como a chuva cinzenta e gelada que polia a neve calcada e o gelo do caminho ensaibrado no exterior das enormes portas de madeira do edifício fortificado que se erguia como uma fortaleza dentro da própria cidade.

As portas eram altas, e não só para um rapaz de seis anos de idade: um gigante poderia passar por elas, e faziam o velho esguio a meu lado parecer um anão. Além disso, não me eram familiares, embora não consiga recordar que tipo de porta ou habitação o teria sido. Apenas que estas, entalhadas e presas por dobradiças de ferro negro, decoradas com uma cabeça de cervo e um batente de bronze brilhante, estavam totalmente fora da minha experiência. Lembro-me que a neve meio-derretida me penetrara nas roupas, pelo que tinha os pés e pernas molhados e frios. E, contudo, mais uma vez, não consigo lembrar-me de andar muito para ali chegar através das últimas pragas do Inverno, nem de ser transportado. Não, tudo começa ali, em frente às portas do forte, com a minha pequena mão aprisionada dentro da mão do homem alto.

É quase como o começo de um teatro de fantoches. Sim, consigo vê-lo assim. As cortinas abrem-se e ali estamos nós, perante a grande porta. O velho levantou o grande batente de bronze e bateu uma, duas, três vezes na travessa que ressoou com as pancadas. E então, dos bastidores, fez-se ouvir uma voz. Não do outro lado das portas, mas atrás de nós, no caminho donde viéramos. “Pai, por favor”, a voz de mulher implorava. Virei-me para a olhar, mas começara a nevar outra vez, um véu rendado que se agarrava às pestanas e às mangas do casaco. Não me consigo lembrar de ter visto alguém. Tenho contudo a certeza de que não lutei para libertar a minha mão da do velho, nem gritei “Mãe, mãe.” Em vez disso, mantive-me quieto, um espectador, e ouvi o som de botas dentro da torre e o destrancar do ferrolho da porta.

Ela chamou uma última vez. Ainda consigo ouvir as palavras na perfeição, o desespero numa voz que agora soaria jovem aos meus ouvidos. “Pai, por favor, imploro-te!” Um tremor abanou a mão que agarrava a minha, mas se era de ira ou de outra qualquer emoção nunca o saberei. Tão lesto quanto um corvo negro apanhando um pedaço de pão atirado, o velho inclinou-se e agarrou um pedaço de gelo sujo. Atirou-o sem palavras, com muita força e fúria, e eu encolhi-me de medo. Do que não me lembro é de como as portas se abriram para fora, de tal forma que o velho teve de mover-se depressa para trás, puxando-me com ele.

E aqui há uma coisa. O homem que abriu a porta não era um criado da casa, como eu poderia ter imaginado se apenas tivesse ouvido isto numa

narrativa. Não, a memória mostra-me um homem de armas, um guerreiro, já um bocado grisalho e com a barriga mais feita de sebo duro que de músculo, e não um criado doméstico com boas maneiras. Olhou-nos, a mim e ao velho, de cima a baixo, com a suspeita treinada de um soldado, e então ficou ali, silencioso, esperando que disséssemos ao que vínhamos.

Penso que a sua atitude perturbou o velho, estimulando-lhe não tanto o medo quanto a ira. Porque de repente me largou a mão e, em vez disso, agarrou-me pelas costas do casaco e balançou-me para a frente como se eu fosse um cãozinho a ser oferecido a um potencial novo dono.

“Trouxe-vos o rapaz,” disse numa voz ferrugenta.

Quando o guarda da casa continuou a olhá-lo fixamente, sem julgamento nem curiosidade, explicou-se com mais detalhe. “Dei-lhe de comer à minha mesa durante seis anos e nunca recebi uma palavra do pai, ou uma moeda, ou uma visita, embora a minha filha me tenha dado a entender que ele sabe que lhe fez um bastardo. Não lhe vou continuar a dar de comer nem a partir as costas no arado para pôr roupas nas costas dele. Que o alimento aquele que o fez. Tenho gente suficiente de quem tratar, com a minha mulher a envelhecer e a mãe deste para manter e alimentar. Porque não há homem que lhe pegue agora, com este cãozinho sempre a correr-lhe à volta dos calcanhares. Portanto tomai-o e dai-o ao pai.” Largou-me tão de repente que me espalhei no átrio de pedra aos pés do guarda. Sentei-me rapidamente, não me lembro de me ter magoado muito, e olhei para cima a ver o que aconteceria a seguir entre os dois homens.

O guarda olhou para mim, de lábios ligeiramente encrespados, tentando avaliar-me, sem crítica ou aprovação.

“Filho de quem?” perguntou, e o seu tom não revelava curiosidade, apenas a necessidade de obter mais informação para relatar a ocorrência adequadamente a um superior.

“De Cavalaria,” disse o velho e já estava a virar-me as costas, descendo a passos medidos pelo caminho ensaibrado. “Príncipe Cavalaria,” disse, sem se virar enquanto juntava o título. “Esse, o Príncipe Herdeiro. Foi ele que o fez. Pois então que faça por ele e que se dê por contente de ter conseguido fazer um filho algures.”

Por um momento, o guarda ficou a olhar o velho a ir-se embora. Depois, sem dizer nada, inclinou-se para me agarrar pela gola da camisa e arrastou-me para fora do caminho, de forma a poder fechar a porta. Largou-me durante os breves instantes que precisou para fechar a porta. Tendo feito isso, ficou a olhar para mim, sem mostrar surpresa, apenas a estóica aceitação de um soldado relativamente aos aspectos mais bizarros do seu dever. “Levanta-te e anda, rapaz,” disse.

E assim segui-o, descendo por um corredor sombrio e através de

quartos mobilados de forma espartana, com janelas de persianas ainda fechadas contra o frio do Inverno, para finalmente chegar a outro par de portas fechadas, feitas de madeira rica e suave, adornada com entalhes. Chegado aí fez uma pausa e endireitou as suas próprias roupas rapidamente. Lembro-me com bastante clareza de como dobrou um joelho para alisar a minha camisa e ajeitar o meu cabelo com uma ou duas patadas grosseiras, mas se fez isso por causa de algum impulso de bom coração, para que eu causasse uma boa impressão, ou se meramente devido à preocupação de mostrar que tinha tomado bem conta da sua encomenda, nunca o saberei. Levantou-se de novo e bateu uma vez às portas duplas. Tendo batido, não esperou por resposta, ou pelo menos eu não a ouvi. Empurrou as portas, conduziu-me como uma ovelha à sua frente e fechou as portas atrás de si.

Este quarto estava tão quente quanto o corredor era frio e tão cheio de vida quanto as outras salas estavam desertas. Lembro-me da quantidade de mobília que ali havia, tapetes e tapeçarias, e prateleiras de rolos de pergaminhos, um quarto forrado pela desordem que se instala em qualquer aposento bem usado e confortável. Havia fogo a arder na grande lareira, enchendo o quarto de calor e de um agradável aroma resinoso. Uma mesa enorme estava colocada obliquamente à lareira e atrás dela sentava-se um homem robusto que, de sobrancelhas franzidas, se curvava sobre o maço de papéis à sua frente. Não ergueu os olhos imediatamente quando entrámos e, por causa disso, pude estudar por instantes o emaranhado do seu cabelo negro.

Quando finalmente olhou para cima, pareceu ver-nos a mim e ao guarda num só relance dos seus olhos negros.

“Então, Jasão?” perguntou, e mesmo naquela idade eu conseguia aperceber-me da sua resignação face a uma interrupção inesperada. “O que é isto?”

O guarda deu-me um brando empurrão no ombro, projectando-me um passo em frente na direcção do homem. “Um velho lavrador deixou este rapaz, Príncipe Veracidade, senhor. Diz que é um bastardo do Príncipe Cavalaria, senhor.”

Por alguns momentos, o homem atrás da secretária continuou a observar-me com alguma confusão no olhar. Então um sorriso divertido aliviou-lhe a expressão. Ergueu-se e contornou a secretária para se vir colocar em frente a mim com os punhos pela cintura, baixando os olhos para me ver. Não me senti ameaçado pelo seu escrutínio; na verdade, foi como se alguma coisa na minha aparência lhe agradasse sobremaneira. Curioso, ergui os olhos para o observar. Usava uma curta barba negra, tão espessa e desordenada como o seu cabelo, e a sua pele estava habituada às agruras do

tempo e ao ar livre. Largas sobranceiras erguiam-se sobre os seus olhos negros. Tinha um peito como um barril e os ombros esticavam-lhe o tecido da camisa. Os punhos eram quadrados e marcados com cicatrizes de trabalho, e tinta manchava os dedos da mão direita. Enquanto me olhava, o seu sorriso aumentou gradualmente, até que finalmente soltou um sopro de riso.

“Raios me partam,” disse por fim. “O rapaz dá ares ao Cav, não dá? Abençoada Eda. Quem teria acreditado que tal coisa viria do meu ilustre e virtuoso irmão?”

O guarda não lhe deu qualquer resposta, nem tal era esperado. Continuou perfilado e alerta, esperando a próxima ordem. Um soldado exemplar.

O outro homem continuou a olhar-me com curiosidade. “Quantos anos tem?”

“O lavrador disse seis.” O guarda levantou a mão para coçar a face e, de súbito, pareceu lembrar-se de que estava a fazer um relatório. Baixou a mão. “Senhor”, acrescentou.

O outro não pareceu aperceber-se do lapso de disciplina do guarda. Os olhos negros vaguearam sobre mim, e o divertimento do seu sorriso cresceu. “Contemos portanto mais ou menos sete anos, para permitir que a barriga dela cresça. Raios. Sim. Esse foi o primeiro ano em que os Chyurda tentaram fechar o desfiladeiro. Cavalaria andou por estes lados três, quatro meses, convencendo-os a abrirem-no para nós. Parece que afinal não foi a única coisa que convenceu a abrir-se. Raios. Quem é que haveria pensado tal coisa dele?” Fez uma pausa e então: “Quem é a mãe?” perguntou de súbito.

O guarda agitou-se de desconforto. “Não sei, senhor. Estava apenas o velho lavrador à entrada, e tudo o que disse foi que este era o bastardo do Príncipe Cavalaria e que não ia mais alimentá-lo nem pôr-lhe roupas nas costas. Disse que aquele que o fez devia tomar conta dele de agora em diante.”

O homem encolheu os ombros, como se não fosse caso de grande importância. “O rapaz parece bem tratado. Dou-lhe uma semana, quinze dias se tanto, até que ela venha a gemer até à porta da cozinha, com saudades do seu cachorrinho. E nessa altura havemos de descobrir, senão antes. Tu, rapaz, como te chamam?”

Uma fivela intrincada, com a forma de uma cabeça de cervo, fechava a jaqueta dele. Mudava de cor, oscilando entre o bronze, o doirado e o vermelho, consoante o movimento das chamas na lareira. “Rapaz”, disse eu. Não sei se estava meramente a repetir aquilo que ele e o guarda me tinham chamado, ou se eu realmente não possuía outro nome além daquela palavra. Por um momento, o homem pareceu surpreendido, e uma expressão

que podia ser de compaixão perpassou pelo seu rosto, mas desapareceu com a mesma rapidez, deixando-o com uma expressão que me parecia ser de desânimo, ou de ligeira enervação. Olhou de relance para o mapa que ainda o esperava em cima da mesa.

“Bem,” disse para o silêncio do guarda. “Algo tem de ser feito com ele, pelo menos até que o Cav volte. Jasão, assegura-te de que o rapaz é alimentado e alojado algures, pelo menos hoje à noite. Hei-de pensar no que fazer com ele amanhã. Não podemos ter bastardos reais a acumularem-se pelas províncias.”

“Senhor,” disse Jasão, sem concordar ou discordar, acatando simplesmente as ordens que lhe eram dadas. Pôs uma mão pesada no meu ombro e virou-me em direcção à porta. Eu comecei a andar com alguma relutância, porque o quarto estava bem iluminado, agradável e quente. Os meus pés frios haviam começado a formigar e eu sabia que se pudesse ficar ali um bocadinho mais aqueceria o corpo todo. Mas a mão do guarda era inexorável e guiou-me para fora do aposento quente, de volta à escuridão fria dos corredores desolados, que pareciam ainda mais intermináveis e escuros depois do calor e da luz, enquanto eu tentava acompanhar a passada do guarda que fazia o seu caminho pelo meio deles.

Talvez eu tenha gemido ou talvez ele se tenha cansado do meu passo mais lento, pois virou-se subitamente, agarrou-me e atirou-me para cima do seu ombro tão casualmente como se eu não pesasse nada. “Cãozinho ensopado”, comentou, sem rancor, e carregou-me pelos corredores abaixo, contornando curvas, subindo e descendo degraus, dirigindo-se finalmente em direcção a uma luz amarela que pouco depois revelou tratar-se de uma larga cozinha.

Ali, meia dúzia de guardas refastelava-se em bancos e comia e bebia numa grande mesa cheia de marcas do uso, diante de uma fogueira duas vezes mais larga do que a do escritório. A divisão cheirava a comida, a cerveja, ao suor dos homens, a roupas de lã molhadas, ao fumo da lenha e da gordura a escorrer da carne para as chamas. Tonéis e pequenos cascos alinhavam-se contra a parede, e os quartos de carne fumada eram formas negras penduradas das vigas. A mesa sustinha uma desordem de comida e pratos. Um pedaço de carne rodava num espeto sobre chamas e escorria gordura para a lareira de pedra. O meu estômago apertou-se subitamente contra as costelas, ao sentir o cheiro a comida.

Jasão colocou-me com firmeza no canto da mesa mais próximo do calor do fogo, sacudindo o cotovelo de um homem cuja face estava escondida por uma caneca.

“Olha, Castro,” disse Jasão. “Este cachorrinho agora é teu.” Virou-me costas. Eu observei com interesse, enquanto ele partia de uma pada

negra um bocado tão grande quanto o seu punho e desembainhava a faca para cortar uma fatia de queijo de uma roda, empurrando-os para as minhas mãos. A seguir, dirigiu-se à lareira e começou a serrar uma porção de adulto de carne assada. Ao pé de mim, o homem chamado Castro pousou a caneca e virou-se para olhar Jasão.

“O que é isto?” perguntou, soando bastante como o homem no aposento bem aquecido. Tinha a mesma desgovernada escuridão na barba e no cabelo, mas a sua cara era angular e estreita. A cor da face revelava um homem que andava com frequência ao ar livre. Os seus olhos eram mais castanhos do que negros, e as suas mãos eram ágeis e de dedos longos. Cheirava a cavalos, cães, sangue e couros.

“É teu pra tratares dele, Castro. Assim diz o Príncipe Veracidade.”

“Porquê?”

“És o homem de confiança do Cavalaria ou não? Tratas-lhe do cavalo, dos cães e dos falcões, não é?”

“E?”

“E acabaste de receber o seu bastardozinho, pelo menos até que o Cavalaria volte e faça alguma coisa com ele.” Jasão ofereceu-me a fatia grossa de carne a escorrer gordura. Eu olhei para o pão e para o queijo que tinha nas mãos, detestando a ideia de largar qualquer um deles, mas desejando também a carne quente. Ele encolheu os ombros ao ver o meu dilema e, com o pragmatismo de um homem de batalhas, atirou casualmente a carne para cima da mesa, perto da minha anca. Atafulhei quanto pão pude na boca e movi-me para um sítio de onde poderia ter a carne debaixo de olho.

“O bastardo de Cavalaria?”

Jasão encolheu-se, ocupado em servir-se de pão, carne e queijo. “Assim disse o velho lavrador que o deixou aqui.” Pousou a carne e o queijo sobre uma fatia grossa de pão, deu-lhes uma enorme dentada e falou enquanto mastigava. “Disse que Cavalaria devia era ficar contente por ter conseguido semear uma criança, fosse onde fosse, e que teria de alimentá-la e tratar dela de agora em diante.”

Um silêncio inusitado invadiu subitamente a cozinha. Os homens pararam de comer e de se servir do pão, das canecas e das tábuas de cortar, e todos os olhos se viraram para o homem chamado Castro. Este pôs a caneca cuidadosamente longe da borda da mesa. A sua voz era calma e nivelada, as suas palavras precisas. “Se o meu senhor não tem herdeiro, é vontade de Eda e não culpa da sua virilidade. A Dama Paciência sempre foi frágil e...”

“Mesmo assim, mesmo assim,” concordou Jasão rapidamente. “E ali se senta a prova de que não há nada de mal com ele enquanto homem,

qu'era o qu 'eu 'tava a dizer, só isso.” Limpou velozmente a boca à manga. “Tão parecido com o Príncipe Cavalaria quanto alguém pode ser, mesmo o irmão o disse há pouco. Não é culpa do Príncipe Herdeiro se a Dama Paciência não consegue carregar a sua semente até ao fim...”

Castro levantou-se de repente. Jasão recuou um passo lesto ou dois antes de se aperceber que era eu o alvo de Castro, e não ele. Castro agarrou-me pelos ombros e virou-me para o fogo. Quando apertou firmemente o meu maxilar na sua mão e ergueu a minha face para a aproximar da sua, assustou-me, e eu deixei cair o pão e o queijo. Ele não fez caso disso, inclinando o meu rosto na direcção do fogo e estudando-me como se eu fosse um mapa. Os seus olhos encontraram os meus e havia algo de selvagem neles, como se o que visse na minha face fosse uma ferida que eu lhe infligira. Comecei a tentar fugir àquele olhar, mas as mãos dele não me largavam. Então fixei os olhos nele, em desafio, e vi a sua preocupação misturar-se subitamente com uma espécie de fascínio relutante. Finalmente, fechou os olhos por um segundo, cobrindo-os contra uma dor. “É coisa que vai testar a força de vontade da sua senhora até ao extremo do seu próprio nome”, disse Castro suavemente.

Libertou o meu maxilar e inclinou-se desajeitadamente para apagar o pão e o queijo que eu havia deixado cair. Espanou-os e deu-mos de volta. Olhei fixamente o penso grosso sobre a barriga da perna e joelho que o impedia de flectir a perna. Voltou a sentar-se, pegando numa bilha que estava sobre a mesa e enchendo a caneca. O seu olhar continuou a estudar-me por cima do rebordo da mesma enquanto ia bebendo.

“De quem é que o Cavalaria o terá arranjado?” perguntou incautamente o homem do outro lado da mesa.

Castro virou os olhos para o homem enquanto pousava a caneca. Por um momento não falou, e eu senti o silêncio a pairar ali outra vez. “Eu diria que é da conta do Príncipe Cavalaria quem é a mãe, e que não se trata de conversa de cozinha,” disse brandamente.

“Mesmo assim, mesmo assim,” concordou abruptamente o guarda. Jasão acenou com a cabeça em concordância, como um pássaro durante o acasalamento. Embora eu fosse jovem, perguntava-me que espécie de homem era este que, com uma perna enfaixada, conseguia impor respeito a um quarto cheio de homens duros, usando apenas um olhar ou uma palavra.

“O rapaz nã' tem nome,” disse Jasão, cortando o silêncio. “Chama-se a si próprio ‘rapaz’.”

Esta declaração pareceu deixar toda a gente, incluindo Castro, sem palavras. O silêncio arrastou-se enquanto eu acabava o pão, o queijo e a carne, empurrando-os para baixo com um gole ou dois da cerveja que

Castro me ofereceu. Os outros homens foram gradualmente deixando a cozinha, em grupos de dois ou três, mas ele continuava ali, sentado, bebendo e olhando para mim. “Ora bem”, disse por fim. “Se conheço bem o teu pai, há-de encarar a situação como deve ser e tomará a decisão mais acertada, mas só Eda sabe que decisão ele achará a mais acertada numa situação destas. Provavelmente aquela que mais lhe doer.” Observou-me silenciosamente por mais um momento. “Comeste que chegue?” perguntou por fim.

Eu indiquei que sim, e ele levantou-se rigidamente, para me erguer da mesa e pôr no chão. “Anda lá então, Fitz,” disse, e saiu da cozinha, descendo por um corredor diferente. A sua perna esticada tornava-lhe o andar desajeitado, talvez a cerveja também ajudasse. Certo era que eu não teria problemas em acompanhar a sua passada. Chegámos finalmente a uma porta pesada, onde um guarda nos acenou com a cabeça ao passarmos, dispensando-me um olhar rapinante.

Lá fora, um vento frio soprava. Todo o gelo e neve que haviam amolecido durante o dia tinham voltado a endurecer com a chegada da noite. O caminho estalava-me debaixo dos pés, e o vento parecia encontrar cada fenda e cada buraco das minhas vestes. Os meus pés e calças tinham aquecido na fogueira da cozinha, mas ainda não estavam completamente secos, e o frio apoderou-se deles outra vez. Lembro-me da escuridão e do súbito cansaço, da terrível sonolência chorosa que se apoderava de mim enquanto eu seguia o estranho com a perna enfaixada através do pátio escuro e frio. Havia muros altos à nossa volta, e guardas que se moviam intermitentemente no seu topo, sombras escuras visíveis apenas quando tapavam ocasionalmente as estrelas no céu. O frio invadia-me, e eu tropeçava e escorregava no caminho gelado, mas algo em Castro me proibia de gemer ou implorar piedade. Em vez disso, segui-o obstinadamente. Por fim, parámos em frente a um edifício, e ele arrastou a pesada porta, abrindo-a.

Calor, cheiros de animais e uma fraca luz amarela verteram do interior. Um moço de estrebaria sonolento ergueu-se sobressaltado e sentou-se no seu ninho de palha, piscando os olhos como um pássaro com as penas amarrotadas. A uma palavra de Castro, deitou-se outra vez, enrolando-se na palha e fechando os olhos. Passámos por ele, Castro arrastando a porta e fechando-a atrás de nós. Pegou na lanterna que ardia com uma luz fraca ao pé da porta e conduziu-me em frente.

Entrei então num mundo diferente, um mundo nocturno onde os animais se mexiam e respiravam, onde os cães levantavam as cabeças do apoio fornecido pelas patas dianteiras cruzadas, para me olharem com olhos bruxuleantes, verdes ou amarelos sob o brilho pálido da lanterna, e os cavalos se agitavam quando passávamos perto das cavalariças. “Os falcões

estão lá ao fundo,” disse Castro, e eu aceitei a informação que me era dada, supondo que ele considerasse importante que eu a soubesse.

“Aqui,” disse por fim. “Isto há-de servir. Por agora, pelo menos. Não faço a mínima ideia do que mais hei-de fazer contigo. Se não fosse por causa da Dama Paciência, até acharia que esta era uma bela partida que deus tinha pregado ao meu senhor. Aqui, Narigudo, chega-te para o lado e dá um lugar a este rapaz na palha. É isso, aninha-te à Raposa, aí. Ela há-de te aceitar e dar um bom lanho a quem quer que pense em te incomodar.”

Estava diante de uma cavaliária espaçosa, habitada por três cães. Ao ouvirem a voz de Castro, tinham-se todos levantado e voltado a deitar, de caudas esticadas batendo na palha. Meti-me hesitantemente no meio deles e por fim acomodei-me ao pé da velha cadela com o focinho esbranquiçado e uma orelha rasgada. O macho mais velho olhou-me com alguma suspeita, mas o terceiro era um cachorrinho ainda muito novo e foi esse, Narigudo, que me deu as boas vindas, lambendo-me as orelhas, mordiscando-me o nariz e dando-me muitas patadas. Pus um braço à sua volta para o acalmar e aninhei-me entre eles como Castro me aconselhara. Ele estendeu sobre mim um cobertor grosso que cheirava a cavalo. No estábulo vizinho, um cavalo cinzento muito grande agitou-se de súbito, batendo com um casco pesado contra a parede de madeira que separava as cavaliças, e enfiando a cabeça por cima desta para espreitar a razão de toda aquela animação nocturna. Castro acalmou-o distraidamente, fazendo-lhe uma festa.

“O quartelamento é duro para todos neste posto fronteiriço. Descobrirás que Torre do Cervo é um lugar muito mais hospitaleiro, mas por esta noite estarás quente aqui, e seguro.” Permaneceu ali algum tempo, olhando para nós. “Cavalo, cão e falcão, Cavalaria. Tomei conta de todos para ti durante muitos anos e fi-lo bem. Mas este teu bastardo, o que fazer com ele ultrapassa-me.”

Sabia que não estava a falar comigo. Observei-o pela extremidade do cobertor enquanto tirava a lanterna do gancho e partia, falando baixo consigo mesmo. Lembro-me bem dessa primeira noite, do calor dos cães, do restolhar da palha, e mesmo do sono que finalmente veio, enquanto o cachorro se aninhava ao pé de mim. Voguei para dentro da mente dele e partilhei os seus sonhos escuros de uma caçada interminável, perseguindo uma presa que não conseguia ver, mas cujo cheiro quente me impelia em frente, através de urtigas, silvas e pedregulhos.

Com o sonho do cãozinho, a precisão da memória vacila como as cores intensas e contornos nítidos de um sonho drogado. O certo é que os dias que se seguiram a esse primeiro não se desenham com a mesma clareza na tela da minha mente.

Lembro-me dos dias húmidos do final de Inverno em que aprendi o caminho entre os estábulos e a cozinha. Tinha a liberdade de ir e vir sempre que me apetecesse. Às vezes havia uma cozinheira de serviço, enfiando carne nos espetos sobre a lareira, ou amassando o pão, ou abrindo um tonel de alguma bebida. A maior parte das vezes não havia ninguém, e eu servia-me a mim mesmo do que quer que tivesse sido deixado sobre a mesa e partilhava a minha refeição generosamente com o cachorrinho, que depressa se tornou no meu companheiro constante. Homens iam e vinham, comendo, bebendo e olhando-me, com aquela curiosidade especulativa que eu acabei por aceitar como normal. Eram homens todos parecidos, envergando grosseiras capas de lã e calças, de corpos robustos e de movimentos fáceis, usando sobre o coração a insígnia de um cervo alçado em salto. A minha presença fazia alguns sentirem-se pouco confortáveis. Fui-me habituando ao murmúrio de vozes que começava sempre que eu deixava a cozinha.

Castro era uma constante nesses dias, dispensando-me os mesmos cuidados que dispensava aos animais de Cavalaria; eu era alimentado, penteado e exercitado, o exercício consistindo normalmente em trotar colado aos seus calcanhares enquanto ele executava outras tarefas. Mas essas memórias são desfocadas e os detalhes, tais como o lavar ou mudar de roupas, provavelmente desvaneceram-se devido às calmas suposições que uma criança de seis anos faz acerca da normalidade dessas coisas. Certo é que me lembro do cãozinho, Narigudo. O seu pêlo era avermelhado, lustroso, curto e eriçado, de tal forma que me picava através das minhas roupas quando partilhávamos o cobertor de cavalo à noite. Tinha os olhos verdes como minério de cobre, o nariz da cor do fígado cozido, e o interior da boca e língua sarapintado de rosa e negro. Quando não estávamos a comer na cozinha, lutávamos um com o outro no átrio ou na palha da caixa do estábulo. Assim foi o meu mundo, por seja lá quanto tempo que ali estive. Creio que não muito, pois não me lembro do tempo mudar. Todas as minhas memórias desses tempos são de dias frios e húmidos, de vento em rajadas e de neve e gelo que parcialmente derretiam de dia, mas que eram restaurados pelas geadas nocturnas.

Guardo uma outra memória desses tempos, mas não é nítida. Em vez disso, é calorosa e suavemente colorida, como uma antiga e rica tapeçaria contemplada num quarto envolto em penumbra. Lembro-me de ser acordado do sono pela agitação do cachorro e pela luz amarela de uma lanterna erguida à minha frente. Dois homens debruçavam-se sobre mim, mas Castro postava-se hirto atrás deles, e não senti qualquer receio.

“Agora acordaste-o.” Preveniu um, e era o Príncipe Veracidade, o homem do quarto calorosamente iluminado da minha primeira tarde.

“E então? Voltará a adormecer imediatamente assim que tenhamos partido. Diabos o levem, que ostenta também os olhos do pai. Juro que teria reconhecido o sangue que nele flui onde quer que o visse. Não será possível negá-lo a ninguém que o veja. Mas nem tu nem o Castro tendes mais senso do que uma pulga? Bastardo ou não, porventura se mete uma criança num estábulo entre os animais? Não havia nenhum outro sítio onde o pôr?”

O homem que falava assemelhava-se a Veracidade no queixo e nos olhos, mas as parecências acabavam aí. Este homem era muito mais novo. A face era imberbe, e o cabelo, perfumado e suavizado, era mais fino e castanho. Tinha as bochechas e fronte enrubescidas pelo frio nocturno, mas era uma coisa nova, diferente do rubor causado pelas agruras do clima que Veracidade exibia. Além disso, Veracidade vestia-se como os seus homens, em lãs práticas, de malha resistente e cores pardas, ao passo que o jovem a seu lado brilhava em escarlates e amarelos esverdeados, e a sua capa estendia-se com duas vezes a largura de tecido necessária para cobrir um homem. O gibão que surgia por baixo dela era creme e carregado de rendas. O lenço que usava sobre a garganta segurava-se por meio de um alfinete com a forma de um cervo a meio de um salto feito em oiro, o seu único olho uma gema verde cintilante; e as cuidadosas voltas que dava às palavras eram como fios de oiro entrançado, muito diferentes das cadeias simples de vocábulos que Veracidade empregava.

“Majestoso, não pensei nisso. Que sei eu de crianças? Entreguei-o ao cuidado de Castro. Ele é o homem de confiança de Cavalaria, e como tal tem tratado...”

“Não foi minha intenção desrespeitar o sangue, senhor,” disse Castro em honesta confusão. “Eu sou o homem de confiança de Cavalaria, e tratei do rapaz o melhor que pude. Podia ter-lhe feito uma cama de palha na caserna, mas parece-me demasiado pequeno para ficar na companhia desses homens, com as suas idas e vindas a todas as horas, as suas lutas e bebidas e barulho.” No tom das palavras dele era óbvio o seu próprio desagrado por tais companhias. “Instalado aqui, tem tranquilidade, e o cachorrinho já se afeiçoou a ele. E, com a minha Raposa a tomar conta dele durante a noite, ninguém lhe tentará fazer mal sem que os dentes dela façam o intruso pagar bem caro pela ousadia. Meus senhores, pouco sei eu próprio de crianças e pareceu-me...”

“Está bem, Castro, está bem”, disse calmamente Veracidade, cortando-lhe a palavra. “Se alguém devia ter pensado nisso, era eu. Dei-te este encargo e não acho que tenhas cometido qualquer erro. É melhor do que muitas crianças têm nesta povoação, Eda bem o sabe. Neste lugar e por agora, está bem.”

“Terá de ser diferente quando ele for para Torre do Cervo.” Majestoso não parecia estar contente.

“Então o nosso pai deseja que ele vá conosco para Torre do Cervo?” A pergunta veio de Veracidade.

“O nosso pai assim quer. Mas é contrário aos desejos da minha mãe.”

“Oh.” O tom de Veracidade indicava que não tinha interesse em discutir mais aquele assunto. Mas Majestoso franziu as sobrancelhas e continuou.

“A minha mãe, a rainha, não está nada contente com toda esta situação. Tentou durante muito tempo aconselhar o rei, mas em vão. A minha mãe e eu preferíamos pôr o rapaz... de parte. É apenas bom senso. Muito pouco precisamos nós de mais confusão na linha de sucessão.”

“Neste momento, Majestoso, não vejo confusão nenhuma.” Veracidade falava numa voz serena. “Cavalaria, eu e, a seguir, tu. Depois o nosso primo Augusto. Este bastardo seria um longínquo quinto.”

“Estou bem elucidado acerca da tua precedência sobre mim. Não precisas de o alardear à primeira oportunidade.” Disse Majestoso friamente. Fitou-me. “Ainda considero que seria melhor não o ter à solta por aqui. E se Cavalaria nunca chegar a ter um herdeiro legítimo com Paciência? E se ele se decidir a reconhecer este... rapaz? Poderia muito bem criar divisões entre os nobres. Porque haveríamos de brincar com o fogo? Assim diz a minha mãe, e assim digo eu. Mas o nosso pai, o rei, não é um homem apressado, como muito bem sabemos. ‘Sagaz é como Sagaz faz’, diz o povo. Proibiu qualquer tentativa de terminar com o assunto. ‘Majestoso’ disse-me naquela maneira que é tão sua. ‘Não faças o que não podes desfazer, até teres considerado o que não poderás fazer depois de o teres feito’. Depois riu-se.” O próprio Majestoso deu uma gargalhada curta e amarga. “Canso-me tanto do seu humor.”

“Oh”, disse Veracidade outra vez, e eu mantive-me deitado e quieto e perguntei a mim mesmo se ele estava a tentar perceber as palavras do rei ou a refrear-se de responder às queixas do irmão.

“Discernes as suas verdadeiras razões, obviamente”, disse Majestoso.

“Que são?”

“Cavalaria ainda é o seu favorito.” Majestoso soava repugnado. “Apesar de tudo. Apesar do casamento insensato e da sua excêntrica mulher. Apesar de toda esta trapalhada. E agora pensa que isto galvanizará o povo, que aumentará a aprovação dos comuns em relação a Cavalaria. Que provará a virilidade dele, o ser capaz de fazer um filho. Ou talvez demonstre que também ele é um ser humano e que pode fazer asneiras como todos

os demais.” O tom de Majestoso revelava discordância em relação a tudo isso.

“E isso fará as pessoas gostarem mais dele e suportarem o seu futuro reinado? Ter feito um filho numa mulher selvagem antes de casar com a sua rainha?” Veracidade soava confundido pela lógica do irmão.

Eu ouvi o azedume na voz de Majestoso. “Assim parece pensar o rei. Será que ele não se preocupa nada com a indecência? Mas eu suspeito que Cavalaria considerará de forma diferente a possibilidade de usar o bastardo para tais propósitos. Especialmente por causa da querida Paciência. Mas o rei ordenou que o bastardo seja levado para Torre do Cervo aquando do teu retorno.” Majestoso olhou-me sobranceiramente, como se pouco satisfeito.

Veracidade pareceu preocupado por instantes, mas anuiu. Pairava sobre as feições de Castro uma sombra que a luz da lanterna não conseguia dispersar.

“Não tem o meu senhor uma palavra a dizer a este respeito?” Aventurou-se Castro a protestar. “Parece-me que se ele quiser acertar uma soma com a família da mãe do rapaz e afastá-lo, então, pois seguramente que, em nome das sensibilidades da Dama Paciência, lhe devia ser permitido tal discrição...”

O Príncipe Majestoso interrompeu-o com um silvo de desdém. “O tempo para a discrição foi antes de rebolar com a rapariga. A Dama Paciência não será a primeira mulher a ter de se haver com o bastardo do marido. Toda a gente aqui sabe da sua existência; a falta de jeito de Veracidade tratou disso. Não faz sentido tentar escondê-lo. E, no que diz respeito a um bastardo real, nenhum de nós se pode dar ao luxo de ter tais sensibilidades, Castro. Deixar o rapaz num lugar como este é tal qual deixar uma arma a pairar sobre a garganta do rei. Certamente que mesmo um tratador de cães pode compreender isto. E mesmo que tu não possas, o teu senhor com certeza compreenderá.”

Uma dureza gelada havia-se apoderado da voz de Majestoso, e vi Castro encolher-se perante aquela voz como nunca o vira encolher-se perante coisa alguma. Fez-me medo, e puxei o cobertor sobre a cabeça e enterrei-me mais fundo na palha. Ao meu lado, Raposa rosnou ao de leve do fundo da garganta. Penso que isso levou Majestoso a dar um passo atrás, mas não tenho a certeza. Os homens partiram pouco depois e, se falaram mais do que isso, nenhuma memória de tal conversa me resta.

O tempo passou, e penso que foi duas ou três semanas mais tarde que dei comigo a trepar ao cinto de Castro e a tentar pôr as minhas curtas pernas em torno de um cavalo atrás dele enquanto deixávamos aquela povoação fria, e começava o que me pareceu ser uma viagem interminável,

descendo rumo a terras mais quentes. Suponho que a dado momento Cavalaria veio ver o bastardo que gerara, sentenciando-se por minha causa, mas não possuo qualquer memória de tal encontro com o meu pai. A única imagem dele que trago na mente é a de um retrato numa parede em Torre do Cervo. Anos mais tarde, foi-me dito que a diplomacia dele correria bem, garantindo um tratado que durou até à minha adolescência, e ganhando o respeito e até a admiração dos Chyurda.

Na verdade, eu fui o seu único falhanço nesse ano, mas um falhanço de proporções monumentais. Seguiu à nossa frente rumo a Torre do Cervo e, ao chegar, abdicou do direito ao trono. Na altura em que nós chegámos, ele e a Dama Paciência já tinham partido da corte, para viver como Senhor e Dama da Floresta Mirrada. Estive uma vez na Floresta Mirrada. O nome não tem qualquer relação com a aparência do lugar. É um vale quente, em torno de um rio que flui gentilmente e entalha uma larga planura, aninhada entre contrafortes que se erguem suavemente. Um lugar para fazer crescer uvas, grão e crianças rechonchudas; uma propriedade tranquila, longe das fronteiras, longe das políticas da corte, longe de tudo o que fora a vida de Cavalaria até então. Era uma reforma, um exílio brando e bem-educado para um homem que poderia ter sido rei. O sufocamento aveludado de um guerreiro e o silenciar de um raro e hábil diplomata.

E assim cheguei a Torre do Cervo, o filho único e bastardo de um homem que nunca viria a conhecer. O Príncipe Veracidade tornou-se Príncipe Herdeiro, e o Príncipe Majestoso subiu um degrau na linha de sucessão. Se tudo o que eu tivesse feito na vida fosse ter nascido e ser descoberto, teria ainda assim deixado uma marca através da terra para todo o sempre. Cresci sem pai e sem mãe, numa corte onde todos me conheciam como catalisador. E catalisador me tornei.

CAPÍTULO DOIS

O Novato

HÁ MUITAS LENDAS ACERCA DE TOMADOR, o Ilhéu que fez de Torre do Cervo o seu Primeiro Ducado e fundou a linhagem real dos Visionários. Uma é que a viagem de saque em que chegou a estas costas foi a sua primeira e única excursão para fora da fria e dura ilha em que nascera. Diz-se que, ao ver as fortificações de madeira de Torre do Cervo, terá anunciado: “Se houver fogo e comida ali, não voltarei a partir.” E havia, e ele não partiu.

Mas o rumor que corre na família diz que ele era mau marinheiro, enjoado pela água ondulante e pelas rações de peixe salgado das quais outros Ilhéus se sustentavam; que ele e a sua tripulação tinham estado perdidos por dias na água, e que, se não tivesse logrado tomar Torre do Cervo, a sua própria tripulação o teria atirado ao mar. De qualquer forma, a velha tapeçaria no Grande Salão representa-o como um homem forte e musculado, sorrindo ferozmente sobre a proa do navio enquanto os remadores o impelem rumo a uma Torre do Cervo ancestral, feita de madeira e pedra mal trabalhada.

Torre do Cervo começara a existência como uma posição defensável ao lado de um rio navegável, na boca de uma baía com um excelente ancoradouro. Um chefe tribal insignificante, cujo nome se perdeu nas brumas da história, vira a possibilidade de controlar a partir daquela posição o comércio do rio, e construiu a fortaleza original. Ostensivamente, teve de a construir de forma a defender tanto o rio como a baía dos salteadores Ilhéus que a cada Verão vinham saquear as povoações e embarcações ao

longo do rio, mas não se apercebeu até ser tarde demais de que os salteadores se tinham infiltrado nas suas fortificações à traição. E assim, os salteadores fizeram daquelas torres e muralhas a sua base. A partir dali, foram estendendo a zona que dominavam, ocupando as terras ao longo do rio e reconstruindo o forte primitivo de madeira com torres e muralhas de pedra, até por fim fazerem de Torre do Cervo o coração do Primeiro Ducado e a eventual capital do reino dos Seis Ducados.

A casa governante dos Seis Ducados, os Visionários, descendia desses Ilhéus. Mantiveram, por várias gerações, as suas ligações aos Ilhéus, fazendo viagens às Ilhas Externas em busca de esposas, e retornando a casa com noivas roliças e escuras da sua própria gente. Por causa disso, o sangue dos Ilhéus continuou a correr com vigor nas linhagens reais e casas nobres, produzindo crianças de cabelo negro, olhos escuros e membros robustos e musculados. Com tais atributos vinha uma apetência para o Talento, e todos os perigos e fraquezas inerentes a tal sangue. Também eu possuía a minha cota parte dessa herança.

Mas a minha primeira experiência em Torre do Cervo nada teve a ver com história ou legado. Eu apenas conhecia o lugar enquanto destino final da minha viagem, um panorama de ruído e gente, de carroças, cães, edifícios e ruas coleantes pelas quais fui conduzido a uma imensa fortaleza de pedra, empoleirada sobre as falésias que dominavam a cidade, abrigada debaixo delas. O cavalo de Castro estava cansado, e os cascos escorregavam-lhe nas frequentemente sujas pedras da calçada das ruas da cidade. Eu agarrava-me tenazmente ao cinto de Castro, demasiado cansado e dorido para sequer me queixar. Ergui a cabeça uma vez para contemplar as torres e paredes altas e cinzentas do forte que se erguia diante de nós. Pareceu-me frio e severo, mesmo debaixo do calor desconhecido da brisa marítima. Encostei a minha frente às costas dele e senti-me enjoado pelo odor salobro e iodífero da imensa extensão de água. E assim cheguei a Torre do Cervo.

Castro tinha os aposentos sobre os estábulos, não muito longe do pátio. Foi para aí que me levou, juntamente com os cães e o falcão de Cavalaria. Tratou do falcão primeiro, pois estava tristemente ensopado da viagem. Os cães ficaram transbordantes de felicidade por chegarem a casa e pareciam instilados de uma energia sem limites que era muito irritante para alguém tão cansado quanto eu. Narigudo empurrou-me meia dúzia de vezes antes que conseguisse transmitir à sua cabeça dura de cão que estava cansado e meio enjoado e sem disposição para brincadeiras. Respondeu-me como qualquer cãozinho faria, procurando os antigos companheiros de ninhada e embrenhado-se imediatamente numa luta semi-séria com um deles, a qual foi terminada subitamente por um

grito de Castro. Ele era o homem de Cavalaria, mas, quando estava em Torre do Cervo, era também o senhor dos cães, dos falcões e dos cavalos.

Tendo tratado dos seus próprios animais, caminhou através dos estábulos, verificando tudo o que fora feito, ou deixado por fazer, durante a sua ausência. Moços de estrebaria, criados e falcoeiros apareceram como se por magia para defenderem os seus encargos de quaisquer reparos. Corri atrás dele por quanto tempo pude. Foi apenas quando finalmente desisti e me atirei cansadamente para cima de uma pilha de palha, que ele pareceu aperceber-se de mim. Um olhar de irritação seguido de um olhar de grande cansaço perpassaram-lhe pela face.

“Aqui, tu, Garrano. Leva o jovem Fitz às cozinhas, assegura-te de que ele é alimentado, e depois trá-lo de volta aos meus aposentos.”

Garrano era um rapaz dos cães, pequeno e escuro, de cerca de dez anos de idade, que acabara de ser elogiado pela saúde de uma ninhada que fora parida na ausência de Castro. Momentos antes saboreara a aprovação de Castro, mas, ao receber estas novas ordens, o seu sorriso quebrou-se, e olhou para mim dubiamente. Fitámo-nos um ao outro enquanto Castro se dirigia à linha de cavaliariças com o seu séquito de tratadores nervosos. Então o rapaz encolheu os ombros e dobrou-se para me encarar. “Então estás com fome, não é, Fitz? Vamos procurar-te qualquer coisa pra trincares?”, perguntou prazenteiramente, exactamente no mesmo tom que usara antes para persuadir os cachorrinhos a virem ter a um sítio onde Castro os pudesse ver. Eu anuí, aliviado por ele não esperar de mim mais que de um cãozinho, e segui-o.

Ele olhava para trás com frequência, para ver se eu continuava a acompanhá-lo. Assim que estávamos fora dos estábulos, Narigudo veio aos pinotes juntar-se a mim. A evidente afeição do cão por mim elevou-me na estima de Garrano, e continuou a falar-nos a ambos com curtas frases de encorajamento, dizendo-nos que havia comida quase já à nossa frente, vinde, anda vem, não, não vás para aí atrás do gato, andai lá, vinde, bonitos meninos.

Os estábulos estavam atravancados com os homens de Veracidade instalando os cavalos e equipamento, e Castro apontava tudo o que não fora feito ao nível das suas expectativas durante o tempo em que estivera ausente. Mas, à medida que nos aproximávamos da torre interior, o movimento de pés aumentava. Gente passava por nós de raspão, ocupada com todo o tipo de tarefas: um moço carregando um imenso pedaço de presunto sobre o ombro, um grupo de meninas a dar risadinhas, braços atafalhados com canas e urze, um velho de expressão carregada com um cesto de peixe, e três jovens mulheres em trajés variegados, as suas vozes soando

tão alegremente quanto o repicar dos sinos que traziam pendurados nas vestes.

O nariz informou-me de que nos aproximávamos das cozinhas, mas o tráfego aumentava proporcionalmente, até que à beira da porta havia uma verdadeira multidão de gente a entrar e a sair. Garrano parou, e Narigudo e eu parámos atrás dele, narizes ocupados a avaliar a situação. Estudou a massa de gente à porta e franziu as sobrancelhas. “O lugar ‘tá cheio. Toda a gente se prepara pra hoje à noite, pró banquete de boas-vindas a Veracidade e Majestoso. Toda a gente que é alguém veio a Torre do Cervo; as novas acerca de Cavalaria desistir do trono espalham-se depressa. Todos os Duques vieram ou enviaram representantes. Ouvei que mesmo os Chyurda enviaram alguém, para terem certeza que os tratados de Cavalaria serão honrados se Cavalaria já não estiver por aí...”

Ele parou, subitamente embaraçado, mas se foi porque estava a falar acerca do meu pai àquele que era a causa da sua abdicação, ou porque estava a interpelar um cãozinho e um miúdo de seis anos como se eles tivessem inteligência, não o sei ao certo. Olhou em seu redor de relance, reavaliando a situação. “Esperem aqui,” disse-nos finalmente. “Eu vou lá dentro e trago-vos alguma coisa. Menos chances de que alguém me pise... ou apanhe. Fiquem aqui.” E reforçou o comando com um gesto firme da mão. Recuei até a um muro e acocorei-me ali, fora do caminho do tráfego. Narigudo sentou-se obedientemente a meu lado. Observei fascinado como Garrano se aproximou da porta, fazendo o seu caminho pelo meio da multidão e coleando facilmente para dentro das cozinhas.

Com Garrano fora de vista, a gente que passava chamou a minha atenção. A maior parte tratava-se de serventes e cozinheiros, alguns menestres, mercadores e entregadores. Observei-os chegar e partir com uma curiosidade cansada. Tinha visto já demasiado nesse dia para os achar de grande interesse. Quase mais do que comida, desejava um lugar sossegado longe desta actividade toda. Sentei-me no chão, as costas de encontro à parede do castelo aquecida pelo sol, e descansei a fronte sobre os joelhos. Narigudo encostou-se a mim.

A cauda de Narigudo a bater no chão despertou-me. Levantei a face dos joelhos para me aperceber de um par de botas altas castanhas diante de mim. Os meus olhos moveram-se para cima, passando por umas calças de couro duro e uma camisa de lã grosseira, até alcançarem a face desgrenhada e barbuda, com cabelo cinzento da cor da pimenta, que as encimava. O homem olhava-me, balançando uma pequena pipa sobre um dos ombros.

“És o bastardo, nã’ é?”

Eu ouvira a palavra vezes que chegassem para saber que se referia

a mim, sem compreender exactamente o que significava. Anui lentamente. A cara do homem iluminou-se com interesse.

“Ei,” disse ele alto, já não a falar comigo, mas com a gente que ia e vinha. “Tá aqui o bastardo. O rebento de Cavalaria, o Mais-Teso-Que-Um-Pau. Parece-se bem com ele, não achais? Quem é a tua mãe, miúdo?”

A maior parte das pessoas que passavam continuaram a ir e vir, sem mais que um olhar curioso ao rapazinho de seis anos sentado contra o muro, mas a questão do homem do barril era evidentemente de grande interesse, porque mais do que umas poucas cabeças se viraram, e vários comerciantes que acabavam de sair da cozinha se aproximaram para ouvir a resposta.

Resposta essa que eu não tinha. A Mãe fora a Mãe e o que quer que eu tivesse sabido acerca dela começava já a desvanecer-se-me da memória. Portanto, não respondi, e olhei-o apenas.

“Ei! Qual é o teu nome então, moço?” E, virando-se para a sua audiência, segredou, “Ouvi dizer que nã’ tem nome. Nenhum grandioso nome real para o moldar, nenhum nome de quinta com o qual o insultar. É verdade isso, rapaz? Ou tens nome?”

O grupo de mirones crescia. Uns poucos mostravam compaixão nos olhos, mas nenhum interferiu. Algo do que eu estava a sentir passou para o Narigudo, que se deixou cair de lado e mostrou a barriga em súplica enquanto batia a cauda, naquele antigo sinal canino que quer dizer, “Sou apenas um cãozinho. Não me posso defender. Tende piedade.” Tivessem eles sido cães, ter-me-iam farejado, afastando-se a seguir, mas os humanos não têm dessas cortesias inatas. E assim, quando não respondi, o homem aproximou-se mais um passo e repetiu, “Tens nome, rapaz?”

Levantei-me lentamente, e o muro, que tinha sido quente contra as minhas costas apenas um momento atrás, era agora uma barreira gelada que me impedia a retirada. Aos meus pés, Narigudo contorceu-se de costas na poeira e produziu um gemido suplicante. “Não,” disse eu suavemente, e quando o homem se começou a debruçar para ouvir as minhas palavras, “Não!”, gritei, e *repeli-o*, enquanto me movia de lado pelo muro como um caranguejo. Vi-o cambalear um passo para trás, largando o seu barril, que caiu no caminho pavimentado e rachou-se. Ninguém na multidão podia ter compreendido o que acontecera. Eu, por certo que não. A maior parte das pessoas riu-se ao ver um homem adulto encolher-se de medo diante de uma criança. Nesse momento fez-se a minha reputação de temperamento e atitude porque, antes que a noite caísse, já a história do bastardo confrontando o seu atormentador se espalhara pela cidade toda. Narigudo levantou-se e fugiu comigo. Vi de relance a cara de Garrano, tensa de confusão quando

emergiu da cozinha, empadões nas mãos, e viu Narigudo e eu a fugirmos. Se fosse Castro, eu provavelmente teria parado, confiando-lhe a minha segurança. Mas não era, e por isso eu corri, deixando Narigudo tomar a liderança.

Fugimos através dos criados em desfile, apenas mais um rapazinho e o seu cão correndo pelo terreiro, e Narigudo levou-me para o que ele obviamente considerava o lugar mais seguro do mundo. Longe da cozinha e da torre de menagem ficava um buraco que Raposa escavara debaixo de um canto de um anexo pouco sólido onde sacos de ervilhas e feijões eram armazenados. Aqui nascera Narigudo, totalmente contra a vontade de Castro, e aqui conseguira ela manter as crias escondidas durante pelo menos três dias. O próprio Castro a encontrara aqui. O cheiro dele era o primeiro cheiro humano que Narigudo se conseguia lembrar. A abertura que dava acesso ao espaço debaixo do edifício era extremamente apertada, mas, uma vez lá dentro, o covil era quente e seco e semi-escurecido. Narigudo aconchegou-se a mim, e eu pus o braço em torno dele. Escondidos ali, os nossos corações depressa relaxaram os batimentos descontrolados, e de inquietos passámos a um sono profundo e sem sonhos, reservado para quentes tardes de Primavera e cachorrinhos.

Eu acordei com arrepios, várias horas depois. Estava já completamente escuro, e o calor ténue daquele dia de início de Primavera dissipara-se. Narigudo acordou ao mesmo tempo que eu, e juntos rastejámos para fora do covil.

Havia um céu nocturno sobre Torre do Cervo, com estrelas luzindo, claras e frias. O odor da baía era mais forte, como se os cheiros diurnos de homens, cavalos e cozinhados fossem coisas temporárias que se deviam render cada noite ao poder do oceano. Percorremos caminhos desertos, através de terreiros de exercício, passando por celeiros e lagares. Tudo estava quieto e silencioso. À medida que nos aproximávamos da torre de menagem, comecei a ver tochas ainda ardentes e a ouvir vozes ocupadas em conversa, mas tudo isso parecia de certa maneira cansado, os últimos vestígios da folia perdendo a força antes que a madrugada viesse para tomar os céus. Ainda assim, circundámos a torre de menagem a uma larga distância, encontrando gente de sobra.

Dei por mim a seguir Narigudo de volta aos estábulos. Ao aproximarmo-nos das pesadas portas, pus-me a pensar em como haveríamos de entrar, mas a cauda de Narigudo começou a abanar rapidamente à medida que nos aproximávamos, e até o meu pobre nariz captou o cheiro de Castro no escuro. Ergueu-se da caixa de madeira em que estava sentado ao pé da porta. “Aí estais vós,” disse numa voz calma. “Vinde lá, então. Vinde.” E levantou-se, abriu as pesadas portas e fez-nos entrar.

Nós seguimo-lo pela escuridão, por entre as filas de estábulos, passando por moços de estrebaria e tratadores visitantes que tinham sido ali albergados por aquela noite, e depois pelos nossos próprios cavalos, cães e moços de estrebaria, que dormiam entre eles, e então por uma escadaria que trepava a parede entre os estábulos e a falcoaria. Seguimos Castro para cima, por degraus de madeira rangente, até alcançar uma outra porta que ele abriu. A luz amarela pálida de uma vela derretendo sobre a mesa cegou-me temporariamente. Seguimos Castro para dentro de um quarto de tecto inclinado, que cheirava a Castro, a couro e aos óleos, unguentos e ervas que eram parte do trabalho de Castro. Ele fechou a porta firmemente atrás de nós e, quando passou por nós para acender uma vela nova em cima da que estava sobre a mesa, quase acabada, cheirei nele a doçura do vinho.

A luz espalhou-se, e Castro sentou-se numa cadeira de madeira em frente à mesa. Parecia diferente, vestido com um tecido fino e elegante, castanho e amarelo, com um pouco de fio de prata a ornar-lhe a jaqueta. Pôs uma mão de palma para cima no joelho, e Narigudo foi imediatamente ter com ele. Castro esfregou-lhe as orelhas de abano e bateu-lhe afectuosamente nas costelas, rindo-se do pó que se ergueu do pêlo dele. “Sois um belo par, vós os dois,” disse, falando mais para o cãozinho do que para mim. “Olhai para vós. Sujos como vagabundos. Menti hoje ao meu rei por vossa causa. É a primeira vez na vida que faço tal coisa. Parece que a queda em desgraça de Cavalaria me há-de levar atrás. Disse-lhe que tu estavas lavado e a dormir profundamente, exausto da viagem. Não ficou nada contente por ter de esperar para te ver, mas, felizmente para nós, tinha coisas mais graves com que se preocupar. A abdicação de Cavalaria pôs em alvoroço muitos dos nobres. Alguns vêem nisto uma oportunidade para ganhar vantagem, e outros estão desapontados por lhes ser negado um rei que admiravam. Sagaz está a tentar acalmá-los a todos. Deixou circular o rumor de que foi Veracidade quem negociou com os Chyrda desta vez. Na minha opinião, quem for capaz de acreditar nisso não deve ser deixado a andar por aí sozinho. Mas eles vieram, para olharem Veracidade com novos olhos e põem-se a magiar se, e quando, será ele o novo rei, e que tipo de rei poderá ele ser. A desistência e abandono de Cavalaria para a Floresta Mirrada pôs em alvoroço todos os Ducados, como se tivesse dado uma pancada com um pau numa colmeia.”

Castro ergueu os olhos do focinho ávido de Narigudo. “Bem, Fitz. Creio que tiveste um gosto disto hoje. Assustaste de morte o pobre Garrano, fugindo daquela maneira. Ora então, estás magoado? Alguém te tratou mal? Eu devia saber que alguém te culparia de todo este alvoroço. Vem cá, então. Vem.”

Quando eu hesitei, ele dirigiu-se a uma cama de cobertores prepara-

da ao pé do fogo e deu-lhe umas palmadinhas de modo convidativo. “Vês? Há já um lugar aqui pronto para ti. E há pão e carne na mesa para ambos.”

As palavras dele alertaram-me para uma travessa coberta sobre a mesa. *Carne*, confirmaram os sentidos de Narigudo, e eu fiquei subitamente cheio do odor da carne. Castro riu-se da nossa corrida alvoroçada em direcção à mesa e silenciosamente aprovou a forma como eu dei uma porção a Narigudo antes de encher as minhas próprias mandíbulas. Comemos até estarmos plenamente saciados, pois Castro não subestimara o quão esfaimados um cãozinho e um rapaz estariam depois das desventuras do dia. E então, apesar da nossa longa soneca anterior, os cobertores ao pé da lareira pareceram subitamente muito convidativos. De barrigas cheias, enroscámo-nos, com as chamas a cozerem-nos as costas, e adormecemos.

Quando acordámos no dia seguinte, o Sol ia já alto no céu, e Castro partira. Narigudo e eu comemos o que restava do pão da noite anterior e roemos os ossos dos restos até os limpar, antes de descermos dos aposentos de Castro. Ninguém nos interpelou ou pareceu notar a nossa presença.

Cá fora, outro dia de caos e folia começava. A torre estava ainda mais cheia de gente. Os passos levantavam pó, e as vozes misturadas eram como uma manta sobre o sussurrar do vento e o ainda mais distante queixume das ondas. Narigudo absorveu tudo isso, cada odor, cada imagem, cada som. O impacto sensorial dobrado entonteceu-me. Enquanto andava, ia aprendendo, a partir de fragmentos de conversas, que a nossa chegada coincidira com um certo rito primaveril de festejos e convívio. A abdicação de Cavalaria ainda era o tópic principal, mas não impedira os espectáculos de fantoches e malabaristas de fazerem de cada canto um palco para as suas palhaçadas. Pelo menos um espectáculo de fantoches incorporara já a queda de Cavalaria na sua comédia lasciva, e eu mantive-me anónimo no meio da multidão e interroguei-me sobre o significado de um diálogo acerca de semear os campos dos vizinhos que fazia os adultos rebentar a rir.

Mas cedo as multidões e o barulho se tornaram opressivos para nós; e eu deixei Narigudo saber que desejava escapar àquilo tudo. Deixámos a torre de menagem, atravessando o portão grosso da muralha e passámos pelos guardas intencionados em namoriscar as romeiras enquanto estas iam e vinham. Um rapaz e o seu cão saindo atrás de uma família de peixeiros não eram nada de que se prestasse conta. E, sem melhor distracção à vista, seguimos essa família à medida que calcorreava o caminho para baixo, pelas ruas que se afastavam da fortaleza e levavam à cidade de Torre do Cervo. Fomo-nos atrasando mais e mais, à medida que novos odores requeriam que Narigudo investigasse e a seguir urinasse em cada canto, até que éramos só ele e eu a vaguear pela cidade.

Torre do Cervo era então um lugar ventoso e áspero. As ruas eram íngremes e contorcidas, e as pedras do pavimento balançavam e escorregavam dos seus lugares sob o peso das carroças que passavam. O vento fustigava-me as narinas de montanhês com o cheiro de algas e de entra-nhas de peixe, enquanto que o gemido das gaivotas e das aves marinhas era uma melodia fantasmagórica sobre o murmurejar rítmico das ondas. A povoação colava-se às falésias rochosas e negras como as lapas se colam aos molhes que se estendem pela baía. As casas eram de pedra e madeira, com as mais elaboradas entre as de madeira construídas mais alto na face rochosa e mais profundamente incrustadas nela.

A Cidade de Torre do Cervo estava relativamente sossegada, em comparação com as festividades e multidões na torre. Nenhum de nós tinha o bom-senso ou a experiência necessária para saber que a zona da cidade em frente ao mar não é o melhor lugar para uma criança de seis anos e um cãozinho vaguearem. Narigudo e eu explorámos avidamente, farejando o nosso caminho pela Rua dos Padeiros abaixo, e através de um mercado quase deserto, e depois através dos armazéns e dos alpendres para barcos que ficavam no nível mais baixo da povoação, onde tínhamos a água por perto e andávamos nos cais de madeira com tanta frequência como em areia e pedra. A actividade aqui decorria como de costume, pouco influenciada pela atmosfera carnavalesca que se fazia sentir lá em cima na torre. Os navios têm de acostar e descarregar consoante lhes permitem a subida e descida das marés, e os que vivem da pesca têm de seguir os calendários dos bichos de barbatanas e não os dos homens.

Depressa encontrámos crianças, algumas ocupadas com as tarefas menores dos mesteres dos seus pais, mas algumas ociosas como nós. Eu dei-me facilmente com elas, com pouca necessidade de apresentações ou quaisquer outras das regras de educação dos adultos. A maior parte delas era mais velha do que eu, mas também os havia da mesma idade ou mais novos. Nenhuma pareceu achar estranho que eu andasse por ali sozinho. Foram-me apresentadas todas as vistas importantes da cidade, incluindo o corpo inchado de uma vaca que dera à costa com a última maré. Visitámos um novo barco de pesca em construção numa doca cheia de lascas enroladas e do forte cheiro a pez entornado. Uma grelha de fumar o peixe, deixada sem ninguém a tomar conta, forneceu um repasto de meio-dia para meia dúzia de nós. Se as crianças com quem eu estava eram mais andrajosas e barulhentas do que as que passavam por nós ocupadas com as suas tarefas, não me apercebi disso. E se alguém me tivesse dito que eu estava a passar o dia com uma matilha de fedelhos vagabundos, proibidos de entrar na torre por causa dos seus costumes de dedos leves, teria ficado chocado. Naquela

altura sabia apenas que era um dia subitamente animado e agradável, cheio de lugares onde ir e coisas para fazer.

Havia alguns miúdos, maiores e mais desgovernados, que teriam aproveitado a oportunidade de intimidar o recém-chegado se Narigudo não tivesse estado comigo e mostrado os seus dentes ao primeiro empurrão agressivo. Mas como não mostrei quaisquer sinais de querer contestar a sua liderança, foi-me permitido segui-los. Além disso, estava convenientemente impressionado com todos os segredos deles. Arriscar-me-ia a dizer que, no final da longa tarde, conhecia melhor o bairro pobre da povoação do que muitos dos que cresceram acima dele.

Não me foi perguntado o nome. Chamaram-me simplesmente de Novato. Os outros tinham nomes tão simples quanto Rodrigo ou Quim, ou tão descritivos quanto Picuinhas e Sangra-nariz. Esta última poderia ter sido uma menina muito bonita em melhores circunstâncias. Era um ano ou dois mais velha do que eu, mas muito directa e esperta. Meteu-se numa disputa com um rapaz grande de doze anos, mas não mostrou medo dos seus punhos, e as zombarias da sua língua afiada rapidamente puseram toda a gente a rir-se dele. Aceitou a vitória calmamente e deixou-me maravilhado com a sua dureza. Mas as pisaduras que exibia na cara e nos braços magros tinham várias camadas, em tons de púrpura, azul e amarelo, enquanto que uma crosta de sangue seco debaixo de uma orelha fazia jus ao seu nome. Mesmo assim, Sangra-nariz era cheia de vida, e a sua voz, mais estridente do que as gaivotas que rodopiavam por cima de nós. No final da tarde, encontrava-me eu, Quim e Sangra-nariz numa margem rochosa para lá das armações dos homens que remendavam as redes, com Sangra-nariz a ensinar-me a procurar nas rochas por berbigão bem agarrado, o qual ela retirava como uma perita com o auxílio de um pau afiado. Estava a mostrar-me como usar a unha para arrancar os interiores mascáveis para fora das conchas, quando outra rapariga nos chamou com um grito.

A capa azul limpa que ondulava à volta dela e os sapatos de couro nos pés separavam-na dos meus companheiros. Não veio juntar-se à nossa colheita, mas apenas se aproximou o quanto chegasse para chamar, “Moli, Moli, ele anda à tua procura por todo o lado! Acordou quase sóbrio há uma hora e pôs-se a chamar-te nomes assim que descobriu que tinhas desaparecido e que o fogão estava apagado.”

Um olhar de desafio misturado com medo perpassou pela face de Sangra-nariz. “Foge, Quita, mas leva os meus agradecimentos contigo. Hei-de me lembrar de ti da próxima vez que as marés destaparem as camas dos caranguejos.”

Quita baixou a cabeça num breve sinal de entendimento, virou-se imediatamente e despachou-se de volta pelo caminho por onde viera.

“Estás metida em algum sarilho?” perguntei eu a Sangra-nariz quando ela não recomeçou a levantar pedras à procura de berbigão.

“Sarilho?” Bufou de desdém. “Depende. Se o meu pai se conseguir manter sóbrio tempo que chegue para me encontrar, posso bem estar a habilitar-me a um mau bocado. Mas é mais do que provável que hoje à noite esteja bêbedo que baste para que nada do que ele atire contra mim acerte. É mais do que provável!” repetiu firmemente quando Quim abriu a boca para objectar. E com isso, voltou à praia rochosa e à nossa busca por berbigão.

Estávamos agachados sobre uma criatura cinzenta com muitas patas que tínhamos encontrado encalhada num charco deixado pela maré, quando o bater de uma bota pesada nas rochas cheias de lapas nos ergueu as cabeças a todos. Com um grito, Quim desatou a fugir pela praia, sem olhar para trás. Narigudo e eu demos um salto, recuando, e Narigudo atirou-se para cima de mim, os dentes bravamente arreganhados enquanto a cauda lhe fazia cócegas à barriguinha covarde. Moli Sangra-nariz ou não foi tão rápida a reagir ou resignou-se ao que lhe ia acontecer. Um homem desajeitado acertou-lhe uma pancada no lado da cabeça. Era um homem magrinho, de nariz vermelho, esquelético, de tal forma que o seu punho era como um nó no final do braço ossudo, mas o golpe ainda assim foi suficiente para fazer Moli estatelar-se no chão. Lapas cortaram-lhe os joelhos avermelhados pelo vento e, enquanto ela gatinhava para o lado a fim de evitar o chuto desajeitado que ele lhe apontava, estremei ao ver os novos cortes encherem-se de areia salgada.

“Cabrita infiel! Não te disse para ficares e tomares conta da mistura? E aqui te venho encontrar a fazer parvoíces pela praia, com o sebo endurecido no pote. Na torre hão-de querer mais velas hoje à noite, e o que é que eu lhes hei-de vender?”

“As três dúzias que eu preparei esta manhã. Foi apenas para essa quantidade que me deixaste pavio, velho bêbedo!” Moli levantara-se e confrontava-o bravamente apesar dos seus olhos alagados de lágrimas. “O que é que eu havia de fazer? Queimar o combustível todo a manter o sebo mole para que, quando finalmente me desses pavios, não tivéssemos maneira de aquecer a caldeira?”

O vento soprou forte, fazendo o homem vacilar. Trouxe-nos uma baforada do seu cheiro. Suor e cerveja, informou-me Narigudo sabiamente. Por um momento o homem pareceu arrependido, mas então as dores da barriga amarga e da cabeça latejante endureceram-no. Baixou-se de repente e apanhou um ramo de madeira esbranquiçada que dera à costa. “Tu não falas comigo assim, fedelha insolente! A andar por aqui com vagabundos, fazendo sabe lá El o quê! A roubar das grelhas de defumação

outra vez, aposto, e a trazer-me mais vergonha! Atreve-te a fugir e hás-de apanhar o dobro quando te apanhar!”

Ela deve ter acreditado nele, pois apenas se encolheu enquanto ele avançava, primeiro levantando os magros braços para proteger a cabeça e, depois, parecendo pensar melhor nisso, e escondendo apenas a face com as mãos. Eu fiquei ali, petrificado de horror, enquanto Narigudo gania com o meu terror e urinava-me nos pés. Ouvi o silvo do pau a descer. O coração pulou-me para o lado no peito, e empurrei o homem, a força saltando-me estranhamente da barriga.

Ele caiu, como tinha caído o homem da pipa no dia anterior. Mas este homem tombou agarrando-se ao peito, a sua arma de madeira rodopiando para longe, inofensivamente. Estendeu-se na areia, deu um espasmo que lhe percorreu o corpo todo e ficou quieto.

Um instante mais tarde, Moli abriu os olhos, encolhendo-se do golpe que ainda esperava. Viu o pai inerte na praia rochosa e o espanto esvaziou-lhe a face. Saltou para ele, gritando “Papá, papá, estás bem? Por favor, não morras, desculpa-me por ser uma rapariga tão má! Não morras, eu vou ser boazinha, eu prometo que vou ser boazinha”. Ignorando os joelhos ensanguentados, ajoelhou-se ao lado dele, virando-lhe a face de forma a que não respirasse na areia, tentando em vão fazê-lo sentar-se.

“Ele ia matar-te,” disse-lhe, tentando compreender a situação.

“Não. Ele bate-me um bocado, quando eu sou má, mas nunca me mataria. E quando está sóbrio e não está doente, chora e implora-me que não seja má e que não o arrelie. Devia ter mais cuidado para não o arreliar. Oh, Novato, acho que está morto.”

Eu próprio não tinha a certeza, mas, nesse momento, ele deu um gemido horrível e entreabriu os olhos. O ataque que o fizera cair parecia ter passado. Confuso, aceitou as auto-acusações de Moli e a sua ajuda ansiosa, e até o meu auxílio relutante. Encostou-se a ambos, enquanto serpenteávamos o nosso caminho pela praia rochosa sobre o piso irregular. Narigudo seguia-nos, ladrando e correndo em círculos à nossa volta.

As poucas pessoas que nos viram passar não nos prestaram atenção. Imaginei que a visão de Moli ajudando o pai de volta a casa não era estranha a nenhum deles. Ajudei-os até à porta da pequena velaria, com Moli soluçando desculpas a cada passo do caminho. Deixei-os ali, e Narigudo e eu encontrámos o nosso caminho através das ruas coleantes e de uma estrada muito inclinada em direcção à torre, observando a cada passo as andanças do povo.

Tendo agora achado a povoação e as crianças mendigas, estas atraíram-me como um magneto durante os dias que se seguiram. Os dias de Castro eram ocupados pelos seus afazeres, e as noites, com a bebida e

as comemorações da Festa da Primavera. Prestava por isso pouca atenção às minhas idas e vindas, desde que a cada noite me encontrasse na cama de cobertores em frente à lareira. Na verdade, penso que não sabia o que havia de fazer comigo, exceptuando assegurar-se de que eu estava suficientemente bem alimentado para crescer saudável e de que dormia seguro e confortável à noite. Não pode ter sido um bom tempo para ele. Fora o homem de confiança de Cavalaria e, agora que Cavalaria se banira a si mesmo, o que seria dele? Tudo isso lhe devia andar na cabeça. E havia o problema da perna. Apesar dos seus conhecimentos de emplastros e de pensos, não parecia ser capaz de fazer funcionarem em si próprio os curativos que rotineiramente empregava nos animais. Uma ou duas vezes vi o ferimento destapado e estremei ao notar o corte rasgado que se recusava a cicatrizar suavemente, mas que se mantinha inchado e húmido. A princípio, Castro começava por amaldiçoá-lo e cerrava os dentes severamente cada noite enquanto o limpava e punha um novo penso, mas, à medida que os dias passavam, olhava cada vez mais para o ferimento com um desespero doentio. Eventualmente conseguiu fechá-lo, mas a cicatriz viscosa torceu-lhe a perna e desfigurou-lhe o andar. Não é de admirar que tivesse pouca atenção para dar a um jovem bastardo deixado a seu cargo.

E assim eu corria livre como apenas as crianças pequenas podem, sem ser notado a maior parte das vezes. Pela altura em que a Festa da Primavera tinha acabado, os guardas do portão da torre tinham-se acostumado às minhas idas e vindas diárias. Provavelmente pensaram que eu era um moço de recados, pois a torre tinha muitos desses, apenas ligeiramente mais velhos do que eu. Aprendi a surripiar, bem cedo pela manhã da cozinha da torre, comida que chegasse para que Narigudo e eu tivéssemos um belo pequeno-almoço. Colectar os pães queimados dos padeiros, o berbigão e algas da praia, e o peixe fumado das grelhas abandonadas, tornou-se uma componente regular das minhas actividades diárias. Moli Sangra-nariz era a minha companheira mais frequente. Raramente vi o pai dela bater-lhe depois desse dia; a maior parte das vezes estava demasiado bêbedo para a encontrar ou concretizar as suas ameaças quando efectivamente a encontrava. Acerca do que eu fizera naquele primeiro dia, pensava pouco, a não ser para me sentir grato que Moli não se apercebera de que fora eu o responsável.

A povoação tornara-se o meu mundo, enquanto que a torre era o lugar aonde eu ia dormir. Era Verão, uma estação maravilhosa numa cidade portuária. Para onde quer que fosse, a cidade de Torre do Cervo estava viva com as idas e vindas. As mercadorias chegavam pelo rio Cervo abaixo, oriundas dos Ducados do Interior, em barcas chatas tripuladas por barqueiros suados. Esses falavam com autoridade de bancos de areia e de marcos e do

subir e descer das águas do rio. A carga que traziam era erguida para dentro das lojas da povoação e dos armazéns, e depois levada para as docas, rumo aos porões dos navios. Esses eram tripulados por marinheiros que praguejavam constantemente e que desprezavam os homens do rio com os seus costumes de gente do interior. Falavam de marés e de tempestades e noites em que nem mesmo as estrelas mostravam as suas faces para os guiar. E os pescadores atracavam também nas docas de Torre do Cervo, e eram o grupo mais amistoso, pelo menos quando havia fartura de peixe.

Quim ensinou-me as docas e as tavernas, e como um rapaz de pés lestos podia ganhar três ou mesmo cinco moedas por dia, levando mensagens a correr pelas ruas íngremes da povoação acima. Achávamo-nos espertos e ousados, estragando o negócio aos rapazes mais velhos que pediam duas moedas ou até mais por um só recado. Penso que nunca fui tão corajoso como naquele tempo. Se fechar os olhos, ainda posso cheirar esses dias gloriosos. Estopa de calafetar e pez e lascas frescas de madeira das docas secas, onde os construtores de barcos trabalhavam com as suas plainas e malhos. O doce odor do peixe muito fresco e o cheiro venenoso de uma rede cheia, deixada demasiado tempo fora num dia quente. Barris de carvalho de aguardente madura de Orla d' Areia, confundindo-se com o cheiro de balotes de lã ao sol. Fardos de feno à espera de adoçar um pique de vante misturavam os seus odores com caixas de melões duros. E todos esses cheiros eram postos a rodopiar pelo vento da baía, temperado com sal e iodo. Narigudo trazia tudo o que farejava à minha atenção, já que os seus sentidos mais aguçados se sobrepujam os meus, mais fracos.

Quim e eu éramos chamados para ir buscar um navegador que tinha ido dizer adeus à esposa ou para levar uma amostra de especiarias a um comprador numa loja. O chefe do porto podia enviar-nos a correr para fazer uma tripulação saber que algum idiota tinha atado mal as linhas e que a maré estava à beira de lhes roubar o navio. Mas os recados de que eu mais gostava eram os que nos levavam às tavernas, onde os contadores de histórias e os coscuvilheiros desempenhavam as suas funções. Os contadores de histórias narravam as lendas clássicas, de viagens de descoberta e tripulações que se aventuraram por tempestades terríveis e de capitães insensatos que naufragavam os seus navios com todos os seus homens. Aprendi muitas das lendas tradicionais, mas os relatos que mais me interessavam não vinham dos contadores profissionais, mas dos próprios marinheiros. Essas não eram histórias contadas à lareira para toda a gente ouvir, mas os avisos e notícias que passavam de tripulação para tripulação, quando os homens partilhavam uma garrafa de aguardente ou um pão de pólen amarelo.

Falavam das apanhas que haviam feito, de redes tão cheias que quase afundavam o barco, ou de peixes maravilhosos e de animais ent-

revistos apenas no caminho de uma lua cheia quando cortavam o rasto do navio. Havia relatos de aldeias saqueadas pelos Ilhéus, tanto na costa como nas ilhas exteriores do nosso Ducado, e estórias de piratas e batalhas no mar e navios tomados de dentro à traição. Os relatos mais excitantes eram os dos Salteadores dos Navios Vermelhos, Ilhéus que pilhavam e pirateavam, e que atacavam não só os nossos navios e aldeias mas mesmo até outros navios Ilhéus. Alguns escarneciam da ideia de navios de proa vermelha e gozavam com aqueles que contavam de piratas Ilhéus a virarem-se contra outros piratas como eles próprios.

Mas Quim, Narigudo e eu sentávamo-nos debaixo das mesas com as costas encostadas às pernas, mordiscando padas doces das que custavam uma moeda, e ouvíamos de olhos esbugalhados as estórias de navios de proa vermelha com uma dúzia de corpos balançando dos seus lais, não mortos, não, mas homens presos que se contorciam e gritavam quando as gaivotas vinham para os bicar. Ouvíamos estórias deliciosamente assustadoras, ao ponto de as tavernas atafalhadas nos parecerem geladas, e então corríamos de volta às docas para ganhar mais uma moeda.

Uma vez, Quim, Moli e eu construímos uma jangada com tábuas de madeira lançada à costa e andámos a empurrá-la com um pau debaixo das docas. Deixámo-la ali atada e, quando a maré veio, fez uma secção inteira da doca soltar-se e danificou dois esquifes. Durante dias morremos de medo que alguém descobrisse que fôramos nós os culpados. E uma vez o dono de uma taverna puxou as orelhas de Quim e acusou-nos a ambos de roubar. A nossa vingança foi um arenque malcheiroso que colocámos debaixo dos suportes do tampo de uma das suas mesas. Apodreceu e fedeu e atraiu moscas durante vários dias antes que ele o encontrasse.

Aprendi várias habilidades durante as minhas andanças: comprar peixe, remendar redes, construir barcos e preguiçar. Aprendi ainda mais sobre a natureza humana. Tornei-me um rápido juiz de personalidades, identificando quem efectivamente pagava a moeda prometida por uma mensagem entregue e quem apenas se ria de mim quando eu viesse colectar o pagamento. Sabia a qual padeiro podia mendigar e de que lojas era mais fácil roubar. E Narigudo estava sempre ao meu lado, tão preso a mim agora que a minha mente raramente se separava completamente da dele. Usava os seus olhos, nariz e boca como se fossem meus e nunca me ocorreu que isso fosse sequer um pouco estranho.

Assim se passou a melhor parte do Verão. Porém, num belo dia em que o Sol cavalgava num céu mais azul do que o mar, a minha boa sorte chegou ao fim. Moli, Quim e eu tínhamos surripiado de um fumadouro uma bela corrente de salsichas de fígado e íamos a fugir pela rua abaixo com o legítimo dono no nosso encalço. Narigudo estava connosco, como

sempre. As outras crianças tinham acabado por o aceitar como parte de mim. Penso que nunca lhes ocorreu suspeitar da nossa união de mentes. Nós éramos o Novato e o Narigudo e, provavelmente, eles pensaram que era apenas por meio de um qualquer truque engenhoso que Narigudo sabia, antes de eu o atirar, onde se devia colocar para apanhar o nosso espólio partilhado. Havia, portanto, quatro de nós, correndo através da rua congestionada, passando as salsichas de mão encardida para boca húmida e de volta, enquanto atrás de nós o dono gritava e nos perseguia em vão.

Então Castro saiu de uma loja.

Eu ia a correr na direcção dele. Reconhecemo-nos um ao outro num instante de consternação mútua. A expressão negra que lhe surgiu na face deixou-me sem quaisquer dúvidas acerca da minha conduta. Foge, decidi num fôlego, e esquivei-me das mãos que se estendiam para mim, para apenas descobrir numa súbita confusão que de alguma forma eu tinha corrido directamente de encontro aos seus braços.

Não gosto de falar do que aconteceu a seguir. Fui sovado, não apenas por Castro, mas pelo irado dono das salsichas. Todos os meus cúmplices, exceptuando Narigudo, se evaporaram nos cantos e recantos da rua. Narigudo foi ter com Castro a rosnar, e também ele foi sovado e repreendido. Observei em agonia Castro tirar moedas da bolsa para pagar ao homem das salsichas. Mantive-me firmemente seguro pelas costas da camisola, de tal forma que quase me ergueu no ar. Quando o homem das salsichas partiu e a pequena multidão que se juntara para ver a minha humilhação se dispersou, libertou-me finalmente. Tentei interpretar o olhar de repugnância que ele me deu. Com mais uma palmada com as costas da mão na parte de trás da minha cabeça, ordenou-me “Para casa. Agora.”

Assim fomos, e mais depressa do que alguma vez o tínhamos feito. Encontrámos a nossa cama de cobertores diante da lareira e esperámos ansiosamente. Esperámos durante toda a longa tarde e o início da noite. Ficámos ambos com fome, mas sabíamos que era melhor não sair dali. Houvera qualquer coisa no rosto de Castro mais assustadora mesmo que a fúria do pai de Moli.

Quando Castro chegou, já era noite cerrada. Ouvimos os passos na escada, e não precisei dos sentidos mais aguçados de Narigudo para saber que Castro estivera a beber. Encolhemo-nos quando ele entrou no quarto semi-obscurado. A sua respiração era pesada e tomou mais tempo do que de costume a acender as várias velas a partir da vela única que eu acendera. A seguir, deixou-se cair num banco e olhou-nos aos dois. Narigudo ganiu e deitou-se de lado numa súplica de cãozinho. Apetecia-me fazer o mesmo, mas contentei-me com olhar para ele temerosamente. Passado um momento, ele falou.

“Fitz. O que é aconteceu contigo? O que é que nos aconteceu a ambos? Andar a correr com ladrões vagabundos pelas ruas, tu, que tens o sangue de reis a correr nas veias. Em matilhas, como um animal.”

Não falei.

“E eu sou tão culpado quanto tu, parece-me. Anda cá, então. Anda cá, rapaz.”

Eu aventurei-me um passo ou dois em direcção a ele. Não me agradava aproximar-me demais.

Castro franziu o sobrolho ao ver as minha cautelas. “Estás aleijado, rapaz?”

Abanei a cabeça.

“Então anda cá.”

Hesitei, e Narigudo ganiu numa agonia de indecisão.

Castro olhou para ele de relance, surpreendido. Podia aperceber-me da mente dele a trabalhar através da névoa induzida pelo vinho. Os seus olhos moveram-se do cachorro para mim e de volta ao cachorro, e uma expressão enojada espalhou-se-lhe pela cara. Abanou a cabeça. Lentamente ergueu-se e caminhou para longe da mesa e do cachorro, afagando a perna ferida. Num canto do quarto havia uma pequena prateleira, que suportava uma variedade de ferramentas e objectos empoeirados. Lentamente, Castro esticou-se para apanhar um e trazê-lo para baixo. Era feito de madeira e couro e estava rijo da falta de uso. Balançou-o, e o curto açoite de couro estalou contra a perna dele. “Sabes o que isto é, rapaz?” perguntou suavemente, numa voz gentil.

Eu abanei a minha cabeça em silêncio.

“Chicote para cães.”

Olhei para ele atónito. Não havia nada na minha experiência ou na de Narigudo que me dissesse como reagir a isto. Castro deve ter notado a minha confusão. Sorriu abertamente, e a voz manteve-se amigável, mas detectei que essa atitude escondia algo, como se estivesse à espera de alguma coisa.

“É uma ferramenta, Fitz. Um instrumento de ensino. Quando tens um cãozinho que não presta atenção – quando dizes a um cachorro ‘Anda cá’ e o cachorro se recusa a vir – bem, uns poucos açoites com isto e o cão aprende a escutar e a obedecer à primeira. Apenas alguns cortes bem fundos é o que é preciso para um cachorro aprender a prestar atenção.” Falava casualmente enquanto baixava o açoite e deixava o curto chicote dançar levemente sobre o chão. Nem Narigudo nem eu conseguíamos desgrudar os olhos daquilo e, quando ele subitamente moveu o objecto na direcção de Narigudo, o cachorro deu um ganido de terror e um salto para trás, e correu a esconder-se atrás de mim.

Castro baixou-se devagar, cobrindo os olhos enquanto se dobrava num banco ao pé da lareira. “Oh, Eda,” murmurou entre dentes, num tom entre a prece e a praga. “Eu adivinhei, eu suspeitei, quando vos vi aos dois a correr juntos daquela maneira mas, sejam malditos os olhos de El, não queria estar certo. Não queria estar certo. Nunca na vida bati num cachorro com esta coisa maldita. O Narigudo não tinha razão nenhuma para ter medo. A menos que tu estivesses a partilhar mentes com ele.”

Qualquer que tivesse sido o perigo, apercebi-me de que passara. Baixei-me para me sentar ao lado de Narigudo, que rastejou para o meu colo e começou a tocar-me ansiosamente com o nariz na face. Tentei acalmá-lo, sugerindo que esperássemos para ver o que aconteceria a seguir. Rapaz e cachorro, sentámo-nos, observando a quietude de Castro. Quando ele finalmente ergueu a face, fiquei impressionado ao ver que aparentava ter estado a chorar. Como a minha mãe, lembro-me de pensar, mas estranhamente não me consigo lembrar de uma imagem dela a chorar. Apenas a face sofredora de Castro.

“Fitz. Rapaz. Anda cá,” disse suavemente, e desta vez havia qualquer coisa na sua voz que não podia ser desobedecida. Ergui-me e fui até ao pé dele, com Narigudo colado aos meus calcanhares. “Não,” disse ele ao cachorro, e apontou para um lugar ao pé das suas botas, mas a mim levantou-me e sentou-me no banco ao seu lado.

“Fitz,” começou e fez uma pausa. Inspirou profundamente e recomeçou. “Fitz, é errado. É mau, muito mau, o que tens andado a fazer com este cachorro. É antinatural. É pior que roubar ou mentir. Faz de um homem menos que um homem. Percebes?”

Olhei para ele sem compreender. Ele suspirou e tentou outra vez.

“Rapaz, és de sangue real. Bastardo ou não, és o filho de Cavalaria, da antiga linhagem. E esta coisa que tens andado a fazer, é errada. Não é digna de ti. Compreendes?”

Abanei a cabeça em silêncio.

“Aí está, vês. Não falas mais. Agora fala comigo. Quem te ensinou a fazer isto?”

“Fazer o quê?” Senti a voz quebrada e áspera.

Os olhos de Castro arregalaram-se. Apercebi-me do esforço que fazia para se controlar. “Sabes o que eu quero dizer. Quem te ensinou a estar com o cão, com a mente dele, a ver as coisas com ele, a deixá-lo ver contigo, a dizerdes coisas um ao outro?”

Reflecti nisto por alguns momentos. Sim, era isso que andava a acontecer. “Ninguém,” respondi por fim. “Simplesmente aconteceu. Passámos muito tempo juntos,” acrescentei, pensando que tal facto ajudasse a explicar o que acontecera.

Castro olhou-me gravemente. “Não falas como uma criança,” observou de súbito. “Mas ouvi dizer que era assim que acontecia com os que tinham a velha Manha. Que desde o princípio não eram verdadeiramente crianças. Sabiam sempre demais e, à medida que se tornavam mais velhos, sabiam ainda mais. Era por isso que nunca era considerado um crime, nos velhos tempos, caçá-los e queimá-los. Percebes o que te estou a dizer, Fitz?”

Abanei a cabeça e, quando ele franziu as sobrancelhas ao meu silêncio, forcei-me a acrescentar, “Mas estou a tentar. O que é a velha Manha?”

Castro pareceu incrédulo e depois desconfiado. “Rapaz!” ameaçou-me, mas eu apenas olhei para ele. Um momento depois aceitou a minha ignorância.

“A velha Manha,” começou lentamente. O rosto ensombrou-se e olhou para baixo, para as mãos, como se se lembrasse de um velho pecado. “É o poder do sangue animal, da mesma forma que o Talento vem da linhagem dos reis. Começa como uma bênção, dando-te as línguas dos animais. Mas depois apodera-se de ti e puxa-te para baixo, faz de ti um animal como os outros. Até que finalmente não há sequer um resquício de humanidade em ti, e corres e provas sangue, como se a matilha fosse tudo o que alguma vez conhecestes. Até que nenhum homem possa olhar para ti e pensar que foste em tempos um homem.” A voz dele baixara de tom à medida que falava, e não olhava para mim, mas virara-se para o fogo e fitava fixamente as chamas que começavam a extinguir-se. “Há quem diga que um homem então toma a forma de um animal, mas que mata com a paixão de um homem e não com a simples fome de um animal. Mata pela matança...”

“É isso que queres, Fitz? Pegar no sangue de reis que tens em ti e afogá-lo no sangue de caça selvagem?”

“Ser uma fera no meio de feras, simplesmente em nome do conhecimento que tal te traz? Pior ainda, pensa no que vem antes: o cheiro a sangue fresco a afectar-te o temperamento, a vista da presa a turvar-te os pensamentos.” A voz tornou-se ainda mais suave, e eu ouvi o nojo que ele sentia quando me perguntou: “Queres acordar febril e encharcado em suor porque algures há uma cadela com cio e o teu companheiro a fareja? É esse o saber que queres levar para a cama da tua dama?”

Encolhi-me ao lado dele. “Não sei,” disse numa voz pequenina.

Ele virou a cara para mim, indignado. “Não sabes?” rosnou. “Eu digo-te onde é que isso te há-de levar, e tu dizes que não sabes?”

Tinha a língua seca, e Narigudo encolhia-se contra os meus pés. “Mas não sei,” disse eu em protesto. “Como posso eu saber o que farei até que o tenha feito? Como posso dizer?”

“Bem, se tu não podes dizer, eu posso!” rugiu, e apercebi-me então do quanto ele tinha controlado o fogo do seu temperamento e também do quanto bebera nessa noite. “O cachorro vai, e tu ficas. Tu ficas aqui, a meu cuidado, onde te posso manter debaixo de olho. Se Cavalaria não me quer ter consigo, é o mínimo que posso fazer por ele. Hei-de garantir que o filho dele cresce para ser um homem e não um lobo. Fá-lo-ei nem que nos mate a ambos!”

Saltou do banco para agarrar Narigudo pelo cachaço. Pelo menos, era essa a sua intenção. Mas o cachorro e eu desviámo-nos dele. Juntos precipitámo-nos para a porta, mas a tranca estava apertada e, antes que eu a pudesse desprender, Castro estava em cima de nós. Atirou com Narigudo para o lado com a bota; a mim, apanhou-me pelo ombro e empurrou-me para longe da porta. “Anda aqui, cachorro,” ordenou, mas Narigudo fugiu para o meu lado. Castro ficou a arfar e a olhar-nos ferozmente em frente à porta, e eu captei a subcorrente dos seus pensamentos, a fúria que o incitava a esmagar-nos aos dois, resolvendo de vez o problema. Havia uma camada de controlo por cima daquilo, mas esse breve vislumbre foi o suficiente para me aterrorizar. E quando ele subitamente investiu na nossa direcção, eu repeli-o com toda a força do meu medo.

Ele caiu tão subitamente como um pássaro apedrejado durante o voo e sentou-se por um momento no chão. Inclinei-me e apertei Narigudo contra mim. Castro abanou lentamente a cabeça como se para livrar o cabelo de gotas de chuva. Ergueu-se, muito alto sobre nós. “Está-lhe no sangue,” ouvi-o resmungar para si mesmo. “No sangue maldito da mãe e não me admira. Mas o rapaz tem de ser ensinado.” E então, olhou-me nos olhos e avisou-me “Fitz. Nunca mais me façás isso. Nunca. Agora dá-me esse cachorro.”

Avançou outra vez na nossa direcção e, quando senti a ira que ele escondia, não me pude conter. Repeli-o outra vez. Mas desta vez a minha defesa encontrou uma parede que me empurrou de volta, de tal forma que eu tropecei e caí, quase desmaiando, a minha mente envolta em escuridão. Castro inclinou-se sobre mim. “Eu avisei-te”, disse suavemente, e a sua voz era como o rosar de um lobo. Então, pela última vez, senti os seus dedos agarrarem o cachaço de Narigudo. Ergueu o cachorro e levou-o, sem dureza, para a porta. A tranca que eu não conseguira vencer foi por ele rapidamente aberta, e logo a seguir ouvi o som pesado das botas pelas escadas abaixo.

Momentos depois tinha recuperado e estava em pé, atirando-me de encontro à porta. Mas Castro trancara-a não sei como, pois lutei em vão com a tranca. O contacto com Narigudo foi-se perdendo à medida que ele era levado para longe de mim, deixando em seu lugar uma solidão deses-

perada. Choringuei e uivei, esgravatando as unhas na porta, procurando pelo meu vínculo com ele. Houve um relâmpago súbito de dor rubra e Narigudo desapareceu. Quando os seus sentidos caninos me desertaram completamente, gritei e chorei como uma criança de seis anos grita e chora, e martelei em vão com os punhos nas tábuas de madeira grossa.

Pareceu-me que se passaram horas antes que Castro voltasse. Ouvi a sua passada e ergui a cabeça de onde jazia a arfar e exausto ao pé da porta. Ele abriu-a e apanhou-me habilmente pelas costas da camisa quando tentei fugir porta fora. Atirou-me de volta para o quarto, bateu a porta com força e trancou-a outra vez. Eu atirei-me contra ela sem dizer uma palavra, e um queixume soltou-se-me da garganta. Castro sentou-se cansadamente.

“Nem penses nisso, rapaz,” avisou-me, como se fosse capaz de ouvir os meus loucos planos na próxima vez que me deixasse sair.

“Ele foi-se. O cachorro foi-se, e é uma perda dos diabos, pois era de bom sangue. A linhagem dele era quase tão antiga quanto a tua. Mas prefiro desperdiçar um cão a desperdiçar um homem.” Quando eu não me mexi, ele acrescentou quase gentilmente “Livra-te das saudades dele. Dói menos se assim fizeres.”

Mas não foi isso que fiz, e, naquele momento, pude ouvir na sua voz que ele não esperava realmente que o fizesse. Suspirou e moveu-se com lentidão enquanto se preparava para deitar. Não voltou a falar comigo, apagou apenas a lâmpada e acomodou-se na cama. Mas não dormiu, e ainda faltavam várias horas para a madrugada quando se levantou, ergueu-me do chão, e colocou-me no lugar quente que o seu corpo deixara entre os cobertores. Então saiu outra vez e não voltou por várias horas.

Quanto a mim, estive desolado e febril por vários dias. Castro, creio, fez saber que eu tinha uma qualquer doença de criança, e fui deixado em paz. Passaram-se dias antes que me fosse permitido sair outra vez e, mesmo então, não fui sozinho.

Depois disso, Castro tomou grandes cautelas para garantir que eu não teria nova oportunidade de me ligar a um animal. Tenho a certeza de que pensou que havia sido bem sucedido e até certo ponto foi, visto que eu não formei nenhuma ligação exclusiva com algum cão ou cavalo. Sei que tinha boas intenções, mas eu não me sentia protegido por ele, apenas confinado. Ele era o carcereiro que garantia o meu isolamento com um fervor fanático. Uma solidão absoluta foi então plantada em mim e fincou raízes profundas no meu íntimo.

CAPÍTULO TRÊS

Pacto

A FONTE ORIGINAL DO TALENTO ficará provavelmente envolta para sempre em mistério. Certamente que uma vocação para ele corre com notável força no sangue da família real e, contudo, não está apenas confinada à casa do rei. Parece haver alguma verdade no ditado do povo “Quando o sangue do mar corre com o sangue das planícies, o Talento floresce”. É interessante observar que nem os Ilhéus parecem ter qualquer vocação especial para o Talento, nem o povo que descende apenas dos habitantes originais dos Seis Ducados.

É da natureza do mundo que todas as coisas procurem um ritmo e, nesse ritmo, uma espécie de paz? Certamente que sempre me pareceu ser assim. Todos os acontecimentos, não importa o quão chocantes ou bizarros, são diluídos pouco tempo depois da sua ocorrência pela continuidade das rotinas necessárias à vida quotidiana. Homens a andar pelo campo de batalha à procura dos feridos entre os mortos ainda pararão para tossir, para assoar os narizes, ainda levantarão os olhos para mirar o V da formação dos gansos em vôo. Já vi camponeses continuarem a lavrar e a plantar, ignorando um embate de exércitos a apenas algumas milhas de distância.

Assim se provou ser para mim. Recordo o meu passado e medito. Separado da minha mãe, arrastado para uma nova cidade e clima, abandonado pelo meu pai aos cuidados do seu homem de confiança e despojado do meu cãozinho companheiro, ainda assim me levantei da cama um dia e retomei a vida de um rapazinho. Para mim, isso signifi-

cava erguer-me quando Castro me acordava e segui-lo às cozinhas, onde comia a seu lado. Depois disso, era a sombra de Castro. Raramente me deixava sair da sua linha de visão. Eu corria colado aos seus calcanhares, observando-o desempenhar as suas tarefas e eventualmente assistindo-o de muitas pequenas maneiras. A tardinha trazia a refeição durante a qual eu me sentava ao lado dele num banco e comia, as minhas maneiras supervisionadas pelos seus olhos perspicazes. Depois era altura de subir aos aposentos dele, onde podia passar o resto do serão fitando o fogo em silêncio enquanto ele bebia, ou olhando o fogo em silêncio enquanto aguardava o seu retorno. Ele trabalhava enquanto bebia, remendando ou fazendo bridas, misturando unguentos ou preparando uma cura para um cavalo. Ele trabalhava e eu aprendia, observando-o, apesar de trocarmos poucas palavras que eu me lembre. É estranho pensar que assim se passaram dois anos e a maior parte de um terceiro.

Aprendi a fazer como Moli fazia, roubando bocadinhos de tempo para mim, mesmo nos dias em que Castro era requisitado longe da torre, para auxiliar numa caçada ou ajudar o parto de um potro. Raras vezes, ousava escapulir-me, quando ele tinha bebido demais, mas essas eram excursões perigosas. Quando estava livre, procurava apressadamente os meus jovens companheiros na cidade e corria com eles tanto tempo quanto ousava. Sentia a falta de Narigudo com uma intensidade tão grande quanto se Castro me tivesse decepado um membro do corpo. Mas nenhum de nós alguma vez falou disso.

Olhando para o passado, suponho que se sentia tão só quanto eu. Cavalaria não lhe permitira segui-lo para o exílio. Em vez disso, Castro fora deixado a tratar de um bastardo sem nome e descoberto que esse bastardo tinha uma tendência para o que considerava uma perversão. E, mesmo depois da perna ter sarado, descobriu que nunca voltaria a cavalgar, ou caçar ou sequer andar tão bem quanto dantes; tudo isso tinha de ser duro, muito duro, para um homem como Castro. Que eu tenha ouvido, nunca se lamentou a ninguém. Mas, mais uma vez olhando para o passado, não posso imaginar a quem é que se poderia ter queixado. Estávamos os dois trancados nas nossas solidões e, olhando-nos um ao outro a cada serão, víamos ambos aquele a quem culpávamos por isso.

Contudo, todas as coisas passam, em especial o tempo, e, com os meses e os anos, vim lentamente a encontrar o meu lugar no esquema das coisas. Fazia recados para Castro, trazendo-lhe coisas antes que ele pensasse em pedi-las, arrumava tudo depois de ele administrar tratamentos aos animais, tomava a responsabilidade de trazer água limpa para os falcões, e removia as carraças aos cães quando chegavam de uma caçada. O povo habituou-se a ver-me e já ninguém parava a olhar para mim. Alguns da-

vam a sensação de não me verem de todo. Gradualmente, Castro relaxou a vigilância e eu ia e vinha com mais liberdade, mas ainda assim tomava o cuidado de garantir que ele não sabia das minhas visitas à povoação.

Havia outras crianças na torre, muitas das quais tinham mais ou menos a mesma idade que eu. Algumas eram até minhas parentes, primos segundos ou terceiros. Nunca formei, contudo, qualquer verdadeira ligação com nenhuma delas. As mais novas eram mantidas perto das mães ou amas, as mais velhas tinham tarefas e deveres próprios com que se ocuparem. A maior parte não mostrava crueldade em relação a mim; eu estava simplesmente fora dos seus mundos. E assim, embora pudesse passar meses sem ver Rodrigo, Quim ou Moli, eles continuavam a ser os meus amigos mais próximos. Nas minhas explorações da torre e nas noites de Inverno em que todos se juntavam no Grande Salão para ouvir os menestrelis, ou ver os espectáculos de fantoches ou os jogos de interiores, depressa aprendi onde era bem-vindo ou não.

Mantinha-me longe da vista da rainha porque ela, sempre que me via, encontrava algum erro no meu comportamento e repreendia Castro por causa disso. Também Majestoso era uma fonte de perigo. Ganhara já a maior parte da sua estatura de homem feito, mas não tinha escrúpulos em me empurrar para fora do caminho ou passar casualmente através do que quer que eu tivesse encontrado para me entreter. Era capaz de uma mesquinhez e rancor que eu nunca vira em Veracidade. Não que Veracidade passasse tempo comigo, mas os nossos encontros ocasionais nunca eram desagradáveis. Quando dava pela minha presença, aflagava-me o cabelo ou oferecia-me uma moeda. Uma vez, um criado trouxe aos aposentos de Castro uns bonequinhos de madeira, soldados e cavalos e uma carruagem de pintura muito gasta, com a mensagem de que Veracidade os havia encontrado num canto do seu guarda-roupa e pensara que eu poderia gostar deles. Não consigo lembrar-me de outra posse a que desse mais valor.

Nos estábulos, Garrano era outra zona de perigo. Se Castro estivesse por lá, falava bem comigo e tratava-me com correcção, mas tinha pouco uso para mim noutras alturas. Deu-me a entender que não me queria por perto quando estivesse a trabalhar. Descobri eventualmente que tinha ciúmes e sentia que tomar conta de mim substituíria em Castro o interesse que em tempos manifestara por ele. Não era nunca abertamente cruel, e nunca me bateu ou repreendeu injustamente, mas podia sentir o seu desagrado e evitava-o.

Todos os homens de armas demonstravam grande tolerância em relação a mim. A seguir às crianças da rua na cidade de Torre do Cervo, eram provavelmente eles o mais parecido que eu tinha a amigos, mas não importa o quão tolerantes possam homens ser em relação a um rapaz de

nove ou dez anos, a verdade é que têm muito pouco em comum com ele. Eu observava os seus jogos de ossos e ouvia as histórias que contavam mas, por cada hora que passava na sua companhia, passavam-se dias sem que me juntasse a eles. E embora Castro nunca me tenha proibido o quarto da guarda, também não me escondeu que desaprovava do tempo que lá passava.

Portanto eu era e não era um membro da comunidade da torre. Evitava alguns, observava alguns e obedecia a alguns. Mas não sentia ter uma ligação especial a alguém.

Então, uma manhã, um pouco antes do meu décimo ano, estava a brincar debaixo das mesas do Grande Salão, cambalhotando e implicando com os cachorrinhos. Era ainda bastante cedo. Tinha havido uma ocasião qualquer relembada no dia anterior e o banquete durara o dia todo e noite adentro. Castro bebera até perder os sentidos. Quase toda a gente, nobres e criados, estava ainda na cama, e a cozinha não oferecera muito à minha incursão esfomeada nessa manhã. Mas as mesas do Grande Salão exibiam um espólio de pastéis encetados e pratos de carne. Havia também taças de maçãs e pedaços de queijo; em suma, tudo o que um rapaz poderia desejar pilhar. Os grandes cães tinham tomado os melhores ossos e retirado para os próprios cantos do salão, deixando os muitos cachorrinhos a esgaratar pelos pedaços mais pequenos. Eu carregara um pastel de carne bastante grande para debaixo da mesa e estava a partilhá-lo com os meus cãeszinhos preferidos. Desde Narigudo que tivera o cuidado de não deixar Castro ver-me ganhar uma afinidade demasiado grande a nenhum cachorro. Ainda não compreendia as objeções dele à minha proximidade com um cão, mas não queria arriscar a vida de um animal para o contestar. E assim andava eu, a alternar dentadas com três cãeszinhos, quando ouvi passos lentos arrastando-se através do chão atapetado de juncos. Dois homens falavam, discutindo algo em voz baixa.

Pensei que fossem criados das cozinhas, vindos para limpar o salão. De debaixo da mesa, pus-me a caçar às apalpadelas mais uns bons restos antes que eles os levassem.

Mas não foi um criado que se espantou com a minha súbita aparição, e sim o velho rei, o meu próprio avô. Apenas um passo atrás dele, espreitando sobre o seu ombro, estava Majestoso. Os seus olhos turvos e o gibão amarrotado atestavam que participara na festança da noite anterior. O novo bobo do rei, adquirido há pouco tempo, saltitava atrás deles, os olhos pálidos esbugalhados numa face delgada. Era uma criatura tão estranha, com a pele doentia e a vestimenta de bobo toda feita de pretos e brancos, que quase não ousava olhar para ele. Por contraste, o Rei Sagaz tinha os olhos límpidos, a barba e cabelo acabados de tratar, e as roupas imaculadas. Ficou sur-

preendido por instantes e então comentou “Como vês, Majestoso, é como te estava a contar. Uma oportunidade apresenta-se e alguém se aproveita dela; com frequência, alguém jovem, ou alguém motivado pelas energias e ânsias da juventude. Um governante não se pode dar ao luxo de ignorar semelhantes oportunidades ou deixar que sejam criadas para outros.”

O rei continuou a andar, passando por mim, ocupado com a sua dissertação, enquanto Majestoso me lançava uns olhares furiosos e raiados de sangue. Com um aceno de mão, ordenou-me que desaparecesse dali. Fiz que sim com um rápido meneio da cabeça, mas corri primeiro à mesa. Enfiara duas maçãs na jaqueta e apanhara uma tarte quase inteira, quando o rei se virou de súbito e gesticulou para mim. O bobo imitou-lhe o gesto. Imobilizei-me onde estava.

“Olha para ele,” o velho rei comandou.

Majestoso lançou-me outro olhar furioso, mas não ousei mover-me.

“O que farás tu dele?”

Majestoso pareceu perplexo. “Ele? É o Fitz. O bastardo de Cavalaria. A esgueirar-se e a surripiar coisas por aí, como de costume.”

“Bobo.” O Rei Sagaz sorriu, mas os seus olhos mantiveram-se firmes. O Bobo, pensando que o rei se referira a ele, sorriu docemente. “Tens os ouvidos bloqueados com cera? Não ouves nada do que digo? Não te perguntei o que achas dele, mas sim o que farás tu dele? Aí o tens, jovem, forte e capaz. Os traços do seu rosto são tão reais quanto os do teu, embora tenha nascido do lado errado dos lençóis. Portanto: o que farás tu dele? Uma ferramenta? Uma arma? Um companheiro? Um inimigo? Ou vais deixá-lo andar por aí, para outrem o tomar e o usar contra ti?”

Majestoso olhou-me de soslaio; depois, ergueu o olhar para perscrutar o espaço que ficava para além de mim e, não encontrando mais ninguém no salão, voltou a fitar-me com um olhar intrigado. Agarrado ao meu calcanhar, um cachorro gemeu, lembrando-me que estávamos a partilhar comida. Avisei-o que se calasse.

“O bastardo? É apenas uma criança.”

O velho rei suspirou. “Hoje. Agora, neste preciso instante, é uma criança. Mas da próxima vez que passares por ele, será um jovem ou, pior, um homem, e nessa altura será já demasiado tarde para fazeres alguma coisa dele. Porém, se lhe pegares agora, Majestoso, e o moldares, comandarás a sua lealdade daqui a uma década. Em vez de um bastardo descontente que pode ser persuadido a tornar-se um candidato ao trono, será um homem de confiança, unido à família quer pelo sangue, quer pelo espírito. Um bastardo, Majestoso, é uma coisa única. Põe-lhe um anel de sinete na mão e envia-o, e terás criado um diplomata que nenhum líder estrangeiro ousará ignorar. Pode ser enviado com segurança onde um príncipe do sangue não

pode ser arriscado. Imagina os usos possíveis para um que é e, contudo, não é, da linhagem real. Trocas de reféns. Alianças maritais. Trabalhos discretos. A diplomacia da faca.”

Os olhos de Majestoso esbugalharam-se ao ouvir as últimas palavras do rei. Por instantes, todos respirámos em silêncio, olhando-nos uns aos outros. Quando Majestoso falou, a voz soou -lhe como se tivesse pão seco preso na garganta. “Falas destas coisas em frente do rapaz. De usá-lo como uma ferramenta, como uma arma. Pensas que não se lembrará dessas palavras quando for adulto?”

O Rei Sagaz riu-se e o som ecoou nas paredes de pedra do Grande Salão. “Se lembrará destas palavras? Mas claro que sim. Conto com isso. Olha para os olhos dele, Majestoso. Há ali inteligência e possivelmente potencial para o Talento. Seria um idiota se lhe mentisse. Ainda mais estúpido seria se começasse a treiná-lo e a educá-lo sem lhe dar qualquer explicação. Pois isso deixaria a mente dele alqueivada para quaisquer sementes que outros lá pudessem plantar. Não é assim, rapaz?”

Encarava-me com firmeza e, de súbito, apercebi-me de que lhe retornava o olhar. Tínhamos estado a estudar-nos um ao outro durante todo o discurso. Nos olhos daquele homem que era meu avô havia uma honestidade firme e ossuda. Não havia consolo nesse olhar, mas eu sabia que podia contar sempre com a sua presença. Anuí lentamente.

“Anda cá.”

Avancei devagar em direcção a ele. Quando o alcancei, flectiu um joelho, ficando com os olhos à altura dos meus. O Bobo ajoelhou-se solenemente ao nosso lado, olhando com seriedade de face para face. Majestoso fitou-nos a todos com irritação. Na altura não me apercebi da ironia da cena: o velho rei a genuflectir diante do neto bastardo. Fiquei portanto hirto numa pose solene, enquanto ele me retirava a tarte das mãos e a atirava aos cachorros atrás de mim. Retirou um alfinete do lenço de seda que trazia à volta da garganta e prendeu-mo com solenidade na lã grosseira da camisa.

“A partir de agora és meu,” disse, e o tom de voz indicava que considerava essa reivindicação mais importante do que qualquer sangue que partilhássemos. “Não precisas de comer os restos de ninguém. Daqui em diante cuidarei de ti, e cuidarei de ti bem. Se qualquer homem ou mulher alguma vez te tentar virar contra mim oferecendo-te mais do que te dou, vem ter comigo e diz-me quanto é a oferta, e eu cobri-la-ei. Nunca me acharás avarento, nem poderás invocar maus tratos meus como razão para me traíres. Acreditas em mim, rapaz?”

Eu anuí, da forma muda que ainda tinha por hábito, mas aqueles olhos castanhos e firmes reclamavam mais.

“Sim, Senhor.”

“Bem. Darei algumas ordens a teu respeito. Assegura-te de que ages de acordo com elas. Se alguma te parecer estranha, fala com Castro. Ou comigo. Simplesmente vem à porta dos meus aposentos e mostra esse alfinete. Serás admitido.”

Eu fitei a pedra vermelha que cintilava num ninho de prata. “Sim, Senhor,” consegui dizer outra vez.

“Ah,” disse ele suavemente. Apercebi-me de uma nota de pesar na voz e perguntei-me porquê. Os olhos dele libertaram-me e, de súbito, eu estava outra vez mais consciente das coisas à minha volta, dos cãezinhos, do Grande Salão, de Majestoso, observando-me com uma expressão de desagrado renovado na face, e do Bobo, acenando entusiasticamente com a cabeça, daquela maneira ausente que lhe era típica. Então o rei levantou-se. Quando me virou as costas, um arrepio perpassou-me, como se de repente tivesse perdido um agasalho. Foi a primeira experiência que tive do Talento manipulado pelas mãos de um mestre.

“Não concordas com isto, pois não, Majestoso?” O tom do rei era ameno.

“O meu rei pode fazer o que por bem lhe aprouver.” Amuado.

O Rei Sagaz suspirou. “Não foi isso que te perguntei.”

“A minha mãe, a rainha, certamente que não estará de acordo. Favorecer o rapaz dará a aparência de que o reconheces. Vai dar-lhe ideias, e a outros.”

“Bah!” O rei gargalhou como se aquilo o divertisse.

Majestoso exasperou-se de imediato. “A minha mãe, a rainha, não concordará contigo, nem ficará contente. A minha mãe...”

“Não concorda comigo, nem fica contente comigo há muitos anos. Já quase nem dou conta disso, Majestoso. Há-de esvoaçar, e grasnar, e ameaçar outra vez retornar a Vara e ao seu título de Duquesa, e dirá que tu hás-de ser Duque a seguir a ela. E, se estiver mesmo furiosa, há-de ameaçar que, caso o faça, Lavra e Vara se erguerão numa rebelião e tornar-se-ão num reino independente com ela como rainha.”

“E eu como rei a seguir a ela!” Majestoso acrescentou em tom de desafio.

Sagaz anuiu para si mesmo. “Sim, eu bem imaginava que ela havia de andar a plantar essa traição pustulenta na tua cabeça. Ouve-me, rapaz. Ela pode repreender e atirar louça aos criados, mas nunca fará mais do que isso. Porque sabe que é melhor ser rainha de um reino pacífico do que ser duquesa de um ducado em rebelião. E Vara não tem quaisquer razões para se rebelar contra mim, exceptuando as que ela inventa na própria cabeça. Nela as ambições sempre excederam as habilidades.” Fez uma pausa e

olhou Majestoso directamente nos olhos. “Num membro da família real, esse é um dos mais lamentáveis defeitos.”

Eu podia sentir as ondas de ira que Majestoso se forçava a suprimir enquanto olhava para o chão.

“Anda, segue-me,” disse o rei, e Majestoso seguiu-o, obediente como um cão, mas o olhar com que se despediu de mim era venenoso.

Fiquei a ver o velho rei deixar o salão. Senti uma súbita sensação de perda. Homem estranho. Embora eu fosse bastardo, ele poderia ter-se declarado meu avô, e teria apenas de pedir por aquilo que se decidira a comprar. À porta, o Bobo pálido parou. Por um instante, olhou para mim e fez um gesto incompreensível com as mãos estreitas. Talvez um insulto, talvez uma benção, talvez o simples abanar das mãos de um bobo. Então sorriu, mostrou-me a língua, virou-se e correu atrás do rei.

Apesar das promessas do rei, atafulhei a jaqueta com bolos doces. Os cachorros e eu partilhámo-los à sombra, por trás dos estábulos. Foi um pequeno-almoço maior do que qualquer um de nós estava habituado a ter, e o meu estômago murmurou descontente por horas depois de terminada a refeição. Os cachorrinhos enroscaram-se e adormeceram, mas eu oscilei entre o pânico e a antecipação. Quase que desejava que nada adviesse daquilo, que o rei se esquecesse das suas palavras. Mas não.

Quando o final do dia chegou, retirei-me, subindo os degraus e entrando no quarto de Castro. Tinha passado o dia a ponderar que consequências teria para mim a conversa dessa manhã. Poderia ter-me poupado o trabalho. Porque, quando entrei, Castro pousou o freio da brida que estava a remendar e focou toda a atenção em mim. Considerou-me em silêncio por algum tempo, e eu retornei-lhe o olhar fixo. Alguma coisa mudara, e fiquei assustado. Desde que ele fizera desaparecer Narigudo que acreditava que Castro tinha também poder de vida e morte sobre mim; que um bastardo podia ser deitado fora com a mesma facilidade que um cãozinho.

Isso não me impedira de desenvolver um sentimento de proximidade em relação a ele; uma pessoa não necessita de amar para depender de alguém. Essa impressão de poder confiar em Castro era o único terreno firme que tinha na vida e agora sentia-o a tremer debaixo de mim.

“Portanto.” Disse ele por fim, pondo um tom de finalidade na palavra. “Portanto. Tinhas de te pôr à frente dos olhos dele, não é? Tinhas de chamar atenção sobre ti. Pois bem. Ele decidiu o que há-de fazer contigo.” Suspirou, e a qualidade do silêncio mudou. Por um breve instante, quase pensei que estivesse com pena de mim, mas após um momento recomeçou a falar.

“Foi-me ordenado que te escolhesse um cavalo. Ele sugeriu que fosse um cavalo jovem, e que vos treinasse juntos. Mas convenci-o a

começar a tua aprendizagem com um animal mais velho e firme. Um aluno de cada vez, disse-lhe eu. Tenho porém as minhas próprias razões para te dar um animal que seja... menos impressionável. Vê se te comportas bem; eu saberei se começares com brincadeiras. Compreendes o que quero dizer?”

Fiz um rápido sinal de assentimento com a cabeça.

“Responde, Fitz. Terás de usar a língua, se vais lidar com tutores e mestres.”

“Sim, senhor.”

Era tão à maneira de Castro. Pôr um cavalo à minha disposição fora a prioridade máxima na cabeça dele. Tendo tratado da sua própria preocupação, anunciou-me o resto casualmente.

“De agora em diante, vais passar a acordar com o Sol, rapaz. Durante a manhã, vais aprender comigo a tratar e a dominar um cavalo. E a caçar com os teus mastins como deve ser, e fazê-los respeitar-te. A forma de um homem controlar animais é a que eu te ensinarei.” Esta última frase foi pronunciada com um forte ênfase e seguida de uma longa pausa para garantir que eu compreendia o que queria dizer. Senti o meu coração afundar-se, mas assenti com um aceno da cabeça que logo corrigi para “Sim, senhor.”

“À tarde, és deles. Armas e essas coisas. Eventualmente o Talento. Nos meses de Inverno, terás educação dentro de portas. Linguagens e símbolos. Escrever, ler e números, por certo. Histórias, também. O que farás com isso tudo, não faço ideia, mas vê lá se aprendes tudo bem para agradar ao rei. Não é homem a quem se desagrada, e nem sequer penses em enganá-lo. O comportamento mais sábio é não se fazer notar por ele, mas não te avisei disso, e agora é demasiado tarde.”

Clareou a garganta de súbito e inspirou. “Oh, e há outra coisa que vai mudar.” Pegou no freio de couro em que estivera a trabalhar e curvou-se sobre ele outra vez. Parecia falar para os seus dedos. “Terás um quarto mais adequado, só teu, a partir de agora. Lá em cima, na torre, onde todos os de sangue nobre dormem. Estarias a dormir lá agora, se tivesses tido a preocupação de chegar a horas.”

“O quê? Não compreendo. Um quarto?”

“Oh, podes portanto falar depressa, quando te apetece? Ouviste-me bem, rapaz. Terás um quarto só para ti, lá em cima na torre.” Fez uma pausa e continuou com renovado vigor. “E eu finalmente terei a minha privacidade de volta. Oh, e de certeza que te medirão para roupas novas amanhã. E botas. Embora não veja o bom-senso em pôr uma bota num pé que ainda está a crescer, eu não...”

“Não quero um quarto lá em cima.” Por muito que se tivesse tornado opressivo viver com Castro, apercebi-me de súbito de que era preferível

ao desconhecido. Imaginei um vasto, frio quarto de pedra, com sombras emboscando-se nos cantos.

“Bem, vais ter um,” anunciou Castro sem clemência. “É tempo e mais que tempo para assim ser. És filho de Cavalaria, mesmo que não sejas um filho bem-nascido, e pôr-te a viver aqui em baixo nos estábulos, como um cãozinho vadio, bem, é inadequado.”

“Eu não me importo,” arrisquei em desespero de causa.

Castro ergueu os olhos e encarou-me secamente. “Ora, ora. Estamos definitivamente tagarelas esta noite, não estamos?”

Baixei os meus olhos. “Tu vives aqui,” observei, amuado, “e não és um cãozinho vadio.”

“E também não sou o bastardo de um príncipe,” disse ele de forma abrupta. “Vais viver na torre daqui em diante, Fitz, e pronto.”

Arrisquei-me a olhar para ele. Estava a falar com os dedos outra vez.

“Antes preferia ser um cãozinho vadio,” aventurei-me a dizer. E então todos os meus medos me quebraram a voz ao acrescentar, “Tu não os deixavas fazer isto a um cãozinho vadio, mudar tudo de uma vez. Quando deram aquele cãozinho sabujo ao Senhor Vilassevera, mandaste a tua velha camisa com ele para que tivesse alguma coisa que cheirasse a casa até se habituar à nova morada.”

“Bem,” disse ele, “Eu não... anda cá, Fitz. Anda cá, rapaz.”

E, tal qual um cãozinho, fui ter com ele, o único mestre que eu conhecia, e ele bateu-me suavemente nas costas e afagou-me o cabelo, mais ou menos como teria feito a um cão.

“Não tenhas medo. Não há nada de que ter medo. E, de qualquer maneira,” disse, e eu ouvi-o a ceder, “eles apenas disseram que ias ter um quarto na torre. Ninguém disse que tinhas de dormir lá todas as noites. De vez em quando, quando as coisas estiverem demasiado calmas para ti por lá, sabes o caminho até cá. Ei, Fitz? Parece-te bem?”

“Acho que sim,” murmurei.

Durante a quinzena que se seguiu, as mudanças precipitaram-se sobre mim, rápidas e furiosas. Castro fez-me levantar de madrugada, e fui banhado e esfregado, o cabelo cortado à frente, de forma a não me cair sobre os olhos, e o resto atado atrás das costas num rabo de cavalo igual aos que eu tinha visto serem usados na torre por homens mais velhos. Mandou-me vestir as melhores roupas que tivesse, mas estalou a língua ao aperceber-se do quão pequenas se tinham tornado. Com um encolher de ombros, disse-me que teriam de servir.

Daí fomos para os estábulos, onde me mostrou a minha nova égua. Era cinzenta, com uns traços de pintas no pêlo. A crina, cauda,

nariz e pernas eram de um tom escuro, como se ela tivesse passado pelo meio de um monte de fuligem. E era assim que se chamava. Tratava-se de um animal plácido, bem constituído e bem tratado. Uma montada mais acessível seria difícil de imaginar. Como era um garoto, tinha esperado pelo menos um capão vivaz. Em vez disso, a minha montada era Fuligem. Tentei esconder o desapontamento, mas Castro deve-se ter apercebido. “Não achas que ela seja grande coisa, não é? Bem, qual é o grande cavalo que tinhas ontem, Fitz, que te faça torcer o nariz a um animal de boa-vontade e saudável como a Fuligem? Está prenha daquele garanhão malvado do Dom Temperança, por isso vê se a tratas com gentileza. O Garrano tem-na estado a treinar até agora; esperava fazer dela um cavalo de caça. Mas eu decidi que seria mais adequada para ti. Ele ficou um bocado amuado por causa disso, mas prometi-lhe que pode começar outra vez com o potro.”

Castro adaptara-me uma velha sela, jurando que eu teria de mostrar ser capaz de montar como um cavaleiro antes que deixasse que me fizessem uma sela nova, independentemente do que o rei dissesse. Fuligem começou a andar com suavidade e respondeu prontamente às rédeas e aos meus joelhos. Garrano fizera um trabalho magnífico com ela. O seu temperamento lembrava-me um lago tranquilo. Se tinha pensamentos, não eram acerca daquilo que estávamos a fazer, e Castro vigiava-me de demasiado perto para que me arriscasse a tentar saber o que ia na mente dela. Por isso, cavalguei-a cego, falando com ela apenas empregando os joelhos, as rédeas e mudanças no apoio do peso. O esforço físico estafou-me muito antes da primeira lição estar terminada, e Castro apercebeu-se disso, mas não me dispensou de a limpar e alimentar, e de limpar a minha sela e equipamento. Apenas quando já não havia emaranhados na sua crina e o velho couro da sela luzia de óleo me foi permitido ir comer.

Porém, quando ia disparar a correr em direcção à porta traseira das cozinhas, a mão de Castro caiu-me em cima do ombro.

“Isso deixou de ser para ti,” disse-me com firmeza. “Isso serve para homens de armas, jardineiros e outros do mesmo género, mas há um salão onde a gente mais elevada e os seus criados favoritos comem. E é aí que tu vais passar a comer de agora em diante.”

E assim dizendo, impeliu-me para um quarto penumbrento, dominado por uma longa mesa com outra mais alta à cabeça. Sobre a mesa longa estava disposta uma grande variedade de comida, e à sua volta havia gente ocupada em diferentes partes da refeição, porque quando o rei, a rainha e os príncipes estavam ausentes da mesa alta, como era o caso naquele dia, ninguém se preocupava com formalidades.

Castro empurrou-me com gentileza para um lugar do lado esquerdo da mesa, acima do meio, mas não muito. Ele próprio comia do mesmo lado, mas mais abaixo. Estava esfomeado e ninguém me observou com tanta intensidade que me incomodasse, por isso comi depressa uma refeição relativamente grande. A comida surripiada directamente da cozinha era mais quente e mais fresca, mas esses pormenores não contam muito para um rapaz em crescimento, e, depois de uma manhã em jejum, soube-me muito bem.

Com o estômago cheio, estava a pensar num certo aterro arenoso, aquecido pelo sol da tarde e repleto de tocas de coelho, onde eu e os cachorrinhos passávamos com frequência tardes sonolentas. Começara-me a levantar da mesa, quando de imediato um moço apareceu atrás de mim dizendo “Senhor?”

Olhei em meu redor para ver com quem falava ele, mas todas as outras pessoas estavam ocupadas nas tábuas de carne. Era mais alto que eu e vários verões mais velho, por isso fiquei a olhá-lo fixamente de espanto quando me olhou nos olhos e repetiu “Senhor? Acabaste de comer?”

Abanei a cabeça em assentimento, demasiado surpreendido para falar.

“Então deves seguir-me. Hode enviou-me. És esperado para o treino de armas no terreiro esta tarde. Isto se Castro tiver terminado de tratar contigo, claro.”

Castro apareceu de súbito ao meu lado e surpreendeu-me ao ajoelhar-se diante de mim. Endireitou-me a jaqueta e ajeitou-me o cabelo enquanto dizia:

“Por agora, terminei. Bem, não pareças tão alvoroçado, Fitz. Porventura pensaste que o rei não era um homem de palavra? Limpa a boca e põe-te a caminho. Hode trata os alunos com mais rigor do que eu; atrasos não são tolerados no terreiro das armas. Despacha-te a seguir Brante.”

Obedeci-lhe, desanimado. Enquanto seguia o moço para fora do salão, tentava imaginar um mestre mais rigoroso do que Castro. Era uma ideia assustadora.

Uma vez fora do salão, o rapaz rapidamente se livrou das maneiras finas. “Como te chamas?”, perguntou-me, enquanto me encaminhava pelo trilho de saibro abaixo, em direcção à armaria e ao terreiro de treino em frente a esta.

Eu encolhi os ombros e olhei de relance em nosso redor, fingindo um interesse súbito pelos arbustos que orlavam o caminho.

Brante fez um ronco divertido, cheio de conhecimento de causa. “Bem, eles têm de te chamar alguma coisa. Como é que o velho manco, Castro, te chama?”

O óbvio desdém do moço por Castro espantou-me tanto que respondi sem pensar “Fitz. Chama-me Fitz.”

“Fitz?” Deu um risinho abafado. “É mesmo dele. Fala a direito, o velho coxo.”

“Um javali atacou-lhe a perna,” expliquei. Este moço falava como se a perna manca de Castro fosse uma idiotice que ele usava para dar nas vistas. Por alguma razão, senti-me ofendido pela troça.

“Eu sei disso!” disse desdenhosamente. “Rasgou-a até ao osso. Um javali grande e velho ia deitar abaixo Cavalaria, mas Castro interpôs-se no caminho dele. Apanhou Castro em vez de Cavalaria, e meia dúzia dos mastins, foi o que ouvi dizer.” Entrámos por uma abertura na parede coberta de heras, e o terreiro de treino estendeu-se de súbito diante de nós. “O Cavalaria tinha investido pensando que só precisava de dar o golpe de misericórdia ao porco, quando o bicho saltou e se atirou a ele. Também partiu a lança do príncipe ao atacá-lo, foi o que ouvi dizer.”

Eu seguia o moço, colado aos seus calcanhares e suspenso nas suas palavras, quando, de súbito, ele se virou para mim. Surpreendeu-me tanto que quase caí, dando uns quantos passos desordenados para trás. O moço, mais velho, riu-se de mim. “Parece que deve ter sido o ano do Castro apanhar com todas as desgraças do Cavalaria, não é? É o que ouço os homens dizer. Esse Castro apanhou a morte do Cavalaria e transformou-a num perna coxa pra si mesmo, e tomou o bastardo do Cavalaria, e fez dele a sua mascote. O que eu gostaria de saber é, como é que de repente vais tu receber treino em armas? E um cavalo, também, segundo ouvi dizer?”

Havia mais do que apenas inveja no seu tom de voz. Vim a saber mais tarde que muitos homens vêem sempre a boa fortuna dos outros como uma desfeita contra si próprios. A sua hostilidade crescente era como a de um cão se tivesse entrado no seu território sem me fazer anunciar, mas a um cão eu podia ter tocado a mente e assegurado das minhas intenções inofensivas. Com Brante havia apenas a hostilidade, como o início de uma tempestade. Pus-me a pensar se me iria bater e se esperava que eu ripostasse ou fugisse. Tinha já quase decidido fugir quando uma figura corpulenta completamente vestida de cinzento apareceu atrás de Brante e agarrou-lhe com firmeza a parte de trás do pescoço.

“Ouvi dizer que o rei ditou que ele devia receber treino, sim, e um cavalo, para aprender a montar. E isso é suficiente para mim e devia ser mais do que suficiente para ti, Brante. E, ao que ouvi, foi-te dito que o fosses buscar e que a seguir reportasses ao Mestre Tulmo, que tem serviço para ti. Não foi isso que ouviste?”

“Sim, senhora.” A combatividade de Brante transformou-se subitamente em anuência atrapalhada.

“E, já que ‘ouves’ todas essas importantes coscuvilhices, posso lembrar-te que nenhum homem sábio diz tudo o que sabe. E que quem traz consigo tantas historietas pouco mais pode ter na cabeça. Compreendes-me, Brante?”

“Acho que sim, senhora.”

“Achas que sim? Bem, então vou ser mais explícita. Pára de ser um coscuvilheiro narigudo e trata das tuas obrigações. Sê diligente e mostra boa-vontade, e talvez o povo comece a coscuvilhar que tu és a minha ‘mascote’. E, se quiseres, posso garantir que te mantenho demasiado ocupado para coscuvilhares.”

“Sim senhora.”

“Tu, rapaz.” Brante já ia a correr pelo caminho quando ela se virou para mim. “Segue-me.”

A velha não esperou para ver se eu lhe obedecia ou não. Simplesmente partiu num passo firme e rápido através dos campos abertos de treino, forçando-me a correr atrás dela para a conseguir acompanhar. A terra do campo era dura, e o sol batia-me com força nos ombros. Fiquei quase imediatamente banhado em suor, mas a mulher parecia não se sentir desconfortável no seu passo rápido.

Estava completamente vestida de cinzento: um longa e escura túnica cinzenta, calças de malha de um cinzento mais claro e, sobre tudo isso, um avental cinzento de couro que lhe chegava quase aos joelhos. Uma espécie de jardineira, avaliei, embora achasse estranho que calçasse suaves botas cinzentas de couro.

“Fui enviado para lições... com Hode,” consegui dizer, ofegante.

Ela assentiu brevemente. Chegámos à sombra da armaria e os meus olhos alargaram-se, gratos por escaparem ao brilho dos campos abertos.

“Devo ser ensinado sobre armaduras e armas” disse-lhe, em caso de ela ter compreendido mal as minhas primeiras palavras.

Ela assentiu outra vez e abriu uma porta que dava para a estrutura semelhante a um celeiro que era a armaria exterior. Aqui, sabia eu, eram guardadas as armas de treino. As de bom ferro e aço eram mantidas dentro da própria torre. No interior da armaria havia uma meia-luz suave, uma frescura ligeira, e um cheiro a madeira, suor e junco acabado de espalhar pelo chão. Ela não hesitou, e eu segui-a até a um cabide que suportava diversas varas.

“Escolhe uma,” disse-me, e essas eram as primeiras palavras que pronunciara desde que me instruíra a segui-la.

“Não seria melhor esperar por Hode?” perguntei timidamente.

“Eu sou Hode,” respondeu-me impacientemente. “Agora escolhe um pau, rapaz. Quero algum tempo a sós contigo, antes que os outros cheguem. Para ver do que és feito e o que sabes.”

Não lhe foi preciso muito tempo para chegar à conclusão de que eu não sabia praticamente nada e que era facilmente intimidado. Após não mais do que umas poucas pancadas e golpes com a sua própria varra castanha, apanhou a minha num golpe rápido que a lançou a rodopiar para longe das minhas mãos magoadas.

“Hum,” disse ela, sem dureza nem simpatia. O mesmo tipo de ruído que uma jardineira faria por causa de uma sementeira de batatas que tivesse um pouco de fungo em cima. Eu procurei sondá-la e encontrei a mesma espécie de quietude que encontrara na minha égua. Não tinha nenhuma das protecções de Castro em relação a mim. Acho que foi a primeira vez que me apercebi de que algumas pessoas, tal como alguns animais, ficam completamente inconscientes do meu contacto com elas. Podia ter continuado a sondá-la, aventurando-me mais nos confins da sua mente, mas estava tão aliviado por não encontrar qualquer hostilidade que tive medo de causar alguma. Por conseguinte, mantive-me pequeno e imóvel durante a sua inspecção.

“Rapaz, como te chamas?” perguntou de súbito.

Outra vez. “Fitz.”

Ela franziu as sobrancelhas àquelas palavras suaves. Endireitei-me e falei mais alto. “Fitz é o que Castro me chama.”

Ela encolheu-se um pouco. “Pois, é mesmo dele. Chama a uma cadela, cadela, e a um bastardo, bastardo; assim é o Castro. Bem... Fitz és, e Fitz serás chamado por mim também. Ora bem. Vou mostrar-te porque é que a varra que escolheste é demasiado longa para ti, e demasiado grossa. E depois vais seleccionar outra.”

E ela assim fez, e eu assim fiz, e conduziu-me lentamente através de um exercício que me pareceu incrivelmente complexo na altura, mas que, pelo final da semana, não era mais difícil do que entrançar a crina de um cavalo. Terminámos exactamente quando os restantes alunos dela chegaram. Eram quatro, todos mais ou menos da minha idade, mas todos mais experientes do que eu. Criou-se um momento de embaraço, visto que agora havia um número ímpar de alunos, e nenhum estava particularmente interessado em ter o recém-chegado como parceiro de treino.

Sobrevivi a esse dia não sei como, embora a memória dos detalhes se esvaeça numa abençoada névoa. Lembro-me do quão magoado estava quando ela finalmente nos dispensou; de como os outros foram a correr pelo caminho de volta à torre enquanto eu segui deprimentemente atrás deles, repreendendo-me por me ter feito notar pelo rei. Foi uma longa subida até à torre, e o salão estava cheio de gente e ruidoso. Estava demasiado cansado para comer muito. Guisado e pão, penso, foi tudo o que comi, e tinha já deixado a mesa, dirigindo-me a coxear para a porta, os meus pensa-

mentos concentrados apenas no calor e no silêncio dos estábulos, quando Brante veio ter comigo outra vez.

“Os teus aposentos estão prontos,” disse.

Lancei um olhar desesperado a Castro, mas ele estava ocupado numa conversa com o homem ao lado dele e não notou de todo a minha súplica. E assim, uma vez mais, segui Brante, desta vez para cima por uma larga escadaria de pedra, em direcção a uma parte da torre que nunca explorara.

Fizemos uma pausa num patamar, e ele pegou num candelabro da mesa e acendeu-lhe as velas. “A família real vive nesta ala,” informou-me casualmente. “O rei tem um quarto tão grande quanto os estábulos no final deste corredor.” Assenti, acreditando cegamente em tudo o que me dizia, embora mais tarde tenha descoberto que um moço de recados como Brante nunca teria entrado na ala real, privilégio esse reservado a lacaios mais importantes. Conduziu-me por outro lance de escadas acima e fez uma pausa outra vez. “Os visitantes são alojados aqui,” disse, gesticulando com a luz, de tal forma que a deslocação de ar causada pelo movimento agitou as chamas. “Os visitantes importantes, claro.”

E subimos mais um lance de escadas, os degraus estreitando-se perceptivelmente em relação aos dois lances anteriores. No patamar a seguir fizemos nova pausa, e olhei com temor para o lance de escadas acima, ainda mais estreitas e íngremes. Brante, porém, não me conduziu nessa direcção. Em vez disso, seguimos através desta nova ala, passámos três portas, e então fez deslizar a tranca de uma porta e abriu-a com um empurrão do ombro. Esta deslizou pesadamente e sem suavidade. “O quarto não foi usado por uns tempos”, observou com boa disposição. “Mas agora é teu e és bem-vindo.” E com isso pousou o candelabro numa arca, arrancou-lhe uma vela e partiu. Fechou a pesada porta atrás dele, deixando-me na semi-escuridão de um quarto grande e desconhecido.

De alguma forma refreei o instinto de desatar a correr atrás dele e abrir a porta. Em vez disso, peguei no candelabro e acendi as velas dos suportes nas paredes. Havia uma lareira com uma amostra lastimável de fogueira a arder. Aticei-a um pouco, mais pela luz do que pelo calor, e comecei a explorar os meus novos aposentos.

Era um quarto simples e quadrado, com uma única janela. As paredes de pedra, da mesma pedra que o soalho debaixo dos meus pés, eram suavizadas por uma tapeçaria pendurada. Ergui a vela para a estudar, mas não a consegui iluminar suficientemente. Podia distinguir uma espécie de criatura fulgurante e alada, e uma personagem real em súplica diante dela. Disseram-me mais tarde que era uma representação do rei Sábio a ganhar a amizade de um Antigo. Na altura, aquilo pareceu-me ameaçador. Afastei-me.

Alguém fizera uma tentativa superficial de refrescar o quarto. Havia ervas e juncos limpos espalhados pelo chão, e a cama de penas tinha um aspecto gordo e arranjado de fresco. Os dois cobertores colocados em cima dela eram de boa lã. Os resguardos da cama tinham sido puxados para trás, e a arca e o banco que constituíam o resto da mobília, desempoeirados. Aos meus olhos inexperientes, parecia ser sem dúvida um quarto luxuoso. Uma cama a sério, com cobertas e reposteiros dependurados, e um banco com uma almofada e uma arca para pôr coisas eram mais mobília do que eu conseguia lembrar alguma vez ter tido. O facto de que eram para meu uso exclusivo parecia fazê-las de alguma forma maiores. Havia também a lareira, à qual eu arrojadamente juntei outro pedaço de lenha, e a janela, com um assento de carvalho diante dela, fechada agora contra o ar da noite, mas provavelmente com vista sobre o mar.

A arca era simples, e emoldurada com encaixes de cobre. O exterior era escuro, mas, quando a abri, o interior era de uma cor ligeira e fragrante. Dentro da arca achei o meu limitado guarda-roupa, trazido dos estábulos. Duas camisas de noite tinham-lhe sido adicionadas e um cobertor de lã estava enrolado num canto da arca. E era tudo. Tirei uma camisa de dormir e fechei a arca.

Pus a camisa de dormir sobre a cama e trepei eu próprio para cima dela. Era cedo para pensar em dormir, mas o meu corpo doía, e não parecia haver mais nada a fazer. Por esta altura, lá em baixo, no quarto sobre os estábulos, Castro estaria sentado a beber e a remendar arreios e coisas assim. Haveria fogo na lareira e o som abafado dos cavalos, movendo-se nas cavaliças. O quarto cheiraria a couro, a óleo e ao próprio Castro, e não a pedra húmida e pó. Puxei a camisa de dormir sobre a cabeça, empurrei para baixo os cobertores e aninhei-me na cama de penas; era fria, e a minha pele ergueu-se logo, feita em pele de galinha. Lentamente, o calor do meu corpo aqueceu-a e comecei a relaxar. Fora um dia cheio e extenuante. Cada músculo que eu possuía parecia estar ao mesmo tempo dolorido e cansado. Sabia que me devia erguer outra vez e apagar as velas, mas não conseguia invocar a energia ou a força de vontade necessárias para as soprar e deixar uma escuridão mais profunda inundar o quarto. E assim dormitei, com os olhos semicerrados a observar as chamas debaterem-se com dificuldade no pequeno fogo da lareira. Ociosamente, desejei algo diferente, uma qualquer situação que não fosse nem este quarto desamparado, nem a segurança do quarto de Castro; ansiei pela calma que talvez tivesse conhecido uma vez, algures, mas que já não me conseguia lembrar. E assim dormitei em direcção ao obívio.

CAPÍTULO QUATRO

Aprendiz

UMA HISTÓRIA É CONTADA DO REI VITORIOSO, ele que conquistou os territórios do interior que se viriam eventualmente a tornar o Ducado de Vara. Pouco tempo depois de juntar as terras de Orla d'Areia ao seu domínio, mandou chamar a mulher que teria sido, se Vitorioso tivesse falhado a sua conquista, rainha de Orla d'Areia. Ela viajou para a Torre do Cervo muito alarmada, receando ir, mas receando ainda mais as consequências para o seu povo de pedir que a escondessem. Quando chegou, ficou espantada e quase desgostada por Vitorioso a desejar usar não como aia, mas como preceptora dos filhos, para que eles pudessem aprender a língua e os costumes do seu povo. Quando ela lhe perguntou porque é que decidira fazê-los aprender as maneiras do seu povo, ele respondeu "Um governante deve ser de toda a sua gente, porque um homem apenas pode governar o que conhece." Mais tarde, ela tornou-se de boa-vontade a esposa do filho mais velho dele e tomou o nome de Rainha Graciosa aquando da coroação.

Acordei com luz solar a bater-me na face. Alguém tinha entrado no quarto e aberto as persianas da janela para o dia. Uma bacia, um pano e um cântaro de água haviam sido deixados sobre a arca. Senti-me agradecido por estas coisas, mas nem lavar a cara me refrescou. O sono deixara-me como que embriagado e lembro-me de me sentir pouco confortável com a ideia de que alguém pudesse entrar no meu quarto e andar por ali à vontade, sem me acordar.

Como suspeitara, a janela dava para o mar, mas não tive muito tempo para devotar à vista. Um olhar de relance para o Sol avisou-me de que dormira demais. Vesti-me apressadamente e corri em direcção aos estábulos sem parar para tomar pequeno-almoço.

Mas Castro tinha pouco tempo para mim nessa manhã. “Volta à torre,” aconselhou-me. “A Dona Despachada já enviou Brante aqui abaixo para te procurar. Ela deve medir-te para roupas. É melhor ires procurá-la depressa; faz jus ao nome e não apreciará que lhe compliques a rotina da manhã.”

A corrida de volta à torre reavivou todas as dores do dia anterior. Embora temesse procurar essa Dona Despachada e ser medido para roupa de que tinha a certeza não precisar, sentia-me aliviado por não estar sobre um cavalo outra vez naquela manhã.

Começando na cozinha, fui perguntando até chegar aonde desejava. Encontrei a Dona Despachada num aposento várias portas abaixo do meu quarto de dormir. Parei timidamente à porta e espreitei para dentro. Três janelas altas inundavam o quarto com luz solar e uma ténue brisa salgada. Cestos de fio e lã tingida estavam empilhados de encontro a uma das paredes, enquanto que uma estante alta noutra parede guardava um arco-íris de tecidos. Duas jovens falavam sobre um tear e, no canto mais distante do quarto, um moço não muito mais velho do que eu balançava ao ritmo suave de uma roda de fiar. Não tinha dúvidas de que a mulher que estava com as largas costas viradas para mim era a Dona Despachada.

As duas jovens aperceberam-se da minha presença e pararam de conversar. A Dona Despachada virou-se para ver para onde é que elas estavam a olhar e, um momento mais tarde, estava preso nas suas garras. Não perdeu tempo com nomes ou a explicar-me o que estava a fazer. Achei-me numa cadeira, a ser virado e medido, enquanto ela cantarolava, sem qualquer respeito pela minha dignidade ou sequer pela minha humanidade. Censurou-me as roupas, falando para as jovens, e comentou muito calmamente que eu a lembrava bastante do jovem Cavalaria, e que as minhas medidas e cor eram praticamente as mesmas que as dele, quando tinha a mesma idade. Então pediu-lhes opiniões enquanto segurava amostras de diferentes tecidos de encontro a mim.

“Aquele,” disse uma das mulheres do tear. “Esse azul combina bem com a tez morena. Teria ficado bem ao pai. Ainda bem que Paciência nunca terá de ver este rapaz. Os traços de Cavalaria são demasiado óbvios na face para lhe poupar qualquer orgulho.”

E enquanto ali estava, embrulhado em tecidos de lã, ouvi pela primeira vez o que qualquer outra pessoa em Torre de Cervo estava farta de saber. As tecedeiras discutiram em detalhe como a história da minha exis-

tência tinha alcançado Torre do Cervo e Paciência muito antes de o meu pai lhe poder contar tudo ele próprio, e a angústia profunda que isso lhe causara. Porque Paciência era estéril e, embora Cavalaria nunca tivesse falado uma palavra contra ela, todos adivinhavam o quão difícil tinha de ser para um herdeiro não ter uma criança que eventualmente assumisse o seu título. Paciência interpretou a minha existência como a derradeira reprovação e a sua saúde, nunca boa depois de tantas gravidezes interrompidas, quebrou-se completamente, juntamente com o seu espírito. Foi tanto para o seu bem, como por decência, que Cavalaria abdicara do trono e levava a esposa inválida para as terras quentes e gentis da sua província natal. Corria a palavra de que viviam lá bem e com conforto, que a saúde de Paciência recuperava lentamente e que Cavalaria, um homem substancialmente mais discreto do que antes fora, estava a aprender a gerir o vale rico em vinha. Uma pena que Paciência também culpasse Castro pelo lapso moral de Cavalaria, e tivesse declarado que não toleraria mais ver o homem. Porque entre a ferida na perna e o abandono por Cavalaria, o velho Castro já não era o homem que antes fora. Houve tempos em que nenhuma mulher na torre passaria a correr por ele; em que chamar a atenção dele seria tornar-se a inveja de praticamente todas as mulheres suficientemente adultas para vestir saias. E agora? Velho Castro, chamavam-lhe, e ele ainda na flor da idade. E tão injusto, como se um criado alguma vez tivesse influência nas acções do seu senhor. Mas talvez fosse melhor assim, diziam. Não era Veracidade, afinal de contas, um Príncipe Herdeiro muito melhor do que Cavalaria? Tão rigorosamente nobre era Cavalaria que fazia toda a gente sentir-se desmazelada e insuficiente na sua presença; nunca concedia a si mesmo um momento de descanso, sempre preocupado em agir de forma exemplarmente correcta e, embora fosse demasiado cortês para reprovar ou fazer pouco dos que não eram capazes de agir como ele, uma pessoa tinha sempre a sensação de que o seu comportamento perfeito era uma crítica silenciosa a todos os que tinham sido agraciados com menos auto-disciplina. Ah, e afinal de contas, aqui estava o bastardo, depois de tantos anos, a prova de que ele afinal não era o homem que aparentava ser. Veracidade, esse sim, era um homem entre os homens, um rei que o povo podia contemplar e reconhecer como realza. Servia ao lado dos seus homens e, se ocasionalmente se embriagava, ou se em certas ocasiões fora menos que discreto, bem, o facto é que ele o confessava sempre, tão honesto quanto o seu nome. O povo podia compreender um homem assim e segui-lo.

Isto tudo escutava eu avidamente, embora em silêncio, enquanto vários tecidos eram postos de encontro a mim, debatidos e seleccionados. Ganhei uma compreensão muito mais profunda das razões pelas quais as crianças da torre me deixavam a brincar sozinho. Se as mulheres pensaram

que eu poderia ser afectado pelas suas conversas, não mostraram quaisquer sinais disso. O único comentário que me lembro de ouvir Dona Despachada fazer especificamente para mim foi que eu devia ser mais cauteloso a lavar o pescoço. A certa altura a Dona Despachada enxotou-me para fora do quarto como se eu fosse uma galinha incómoda, e eu encontrei-me finalmente a caminho das cozinhas para obter alguma comida.

Nessa tarde voltei ao terreiro de Hode, treinando até ter a certeza de que o bastão tinha misteriosamente dobrado de peso. Seguiu-se comer, deitar, e levantar de manhã cedo outra vez, e voltar à tutela de Castro. A aprendizagem ocupava-me os dias inteiros, e qualquer tempo livre que tivesse era absorvido por tarefas associadas a essa aprendizagem, como tratar do equipamento de montar com Castro, ou varrer a armaria e pô-la em ordem para Hode. Alguns dias depois, encontrei não um nem dois, mas três conjuntos completos de roupa, incluindo meias, colocados sobre a minha cama. Dois eram razoavelmente normais, num castanho familiar que todas as crianças da mesma idade pareciam vestir, mas um era feito de fino tecido azul, e no peito fora bordada a cabeça de um cervo, em fio de prata. As únicas vezes que eu tinha visto essa cabeça de cervo fora nas jaquetas de Majestoso e Veracidade. Por isso, olhei para ela por algum tempo, interrogando-me acerca do seu significado, mas curioso também em relação ao corte costurado a vermelho que a cortava diagonalmente, atropelando o desenho.

“Quer dizer que és um bastardo,” disse-me Castro sem rodeios quando lhe perguntei acerca daquilo. “De sangue atestadamente real, mas, mesmo assim, um bastardo. É tudo. É apenas uma maneira rápida de mostrar que tens sangue real, mas que não és da verdadeira linhagem. Se não gostas disso, podes mudá-la. Tenho a certeza de que o rei te concederia um nome e uma cota de armas que fossem só teus.”

“Um nome?”

“Certamente. É um pedido simples que chegue. Bastardos são raros nas casas nobres, e em especial na casa do rei, mas não são coisa de que nunca se tenha ouvido falar.” Sob o pretexto de me ensinar a maneira certa de tratar de uma cela, íamos andando através do armazém de apetrechos de montar, inspeccionando todo o equipamento velho e desusado. Manter e recuperar equipamento velho era uma das manias mais estranhas de Castro. “Inventa um nome e uma cota de armas para ti mesmo e então pede ao rei...”

“Que nome?”

“Ora, um nome de que gostes. Esta parece estar arruinada: alguém a atirou para aqui molhada e apodreceu. Mas havemos de ver o que se pode fazer disto.”

“Não o sentiria como se fosse verdadeiro.”

“O quê?” Estendeu-me um braço cheio de couro fedorento. Eu peguei-lhe.

“Um nome que eu desse a mim próprio. Não sentiria que fosse meu de verdade.”

Castro franziu as sobrancelhas. “Tu tens as ideias mais estranhas. Pensa nisso por uns tempos. Há-de achar um nome que te sirva.”

“Fitz,” disse eu com sarcasmo, e vi Castro cerrar os dentes.

“Vamos mas é remendar este couro,” sugeriu calmamente.

Levámo-lo para a mesa de trabalho e começámos a batê-lo. “Bastardos não são assim tão raros,” observei. “E na cidade os pais dão-lhes nomes.”

“Na cidade, bastardos não são raros,” concordou Castro após um momento. “Soldados e marinheiros metem-se com muitas mulheres. São as maneiras vulgares da gente vulgar. Mas não da realeza. Ou de quem quer que tenha um nico de orgulho. Que pensarias de mim, quando eras mais novo, se eu tivesse andado com mulheres à noite, ou as tivesse trazido para o quarto? Como verias as mulheres agora? Ou os homens? Está bem uma pessoa apaixonar-se, Fitz, e ninguém censura a uma rapariga ou a um rapaz um beijo ou dois. Mas eu vi como fazem em Vilamonte. Os mercadores trazem raparigas bonitas ou jovens bem feitas para o mercado como galinhas ou batatas. E as crianças que elas acabam por dar à luz bem podem ter nomes, mas não têm muito mais do que isso. E mesmo quando se casam, isso não lhes acaba com os... hábitos. Se alguma vez encontrar a mulher certa, quero que ela saiba que não andarei à procura de outra. E quero saber que todos os meus filhos são meus.” Castro estava quase exaltado.

Olhei para ele miseravelmente. “Então o que aconteceu com o meu pai?”

Ele pareceu de súbito cansado. “Não sei, rapaz. Não sei. Na altura ele era bastante jovem, apenas uns vinte anos de idade, e estava longe de casa, carregando um fardo pesado... bem sei que tudo isso não constitui nem razão nem desculpa suficiente, mas é tanto quanto qualquer um de nós alguma vez há-de saber.”

E ficou-se por aí.

A minha vida desenrolava-se de acordo com a rotina estabelecida. Passava os serões nos estábulos, na companhia de Castro ou, mais raramente, no Grande Salão, quando algum menestrel viajante ou espectáculo de fantoches chegava à torre. Muito raramente, conseguia escapulir-me para um serão lá em baixo, na cidade, mas isso significava pagar no dia a seguir pelo sono perdido. As tardes eram inevitavelmente passadas com algum tutor ou instrutor. Vim a perceber que estas eram as minhas lições

de Verão e que no Inverno seria apresentado a outro tipo de aprendizagem, relacionada com penas e letras. Era mantido mais ocupado do que alguma vez estivera na minha jovem vida. Porém, apesar do meu horário tão cheio, passava a maior parte do tempo sozinho.

Solidão.

Encontrava-me todas as noites quando eu procurava em vão um cantinho pequeno e acolhedor na minha grande cama. Antes, quando eu dormia por cima dos estábulos nos aposentos de Castro, as noites eram confusas, os sonhos urzentos da satisfação quente e cansada dos animais que se mexiam durante o sono, batendo os cascos, no piso debaixo de mim. Cavalos e cães sonham, como qualquer um que alguma vez tenha observado um cão a ganir e a contorcer-se numa perseguição onírica bem sabe. Os seus sonhos eram como o ar doce que se levanta de uma fornada quente de bom pão. Agora, isolado, num quarto com paredes de pedra, tinha finalmente tempo para aqueles sonhos devoradores, dolorosos que cabem aos humanos. Não tinha uma mãe de crias quente contra a qual me pudesse aninhar, nenhuma percepção de irmãos ou familiares alojados por perto. Em vez disso, jazia desperto e pensava no meu pai e na minha mãe, em como ambos me tinham expulsado das suas vidas com tanta facilidade. Ouvia as conversas que outros tinham, tão desprovidos de cuidados, sobre a minha cabeça, e interpretava os seus comentários à minha própria maneira, assustadora. Pensava no que haveria de ser de mim quando tivesse crescido e o velho Rei Sagaz estivesse já morto: pensava, ocasionalmente, se Moli Sangra-nariz e Quim sentiriam a minha falta ou se teriam já encarado a minha súbita desapareção com a mesma facilidade com que tinham aceitado a minha chegada. Mas, mais que tudo, sofria de solidão porque, em toda a grandiosa torre de menagem, não tinha nenhum amigo. Apenas os animais, e Castro proibira-me qualquer proximidade com eles.

Um noite meti-me cansadamente na cama, atormentando-me com medos nocturnos até que o sono veio, de má-vontade. Acordei com luz a bater-me na face, mas despertei sabendo que algo estava errado. Não dormira tempo que chegasse e esta luz era amarela e bruxeleante, muito diferente da alva luz solar que normalmente se derramava pela janela. Estremeci, contrariado, e abri os olhos.

Um homem estava em pé junto aos pés da cama, segurando uma candeia acima dos ombros. Isto por si só era uma raridade em Torre do Cervo, mas havia outras coisas para além da luz amanteigada da candeia que me chamaram a atenção. O próprio homem era estranho. A sua túnica tinha uma cor de lã por tingir que tinha sido lavada, mas apenas ocasionalmente e não recentemente. O cabelo e barba eram mais ou menos da mesma cor. Apesar da cor do cabelo, não consegui decidir que idade teria.

Há sarampos que deixam cicatrizes na face de um homem, mas nunca vira uma pessoa tão marcada quanto ele, repleto de pequenas cicatrizes de pústulas, rosas e vermelhos vivos mesmo à luz amarela da candeia, e assanhadas como pequenas queimaduras. As mãos dele eram feitas de ossos e tendões envoltos em pele branca velina. Observava-me e, mesmo à luz da candeia, os olhos eram do verde mais penetrante que alguma vez vira. Lembravam-me dos olhos de um gato à caça de alguma coisa; a mesma combinação de alegria e ferocidade. Puxei a manta para cima, prendendo-a debaixo do queixo.

“Estás acordado,” disse. “Bom. Levanta-te e segue-me.”

Virou-se abruptamente, afastando-se do lado da cama e da porta do quarto, rumo a um canto sombrio entre a lareira e a parede. Não me mexi. Ele virou a cabeça para trás, olhando na minha direcção, e ergueu a candeia mais alto. “Despacha-te, rapaz”, disse com irritação e deu uma pancada contra a cama com o bordão ao qual se encostava.

Eu saí da cama, estremeçando quando os pés descalços tocaram no chão frio. Tentei pegar nas minhas roupas e sapatos, mas o homem não tinha a intenção de esperar por mim. Olhou outra vez de relance para ver o que me estava a atrasar, e o seu olhar penetrante foi suficiente para me fazer largar as roupas e tremer.

Portanto segui-o, sem palavras, em camisa de dormir, sem qualquer razão que pudesse explicar a mim mesmo, excepto que ele assim sugerira. Segui-o até a uma porta que nunca ali tinha estado antes e para cima por um estreito lanço de degraus sinuosos, alumiados apenas pela candeia que ele segurava acima da cabeça. A sua sombra estendia-se atrás dele e sobre mim, de tal forma que eu andava numa escuridão em movimento, tacteando cada degrau com os pés. As escadas eram de pedra fria, usada, macia e notavelmente nivelada. A escadaria continuava sempre, e a partir de determinado momento pareceu-me que já tínhamos subido mais alto do que todas as torres que a fortaleza possuía. Uma brisa gelada fluía em direcção ao topo seguindo os degraus, e trepava-me pela camisa de dormir, arrepiando-me com mais do que mero frio. Continuámos sempre a subir, até que finalmente ele empurrou uma porta maciça que, para minha surpresa, se moveu silenciosa e facilmente. Entrámos num quarto.

Estava iluminado por várias candeias, suspensas por finas correntes de um tecto que não conseguia ver. Era grande, mais de três vezes maior do que o meu. Um dos extremos do quarto chamou-me a atenção. Era dominado pela enorme armação de uma cama recheada de mantas de penas e almofadas. Havia tapetes no chão, uns por cima dos outros, com os seus escarlates e verdes vivos e azuis, tanto em tons profundos quanto pálidos. Havia uma mesa feita de madeira da cor do mel silvestre e, so-

bre essa mesa, estava uma taça de fruta, tão perfeitamente madura que eu podia sentir o cheiro das suas fragrâncias. Livros e rolos de pergaminhos espalhavam-se em desordem, como se a sua raridade não preocupasse minimamente o leitor. Todas as três paredes eram adornadas por tapeçarias que representavam paisagens de planícies abertas com montes repletos de arvoredo no horizonte. Comecei a andar nessa direcção.

“Por aqui,” disse o meu guia, guiando-me de forma implacável para o outro extremo do quarto.

Ali apresentava-se um espectáculo diferente. Uma mesa com o tampo de pedra dominava a zona, a superfície chamuscada e cheia de nódoas. Em cima jaziam várias ferramentas, contentores e apetrechos, uma balança, um almofariz e um pilão, e muitas coisas de que eu não sabia o nome. Uma fina película de pó cobria muitas áreas da mesa, como se vários projectos tivessem sido abandonados a meio, meses ou até anos atrás. Por trás da mesa havia prateleiras que continham um colecção desarrumada de rolos de pergaminho, alguns adornados a azul ou dourado. O cheiro do quarto era ao mesmo tempo pungente e aromático; molhos de ervas secavam noutras prateleiras. Ouvi um restolhar e vi de relance um movimento pelo canto do olho, mas o homem não me deu tempo de investigar. A lareira que devia ter aquecido este canto do quarto era um buraco negro e frio. As brasas pareciam húmidas e há muito tempo extintas. Levantei os olhos para o meu guia. Pareceu ficar surpreso com o desânimo que viu no meu olhar. Virou-se e lentamente passou ele próprio em revista o quarto. Ponderou um pouco e eu senti o seu desagrado embaraçado.

“É uma confusão. Mais do que uma confusão, suponho. Mas enfim. Passou-se bastante tempo, suponho. Mais até do que apenas bastante tempo. Bem. Depressa se põe tudo em ordem. Mas primeiro, é necessário tratar das apresentações. Suponho que seja um bocado arrepiante estar aqui só com uma camisa de dormir em cima do pêlo. Por aqui, rapaz.”

Segui-o para o lado confortável do quarto. Ele sentou-se numa cadeira de madeira maltratada envolta em cobertores. Os meus dedos dos pés descalços afundaram-se agradecidamente na pelugem de um tapete de lã. Fiquei em pé diante dele, aguardando, enquanto os olhos verdes me sondavam. Por alguns minutos, o silêncio manteve-se. E então ele falou.

“Primeiro, deixa-me apresentar-te a ti mesmo. A tua linhagem está presente em todos os teus traços. Sagaz escolheu admiti-lo, porque todas as suas recusas não teriam chegado para convencer ninguém do contrário.” Fez uma pequena pausa e sorriu como se algo o divertisse. “Pena que Galeno se recuse a ensinar-te o Talento. Mas foi proibido há muitos anos, por receio que se tornasse uma ferramenta demasiado comum.

Aposto que se o velho Galeno te tentasse ensinar, te haveria de achar apto. Mas não temos tempo para nos preocupar com o que não vai acontecer.” Suspirou como se meditasse em alguma coisa e ficou silencioso por um momento. Recomeçou abruptamente, “Castro mostrou-te como trabalhar e como obedecer. Duas coisas nas quais o próprio Castro é excelente. Não és especialmente forte, rápido ou esperto. Não penses que és. Mas terás a teimosia para cansar qualquer um que seja mais forte, mais rápido ou mais esperto do que tu. E isso é mais perigoso para ti do que para qualquer outro. Mas isso não é neste momento o mais importante acerca de ti.”

“És um dos homens do rei, agora. E debes começar a compreender, aqui, neste lugar, que isso é o teu mais importante atributo. Ele dá-te de comer, veste-te e garante que recebes educação. E tudo o que ele pede em troca, por agora, é a tua lealdade. Mais tarde, pedir-te-á o teu serviço. Essas são as condições sob as quais te ensinarei: seres um homem do rei e completamente leal a ele. Porque, sob diferentes condições, seria demasiado perigoso educar-te na minha arte. “Ele fez uma pausa e, por um longo momento, olhámos simplesmente um para o outro. “Concordas?” perguntou, e eu sabia que não era uma simples questão, mas o selar de um pacto.

“Sim,” disse, e depois, vendo que ele ainda aguardava por alguma coisa: “Dou-te a minha palavra.”

“Bom,” disse ele entusiasticamente. “Agora. Passemos a outras coisas. Alguma vez me viste antes?”

“Não.” Apercebi-me de repente do quão estranho isso era. Pois embora aparecessem com frequência na torre visitantes que eu desconhecia, era óbvio que este homem residia aqui há muito tempo. E eu conhecia, pelo menos de vista, quando não de nome, quase todos os habitantes da torre.

“Sabes quem eu sou, rapaz? Ou porque estás aqui?”

Indiquei rapidamente que não com a cabeça a ambas as perguntas. “Bem, mais ninguém sabe, de qualquer forma. Portanto cuida que as coisas continuem como estão. Compreende isto claramente: não falarás a ninguém nem do que fazemos aqui, nem de nada do que aqui aprenderes. Compreendes?”

O meu aceno afirmativo com a cabeça deve tê-lo satisfeito, pois pareceu relaxar-se na cadeira. As mãos ossudas agarraram as rótulas dos joelhos através da veste de lã. “Bom. Bom. Agora. Podes chamar-me Breu. E como devo eu chamar-te?” Fez uma pausa e ficou à espera, mas quando eu não ofereci um nome, ele completou “Rapaz. Não são os nossos verdadeiros nomes, mas hão-de servir, durante o tempo que passarmos juntos. Portanto. Eu sou Breu, e sou mais um dos professores que Sagaz te arranhou. Demorou algum tempo até ele se lembrar de que eu estava aqui, e de-

pois demorou algum tempo até ele se decidir a pedir-me que te ensinasse. E depois demorou ainda mais até que eu concordasse em ensinar-te. Mas tudo isso está tratado agora. Quanto ao que te vou ensinar... bem.”

Ergueu-se e moveu-se em direcção à lareira. Inclinou a cabeça enquanto fitava as chamas, e em seguida curvou-se para pegar num tição e remexer as brasas, avivando a fogueira. “É assassinio, mais ou menos. A fina arte do assassinato diplomático. Matar pessoas. Ou cegá-las, ensurdecê-las, debilitá-las, paralisá-las, causar-lhes tosses debilitantes ou impotência; ou senilidade precoce, ou loucura ou... mas não interessa. Tudo isso é o meu ofício. E será o teu, se concordares, agora mesmo, desde o princípio, que te vou ensinar a matar pessoas. Ao serviço do teu rei. E não da forma vistosa que Hode te está a ensinar, não no campo de batalha, onde outros te vêem e te incentivam. Não. Vou ensinar-te maneiras asquerosas, furtivas e educadas de matar pessoas. E pode ser que venhas a desenvolver um gosto por tais artes, mas também pode ser que não. Isso vai depender de ti, e não é coisa sobre a qual eu tenha qualquer controlo. Mas garanto-te que saberás como fazê-lo. E garanto-te também outra coisa, uma coisa que estipulei como condição ao Rei Sagaz antes de aceitar ensinar-te: que saberás que é isto que te estou a ensinar, como eu nunca soube quando tinha a tua idade. Portanto. Devo-te ensinar a ser um assassino. Tudo bem contigo, rapaz?”

Indiquei que sim com a cabeça outra vez, inseguro, mas não sabendo se tinha outra escolha.

Ele olhou-me de esguelha. “Podes falar, não podes? Não és mudo, além de bastardo, ou és?”

Engoli em seco. “Não, senhor. Eu posso falar.”

“Bem, então faz o favor de falar. Não fiques para aí a fazer que sim com a cabeça. Diz-me o que é que pensas de tudo isto. De quem eu sou e do que acabei de te propor que façamos.”

Convidado a falar, continuei calado. Fitei a cara dele, cheia de marcas, e a pele velina das mãos e senti o brilho dos seus olhos verdes sobre mim. Movi a língua no interior da boca, mas encontrei apenas silêncio. A atitude dele convidava palavras, mas a sua face era mais aterrorizante do que qualquer coisa que eu tivesse alguma vez imaginado.

“Rapaz,” disse, e a gentileza na voz sobressaltou-me de tal forma que forçou os meus olhos a fitarem os dele. “Posso ensinar-te mesmo que me odeies, mesmo que desprezes as lições que te dou. Posso ensinar-te se estiveres aborrecido, se fores preguiçoso ou estúpido. Mas não posso ensinar-te se tiveres medo de falar comigo. Pelo menos, não da forma que te quero ensinar. E não te posso ensinar se decidires que isto é algo que não queres aprender. Mas tens de me dizer isso. Aprendeste a proteger tão bem os teus pensamentos que tens quase medo de os dares a

conhecer a ti próprio. Mas tenta dizê-los em voz alta, agora, a mim. Não serás punido.”

“Não gosto muito disso,” balbuciei de repente. “A ideia de matar gente.”

“Ah,” exclamou e fez uma pausa. “Nem eu gostei, quando tive de o fazer. Nem gosto ainda.” Suspirou fundo. “Cada vez que a situação surgir, serás tu a decidir. A primeira vez é a mais difícil. Mas fica a saber, por agora, que essa decisão está a muitos anos de distância. E, entretanto, tens muito que aprender.” Ele hesitou. “Há isto, rapaz. E deves lembrá-lo em todas as situações e não só nesta. Aprender nunca é errado. Mesmo aprender como matar não é errado. Ou certo. É apenas uma coisa, aprender algo que eu te posso ensinar. É tudo. Por agora, pensas que podes aprender como fazê-lo, e decidir mais tarde se o queres realmente fazer?”

Que pergunta para fazer a um rapazinho. Mesmo então, creio que algo em mim me eriçou os pêlos da nuca e farejou com desconfiança a ideia, mas, rapazinho que era, não pude encontrar qualquer objecção. Além disso, a curiosidade roía-me por dentro.

“Eu posso aprender a fazer isso.”

“Bom.” Ele sorriu, mas a face mostrava cansaço, e não tinha a aparência de estar assim tão satisfeito quanto isso. “Por agora, é suficiente. Mais do que suficiente.” Olhou o quarto em redor. “Podemos começar esta noite. Vamos primeiro arrumar isto um bocado. Há uma vassoura ali. Ah, mas antes de mais, despe essa camisa de dormir e veste algo... ah, há uma velha túnica aqui. Por agora, há-de servir. Não podemos ter o pessoal da lavandaria a perguntar-se porque é que a tua camisa de dormir cheira a cânfora e a alivia-a-dor, não é? Agora: tu varres o chão, e eu arrumo umas coisas.”

E assim se passaram as horas seguintes. Eu varri e esfreguei o chão de pedra. Ele orientou-me enquanto eu limpava a parafernália na grande mesa. Virei as ervas na grelha onde secavam. Dei de comer aos três lagartos que ele tinha enjaulados num canto, cortando alguma carne velha e pegajosa em bocados que eles engoliram inteiros. Limpei vários potes e gamelas e guardei-os. Ele trabalhava a meu lado, parecendo grato pela companhia, e cavaqueava comigo como se fôssemos ambos velhos. Ou ambos jovens.

“Nada de letras ainda? Nada de cifras? Que disparate! O que anda o velho a pensar? Bem, hei-de me assegurar que isso seja remediado depressa. Tens as sobranceiras do teu pai, rapaz, e a mesma forma de as franzir. Já alguém te tinha dito isso? Ah, aí estás, Sorrasteiro, seu patife! Que asneiras tens andado a aprontar?”

Uma doninha castanha apareceu por detrás de uma tapeçaria, e

fomos apresentados um ao outro. Breu deixou-me alimentar Sorrateiro com ovos de codorniz de uma gamela em cima da mesa e riu-se quando o pequeno animal me perseguiu mendigando por mais. Deu-me um bracelete de cobre que achei debaixo da mesa, avisando que poderia tornar-me o pulso verde e que, se alguém me perguntasse acerca dele, deveria dizer que o encontrara atrás dos estábulos.

A certa altura, parámos para comer bolos de mel e beber vinho quente com especiarias. Sentámo-nos a uma mesa baixa, sobre uns tapetes em frente à lareira, e observei a luz do fogo dançando sobre a cara cheia de cicatrizes dele e perguntei a mim mesmo porque me parecera tão assustadora antes. Ele apercebeu-se de que o observava, e a face contorceu-se-lhe num sorriso. “Parece-te familiar, não parece, rapaz? A minha cara, quero eu dizer.”

Não parecia. Eu tinha estado a fitar as cicatrizes grotescas na pele pastosa e branca. Não fazia qualquer ideia do que ele queria dizer. Fitei-o interrogativamente, tentando descobrir o que era.

“Não te preocupes com isso, rapaz. Deixa marcas em todos nós, e mais cedo ou mais tarde hás-de te habituar a notá-las. Mas por agora, bem...” Ele ergueu-se, espreguiçando-se, de tal forma que a sua batina revelou umas coxas magrinhas e brancas. “Agora é tarde. Ou cedo, dependendo de que parte do dia gostas mais. É tempo de voltares à tua cama. Agora. Vais-te lembrar de que tudo isto é um segredo muito negro e muito secreto, não vais? Não só este quarto, mas a coisa toda, o acordar à noite e as lições sobre como matar pessoas, e tudo isso.”

“Vou-me lembrar, sim,” disse-lhe e então, apercebendo-me de que teria significado para ele, acrescentei, “Tens a minha palavra.”

Ele gargalhou e em seguida anuiu, quase tristemente. Mudei de roupa, vestindo outra vez a camisa de dormir, e ele acompanhou-me pelos degraus abaixo. Segurou a luz brilhante da candeia ao pé da minha cama, enquanto trepava para dentro, e aconchegou os cobertores sobre mim como ninguém me tinha feito desde que deixara os aposentos de Castro. Penso que adormeci antes que ele deixasse a beira da cama.

Brante foi enviado para me acordar, de tão atrasado que estava. Despertei, como se estivesse embriagado, e senti uma forte dor latejante na cabeça. Contudo, logo que ele partiu, saltei da cama e corri até ao canto do quarto. Ao empurrar a parede, as minhas mãos encontraram apenas pedra fria, e nenhuma fenda na pedra ou no estuque revelava a existência da porta secreta que tinha ali estado na noite anterior. Nem por um instante pensei que Breu tivesse sido um sonho. De qualquer forma, o simples bracelete de cobre no meu pulso atestava da sua existência.

Vesti-me apressadamente e passei através das cozinhas para apa-

nhar um pedaço de pão e queijo que ainda estava a comer quando cheguei às cavalações. Castro ficou irritado com o meu atraso e achou defeitos em tudo o que tentei fazer, fosse montar a cavalo ou trabalhar nas cavalações. Lembro-me bem de como me censurou: “Não penses que porque tens um quarto no cimo da torre e uma cota-de-armas na jaqueta te podes tornar num malandro que anda por aí, que ressona na cama até quando quer e que só se ergue para afogar o cabelo. Não tolerarei isso. Bastardo podes ser, mas és o bastardo de Cavalaria, e hei-de fazer de ti um homem de que ele se orgulhe.”

Imobilizei-me e, com as escovas de apumar os cavalos ainda nas mãos, perguntei: “Estás a referir-te a Majestoso, não é?”

A pergunta inesperada surpreendeu-o. “O quê?”

“Quando falas de malandros que passam toda a manhã na cama e não fazem nada senão preocupar-se com o cabelo e com as roupas, estás a falar de Majestoso.”

Castro abriu a boca e fechou-a logo de seguida. As maçãs do rosto enrubescidas pelo vento tornaram-se ainda mais vermelhas. “Nem eu nem tu,” resmungou por fim, “estamos em posição de criticar qualquer um dos príncipes. E digo-te isto apenas como uma regra geral, que dormir de manhã não fica bem a um homem, e ainda pior a um rapaz.”

“E nunca a um príncipe.” Disse isto e parei, para perguntar a mim mesmo donde é que tal pensamento me veio.

“E nunca a um príncipe,” Castro concordou sombriamente. Estava ocupado na cavalação, tratando a perna magoada de um potro. O animal estremeceu de repente, e ouvi Castro grunhir com o esforço de o segurar. “O teu pai nunca dormia até mais tarde do que o ponto médio do sol só porque estivera a beber na noite anterior. Claro que ele tinha uma resistência ao vinho como nunca vi antes, mas também havia disciplina nisso. Não tinha um criado designado para o acordar: tirava-se a si mesmo da cama todos os dias e esperava que os seus homens seguissem o exemplo. Nem sempre isso o tornava popular, mas os soldados respeitavam-no. Homens gostam disso num líder, que exija de si mesmo o que espera deles. E vou-te dizer outra coisa: o teu pai não gastava dinheiro a aperaltar-se como um pavão. Quando era mais jovem, antes de se casar com Dama Paciência, estava a jantar uma noite num desses pequenos castelos. Tinham-me sentado não demasiado longe dele, o que constituía uma grande honra para mim, e eu ouvi um pouco da sua conversa com a filha da casa que haviam sentado esperançosamente ao pé do Príncipe Herdeiro. Ela perguntou-lhe o que achava ele das esmeraldas que ela trazia ao pescoço, e ele fez-lhe um cumprimento a esse respeito. ‘Estava a perguntar a mim mesma, senhor, se gosta de jóias, pois não enverga nenhuma esta noite,’ disse ela num tom

coquete. E ele respondeu, com seriedade, que as jóias dele luziam tão brilhantes quanto as dela, e muito maiores. ‘Oh, e onde guardais tais jóias, pois adoraria vê-las.’ E ele respondeu-lhe que teria o maior gosto em lhas mostrar mais tarde nessa mesma noite, quando estivesse mais escuro. Ela corou, esperando algum tipo de convite secreto. Mais tarde, ele convidou-a com efeito a segui-lo até às muralhas, mas levou também consigo metade dos convivas do jantar. E apontou-lhe as luzes das torres de vigia na costa, brilhando claramente na escuridão, e disse-lhe que considerava aquelas as suas melhores e mais queridas jóias, e que gastara o dinheiro dos impostos do pai dela para as manter a brilharem assim. E então fez notar aos convivas as luzes tremeluzentes dos guardas desse homem nobre, dispostas ao longo das fortificações do castelo, e disse-lhes que, quando olhassem para o Duque, deviam ver aquelas luzes brilhantes como jóias sobre a sua fronte. Foi um belo cumprimento ao Duque e à Duquesa, e os outros nobres tomaram nota disso. Os Ilhéus tiveram muito poucas incursões bem sucedidas nesse Verão. Era assim que Cavalaria reinava. Pelo exemplo e pela graça das suas palavras. Assim deveria fazer qualquer verdadeiro príncipe.”

“Eu não sou um verdadeiro príncipe. Sou um bastardo.” Foi estranho ouvir da minha própria boca aquela palavra que ouvia com tanta frequência e dizia tão raramente.

Castro suspirou. “Sê o teu sangue, rapaz, e ignora o que os outros pensam de ti.”

“Às vezes fico cansado de ter de fazer sempre as coisas mais difíceis.”

“Também eu.”

Absorvi isto em silêncio por algum tempo, enquanto esfregava o ombro de Fuligem. Castro, ainda ajoelhado ao lado do potro, falou de súbito. “Não te peço mais do que a mim mesmo. Sabes que é verdade.”

“Eu sei disso,” respondi, surpreendido que ele o mencionasse outra vez.

“Só quero fazer o melhor que possa por ti.”

Isto era uma ideia totalmente nova para mim. Depois de um momento, perguntei, “Porque se pudesses fazer Cavalaria sentir-se orgulhoso de mim, do que fizeste de mim, talvez ele voltasse?”

O som rítmico das mãos de Castro esfregando bálsamo na perna do potro diminuiu de velocidade e então parou, abruptamente. Mas ele continuou acorçado ao pé do cavalo e falou calmamente através da parede da cavalaria. “Não. Não penso isso. Não acho que alguma coisa o possa trazer de volta. E, ainda que viesse, “ e aqui Castro começou a falar mais lentamente, “ainda que viesse, não seria o homem que costumava ser. Antes, quero dizer.”

“É tudo culpa minha, que ele tenha partido, não é?” As palavras das mulheres enquanto costumavam ecoaram-me na cabeça. *Se não fosse pelo rapaz, ele ainda seria o sucessor do rei.*

Castro fez uma longa pausa. “Não acho que seja culpa de algum homem nascer...” Suspirou, e as palavras pareceram vir-lhe à boca com mais relutância. “E é certo que não há forma de um bebé se fazer a si mesmo legítimo. Não. Cavalaria causou a própria queda, embora seja uma coisa difícil para mim de dizer.” Ouvi as mãos dele voltarem ao trabalho na perna do potro.

“E a tua queda, também.” Disse isto para o ombro de Fuligem, suavemente, nunca imaginando que ele me ouvisse.

Mas, um momento ou dois mais tarde, ouvi-o murmurar, “Eu desvencilho-me bem que chegue, Fitz. Bem que chegue.”

Acabou a sua tarefa e veio ter comigo à cavaliça de Fuligem. “Dás à língua como a coscuvilha da aldeia, Fitz. O que é que te deu?”

Foi a minha vez de fazer uma pausa e me pôr a pensar. Alguma coisa acerca de Breu, decidi. Alguma coisa acerca de alguém que queria que eu compreendesse e tivesse uma palavra a dizer no que me estava a ser ensinado, soltara-me a língua para finalmente perguntar todas as questões que carregara comigo durante tantos anos. Mas, como não lhe podia dizer isso, encolhi os ombros e respondi-lhe sem mentir, “São apenas coisas que me intrigaram durante muito tempo.”

Castro grunhiu a sua aceitação da resposta. “Bem. É sem dúvida uma melhoria que perguntes, embora não prometa poder dar-te sempre uma resposta. É bom ouvir-te falar como um homem. Faz-me recear menos que te possa vir a perder para os animais.” Olhou intensamente para mim por um momento e depois afastou-se, coxeando. Fiquei a vê-lo ir-se embora e lembrei-me daquela primeira noite em que o vira, e como um olhar dele fora suficiente para domar um salão inteiro cheio de homens feitos. Já não era o mesmo homem. E não fora apenas o manquejar que lhe mudara o porte e a maneira como os outros o viam. Ainda era respeitado enquanto mestre dos estábulos e ninguém contestava a sua autoridade ali, mas já não era a mão direita do Príncipe Herdeiro. Exceptuando ter-me a seu cargo, deixara de ser o homem de confiança de Cavalaria. Não era de admirar que não pudesse olhar-me sem ressentimento. Ele não gerara o bastardo que fora a sua queda. Pela primeira vez desde que o conheci, o medo que tinha dele tingiu-se de compaixão.

CAPÍTULO CINCO

Lealdades

EM ALGUNS REINOS E TERRAS, faz parte da tradição que o filho varão preceda a filha nas questões de herança. Esse nunca foi o caso nos Seis Ducados. Os títulos são herdados exclusivamente por ordem de nascimento.

Aquele que herda o título deve supostamente encará-lo como uma responsabilidade de administração. Se um senhor ou senhora for insensato ao ponto de cortar demasiados acres de floresta de uma só vez, ou negligenciar as vinhas, ou deixar que a qualidade do gado seja demasiado afectada por procriação consanguínea, o povo do Ducado pode contestá-lo e vir ao rei pedir justiça. É coisa que já aconteceu, e todo o nobre tem consciência de que pode acontecer outra vez. O bem-estar do povo pertence ao povo, e este tem o direito de reclamar se o Duque o gerir mal.

Quando o portador do título se casa, é esperado que tenha isso em consideração. O companheiro escolhido deve também ele ou ela estar disposto a ser um administrador. Por essa razão, o companheiro possuidor do título inferior deve passá-lo ao irmão mais novo. Um indivíduo só pode verdadeiramente administrar uma propriedade. Em certas ocasiões, isso tem causado divisões. O Rei Sagaz casou-se com a Dama Desejo, que se teria tornado Duquesa de Vara caso não tivesse escolhido aceitar a oferta e tornar-se rainha. Diz-se que ela veio a lamentar a decisão e convenceu-se de que, se tivesse continuado Duquesa, teria mais poder. Casou-se com Sagaz sabendo bem que era a sua segunda rainha e que a primeira já lhe dera dois herdeiros. Nunca escondeu o desdém que sentia pelos dois príncipes mais velhos e frequentemente tornava expresso que,

visto ser ela de uma estirpe muito mais elevada do que a primeira rainha do Rei Sagaz, considerava o seu filho, Majestoso, mais nobre do que os dois meios-irmãos. Tentou instigar essa ideia noutros pela escolha do nome do filho. Infelizmente para os seus planos, a maioria achou este tratadema de mau gosto. Muitos referiam-se a ela em tom de troça como a rainha do Interior, pois, quando ébria, afirmava que tinha a influência política necessária para unificar Vara e Lavra num novo reino, um que se livraria do jugo do Rei Sagaz e a proclamaria rainha. Muitos consideram porém que tais afirmações eram devidas ao seu gosto por substâncias intoxicantes, quer as alcoólicas quer as extraídas de ervas. É verdade, contudo, que antes de ter sucumbido aos seus vícios, ela foi responsável por alimentar as querelas entre o Interior e os Ducados Costeiros.

Com o tempo, comecei a ansiar pelos encontros nocturnos com Breu. Nunca tinham horas ou dias certos, nem qualquer padrão que pudesse discernir. Um semana, mesmo duas, podiam passar-se entre encontros, ou podia acontecer que ele me viesse chamar todas as noites durante uma semana, deixando-me a cambalear de cansaço durante as minhas obrigações diurnas. Às vezes, chamava-me logo que toda a torre dormia; noutras alturas, chamava-me a altas horas da madrugada. Era um horário extenuante para um rapaz em crescimento e, contudo, nunca pensei em queixar-me a Breu ou recusar um chamamento. Nem penso que alguma vez lhe ocorresse que as lições nocturnas me causassem quaisquer dificuldades. Sendo uma criatura nocturna ele próprio, deve ter-lhe parecido que tais horas eram perfeitamente naturais para o meu ensino. E as lições que com ele aprendi eram peculiarmente adequadas às horas mais sombrias do mundo.

As suas lições eram tremendamente abrangentes. Um noite podia ser passada no estudo laborioso das ilustrações de um grande herbanário que ele mantinha, com o requisito de que no dia a seguir eu colhesse seis exemplares que correspondessem às ilustrações. Nunca achava que devesse sugerir-me onde procurar por essas ervas, se nos jardins da cozinha ou nos cantos mais sombrios da floresta, mas achava-as sempre, aprendendo muito em termos de capacidade de observação no processo.

Também fazia jogos. Por exemplo, dizia-me que, de manhã, devia ir ter com Sara, a cozinheira, e perguntar-lhe se o presunto deste ano era mais magro do que o do ano anterior. Depois, na noite seguinte, devia relatar a conversa inteira a Breu, o mais exactamente possível, palavra por palavra, e responder a uma dúzia de questões: como era a sua postura, se era canhota ou não, se me parecera um pouco surda, e o que estava a cozinhar na altura em que eu lhe falara. A minha timidez e reserva nunca eram consi-

deradas desculpas suficientes para falhar esse tipo de missão, e assim dei por mim a encontrar e a conhecer muita da criadagem da torre. Embora as minhas questões fossem inspiradas por Breu, toda a gente ficava contente com o meu interesse e de boa-vontade partilhava os conhecimentos que tinha. Sem querer, comecei a construir uma reputação de “jovem vivo” e “bom rapaz”. Anos mais tarde, apercebi-me de que a lição não tinha apenas o objectivo de me exercitar a memória, mas também de me ensinar a ganhar a amizade das pessoas e perceber como pensavam. E, com efeito, muitas ocasiões houve mais tarde em que um sorriso, um cumprimento sobre a forma como o meu cavalo fora tratado, e uma rápida pergunta feita a um moço de estrebaria me providenciaram informação que todo o ouro do reino não teria obtido por meio de suborno.

Outros jogos serviam para treinar, além do poder de observação, a audácia. Um dia, Breu mostrou-me um novelo de fio e disse-me que eu, sem fazer perguntas à Dona Despachada, deveria descobrir exactamente onde ela mantinha provisões de um fio que correspondesse exactamente àquele, e quais as ervas que haviam sido usadas para o tingir. Três dias mais tarde, foi-me dito que devia surripiar as melhores lãs que ela tivesse, escondê-las atrás de uma certa garrafeira na adega por três horas, e voltar a pô-las no lugar, tudo isso sem ser detectado nem por ela, nem por qualquer outra pessoa. Tais exercícios apelavam ao gosto natural de um rapaz por travessuras, e eu raramente os falhava. Se falhasse, as consequências eram problema meu. Breu avisara-me de que não me tentaria proteger da ira de ninguém e sugeriu que tivesse uma boa história preparada para explicar a minha presença em lugares onde não era suposto estar, ou a minha posse de algum objecto que não tivesse qualquer razão para possuir.

Aprendi a mentir muito bem. Não creio que tal me tenha sido ensinado por acidente.

Todos esses exercícios eram lições de introdução ao ofício de assassino. Havia outras: prestidigitação, movimento furtivo, onde golpear um homem para pô-lo inconsciente, onde golpear um homem para matá-lo sem que gritasse, onde apunhalar um homem para que morresse sem verter muito sangue. Aprendi tudo isso rapidamente e bem, progredindo sob o olhar aprovador de Breu.

Começou a usar-me para pequenas tarefas pela torre. Nunca me dizia, antes do tempo, se eram testes às minhas habilidades ou verdadeiras missões que desejava ver efectuadas. Para mim não havia qualquer diferença: executava cada uma delas com determinação e devoção a Breu e a tudo o que ele me ordenava. Na Primavera desse ano, preparei as taças de vinho de uma delegação visitante de mercadores de Vilamonte de forma a que ficassem muito mais ébrios do que desejavam. Mais tarde, nesse

mesmo mês, escondi um boneco de uma trupe de teatro de fantoches, para que tivessem de apresentar o Incidente das Taças Correspondentes, um pequena estória popular ligeira, em vez do longo drama histórico que haviam planeado para essa noite. No Festim do Solstício, adicionei uma certa erva ao pote de chá de uma criada, de forma a que ela e três das suas amigas fossem afligidas de soltura de ventre e não pudessem servir à mesa nessa noite. No Outono, atei um fio em torno do boleto do cavalo de um nobre visitante, para dar ao animal um coxear temporário que convenceu o nobre a quedar-se em Torre do Cervo dois dias mais do que o planeado. Nunca sabia das razões por detrás das tarefas que Breu me dava. Naquela idade, concentrava a minha mente em como fazer uma coisa e não no porquê. E isso, também, era algo que creio ter-me sido ensinado intencionalmente: obedecer sem questionar a razão pela qual a ordem foi dada.

Houve uma tarefa que me deliciou. Mesmo nessa altura, sabia que a missão era mais do que um capricho de Breu. Chamou-me no final da noite, um pouco antes da madrugada. “Dom Falcorreia e a sua dama têm estado de visita nas duas últimas semanas. Conheces-los de vista; ele tem um bigode muito longo e ela passa a vida a arranjar o cabelo, mesmo à mesa. Sabes de quem falo?”

Franzi o sobrolho. Muitos nobres se tinham reunido em Torre do Cervo para formar um conselho com o intuito de discutir o aumento de incursões dos Ilhéus. Pelo que eu percebera, os Ducados Costeiros queriam mais navios de guerra, mas os Ducados do Interior opunham-se à partilha dos impostos para aquilo que viam como um problema puramente costeiro. Dom Falcorreia e a Dama Dália eram do interior. Falcorreia e os seus bigodes pareciam ter feitios temperamentais e um fervor constante. A Dama Dália, em contrapartida, parecia não se interessar de todo no conselho, e passava a maior parte do tempo a explorar Torre do Cervo.

“Usa sempre flores no cabelo? Que passam a vida a cair?”

“Essa mesma,” respondeu Breu enfaticamente. “Bem. Conhece-la. Agora, esta é a missão, e não tenho tempo de a planear contigo em pormenor. A certa altura durante o dia de hoje, ela vai enviar um mensageiro ao quarto do Príncipe Majestoso. O mensageiro irá entregar qualquer coisa – uma bihete, uma flor, um objecto qualquer. Deverás remover esse objecto do quarto de Majestoso antes que ele o veja. Percebes?”

Eu anuí e abri a boca para dizer algo, mas Breu levantou-se de súbito e quase me expulsou do quarto. “Não há tempo; é quase manhã!” declarou.

Eu arranjei maneira de estar no quarto de Majestoso, escondido, quando a mensageira chegou. Pela maneira como a moça entrou no quarto,

convenci-me de que não era a sua primeira missão. Colocou um pequeno rolo de pergaminho e um botão de flor na almofada de Majestoso e esgueirou-se para fora do quarto. Em breve, ambos os objectos estavam na minha jaqueta e, mais tarde, debaixo da minha própria almofada. Penso que a parte mais difícil dessa missão foi refrear-me de abrir o rolo de pergaminho. Entreguei a Breu o rolo e a flor nessa mesma noite.

Durante os dias que se seguiram esperei, certo de que haveria alguma espécie de furor e esperando ver Majestoso extremamente frustrado. Mas, para minha surpresa, nada disso aconteceu. Majestoso continuou a comportar-se como lhe era usual, excepto que se arranjava ainda melhor que de costume e namoriscava ainda mais escandalosamente com todas as damas. Quanto a Dona Dália, tomou subitamente interesse pelas sessões do conselho e deixou o marido perplexo ao tornar-se uma apoiante fervorosa dos impostos para navios de guerra. A rainha expressou o seu desagrado por essa mudança de campo, excluindo a Dama Dália de uma prova de vinhos nos seus aposentos. Tudo aquilo deixou-me confuso, mas quando finalmente o mencionei a Breu, ele repreendeu-me.

“Lembra-te, és um homem do rei. Se uma tarefa te é dada, tu executa-la. E devias estar bem satisfeito contigo mesmo por completares a tarefa dada: é tudo o que precisas de saber. Apenas Sagaz pode planear as jogadas e desenhar a estratégia para este jogo. Tu e eu, somos peças do jogo, talvez. Embora sejamos das suas melhores peças, disso podes estar certo.”

Desde o início, Breu descobriu os limites da minha obediência. Uma vez, quando era necessário que eu incapacitasse um cavalo, ele sugeriu que eu cortasse a rasilha do pé ao animal. Nunca considerei sequer fazer tal coisa. Informei-o, com toda a sabedoria de quem crescera rodeado de cavalos, que havia muitas maneiras de fazer um cavalo coxear sem ter de realmente lhe fazer mal, e que devia confiar em mim para escolher uma forma apropriada. Até hoje, não sei o que Breu terá achado dessa recusa. Na altura, não expressou nem condenação nem aprovação em relação aos meus actos. Nisto, como em muitas outras coisas, guardou para si mesmo as suas opiniões.

Mais ou menos uma vez em cada três meses, o Rei Sagaz mandava-me chamar aos seus aposentos. A convocatória era-me normalmente comunicada muito cedo pela manhã. Eu ficava em pé diante dele, enquanto ele tomava o banho, ou enquanto lhe atavam o cabelo na trança a oiro que apenas o rei podia usar, ou enquanto o camareiro lhe preparava as roupas. O ritual era sempre o mesmo. Ele inspeccionava-me cuidadosamente, estudando o meu crescimento e aprumo como se se tratasse de um cavalo que estava a considerar comprar. Perguntava-me uma coisa ou duas, geralmente acerca de cavalaria ou armas, e ouvia compenetradamente a curta

resposta. Então perguntava, de um modo quase formal, “E parece-te que tenho cumprido a minha parte do acordo?”

“Sim, senhor,” respondia sempre.

“Então cuida de cumprir também a tua parte,” era sempre a resposta com que me dispensava. E qualquer que fosse o servente que o assistia ou que abria a porta para eu entrar ou sair, não parecia de todo notar a minha presença ou as palavras do rei.

Foi no final do Outono desse ano, mesmo no início do Inverno, que me foi dada a mais difícil missão até então. Breu chamou-me aos seus aposentos quase no preciso instante em que tinha apagado a minha vela. Estávamos a partilhar bolos e um pouco de vinho com especiarias, sentados em frente à lareira de Breu. Ele tinha acabado de elogiar sem reservas a minha última façanha, que consistira em virar às avessas todas as camisas penduradas para secar nas cordas do terreiro da lavandaria sem ser apanhado. Tratara-se de uma tarefa difícil, da qual a parte mais complicada fora refrear-me de rir à gargalhada, o que trairia o meu esconderijo dentro de uma tina de tintura, quando dois dos mais jovens moços da lavandaria declararam que a minha partida fora a obra de duendes das águas e se recusaram a lavar mais roupa nesse dia. Breu, como de costume, estava a par de tudo o que acontecera mesmo antes de lhe ter relatado, e deliciara-me contando-me como o Mestre Lúbrio da lavandaria decretara que se devia pendurar erva de Sinjão em cada canto do terreiro e enfeitar cada poço com uma grinalda, para proteger o trabalho do dia seguinte dos duendes.

“Tens um dom para isto, rapaz.” Breu gargalhou, passando-me a mão pelo cabelo. “Começo quase a pensar que não há tarefa que não sejas capaz de levar a cabo.”

Ele estava sentado numa cadeira diante do fogo, e eu, no chão a seu lado, encostado a uma das suas pernas. Deu-me umas pancadinhas no dorso, da mesma maneira que Castro daria a um cachorro perdigueiro que se tivesse portado bem, e então inclinou-se para a frente e disse num tom de voz suave, “Mas tenho um desafio para ti.”

“O que é?” perguntei ansiosamente.

“Não será fácil, mesmo para alguém com um passo tão leve quanto o teu,” avisou-me.

“Deixa-me tentar,” desafiei-o eu de volta.

“Oh, dentro de um mês ou dois, talvez, quando tiveres aprendido mais. Tenho um jogo para te ensinar hoje, um que te tornará o olhar e a memória mais aguçados.” Pegou numa bolsa e retirou de lá um punhado de qualquer coisa. Abriu a mão brevemente diante de mim: pedras coloridas. A mão fechou-se. “Havia amarelas?”

“Sim. Breu, qual é o desafio?”

“Quantas?”

“Duas que eu pudesse ver. Breu, aposto que conseguia fazer isso agora.”

“Será que podia haver mais do que duas?”

“Sim, se algumas estivessem completamente escondidas debaixo das de cima. Mas não me parece provável. Breu, qual é o desafio?”

Ele abriu a mão ossuda e mexeu as pedras com o longo dedo indicador. “Tinhas razão. Apenas duas amarelas. Outra vez?”

“Breu, eu consigo.”

“Pensas que sim, não é? Olha outra vez, eis as pedras. Um, dois, três e fechou. Havia algumas vermelhas?”

“Sim. Breu, qual é a missão?”

“Havia mais vermelhas do que azuis? Trazer uma coisa pessoal da mesa de noite do rei.”

“O quê?”

“Havia mais pedras vermelhas do que azuis?”

“Não, o que eu quero dizer é, qual é a missão?”

“Errado, rapaz!” Breu anunciou alegremente. Abriu o punho. “Estás a ver, três vermelhas, três azuis. Exactamente a mesma quantidade. Terás de olhar mais depressa do que isso se quiseres ser bem sucedido no meu desafio.”

“E sete verdes. Eu sei disso, Breu. Mas... tu queres que eu roube do rei?” Não conseguia acreditar no que acabara de ouvir.

“Não roubar, pedir emprestado. Como fizeste com as lãs da Dona Despachada. Não há mal nenhum numa partida dessas, ou há?”

“Nenhum, excepto que seria chicoteado se fosse apanhado. Ou pior.”

“E estás com medo de ser apanhado. Estás a ver, eu disse-te que é melhor esperarmos um mês ou dois, deixar que as tuas habilidades se desenvolvam mais.”

“Não é a punição. É que, se eu for apanhado... o rei e eu... temos um acordo... “As minhas palavras desvaneceram. Fitei-o, confundido. A instrução de Breu era parte do acordo que Sagaz e eu fizéramos. Cada vez que nos encontrávamos, antes dele começar a instruir-me, lembrava-me desse acordo. Eu dera a Breu, bem como ao rei, a minha palavra de que seria leal. Seguramente que ele percebia que se eu actuasse contra o rei estaria a quebrar a minha parte do acordo.

“É um jogo, rapaz,” disse Breu pacientemente. “É só isso. Uma partida. Não é realmente tão sério quanto pensas. A única razão para eu escolher tal tarefa é que o quarto do rei e as coisas dele são intensamente vigiadas. Qualquer um pode roubar as lãs de uma costureira. Do que esta-

mos a falar é de um verdadeiro exercício de infiltração furtiva, entrar nos aposentos do rei e trazer de lá algo que lhe pertença. Se conseguisses fazer isso, acreditaria que usei bem o meu tempo a ensinar-te. Sentiria que apreciaste aquilo que te ensinei.”

“Sabes bem que aprecio aquilo que me ensinas,” disse eu rapidamente. Não era isso de todo. Breu parecia ignorar completamente o meu argumento. “Eu sentir-me-ia... desleal. Como se estivesse a usar o que me ensinaste para enganar o rei. Como se me estivesse a rir dele.”

“Ah!” Breu reclinou-se na cadeira, um sorriso na face. “Não deixes que isso te incomode, rapaz. O Rei Sagaz sabe apreciar uma boa piada. O que quer que tragas, eu levarei de volta ao rei. Será um sinal para ele do quão bem te ensinei e do quão bem aprendeste. Traz algo simples, se tal te preocupa tanto; não precisas de lhe tirar a coroa da cabeça ou o anel do dedo! A sua escova ou qualquer pedaço de papel – mesmo a luva ou cinto será suficiente. Nada de grande valor, apenas uma prova.”

Pensei em parar para ponderar, mas apercebi-me de que tinha a certeza de não precisar de reflectir sobre o assunto. “Não posso fazê-lo. Quero dizer, não o farei. Não ao Rei Sagaz. Escolhe outro qualquer, o quarto de qualquer um, e eu fá-lo-ei. Lembra-te de quando tirei o rolo de pergaminho a Majestoso? Vês, eu posso meter-me em qualquer lugar e...”

“Rapaz?” A voz de Breu veio lentamente, intrigada. “Não confias em mim? Estou a dizer-te que não há problema. É apenas um desafio de que estamos a falar, não é alta traição. E desta vez, se fores apanhado, prometo que hei-de interceder e explicar tudo. Não serás punido.”

“Não é isso,” disse eu freneticamente. Podia notar que Breu estava a ficar cada vez mais intrigado com a minha recusa. Procurei uma maneira de lhe explicar. “Prometi ser leal a Sagaz. E isto...”

“Não há nada de desleal nisto!” Breu exclamou. Olhei para cima e vi-lhe um brilho irado nos olhos. Sobressaltado, afastei-me dele. Nunca o tinha visto assim enraivecido. “Que é que estás a dizer, rapaz? Que te estou a pedir para traíres o teu rei? Não sejas idiota. É apenas um simples teste, uma maneira de te medir e mostrar ao próprio Sagaz o que aprendeste, e tu recusas-te. E tentas disfarçar a covardia com historietas de lealdade. Rapaz, envergonhas-me. Pensei que tinhas mais espinha do que isto, ou nunca teria começado a ensinar-te.”

“Breu!” comecei horrorizado. As palavras dele deixaram-me em estado de choque. Ele afastou-se de mim, e eu senti o meu pequeno mundo a desmoronar à minha volta enquanto a voz dele continuava friamente.

“O melhor é voltares para a cama, rapazinho. Pensa exactamente o quanto me insultaste hoje. Insinuar que de alguma forma sou desleal ao rei. Rasteja pelas escadas, pequeno covarde. E, da próxima vez que eu te

chamar... isto é, se te voltar chamar, vem preparado para me obedecer. Ou não venhas de todo. Agora vai.”

Breu nunca falara comigo daquela forma antes. Não me conseguia lembrar de alguma vez ter sequer erguido a voz. Fitei, com a capacidade de compreensão quase perdida, o braço magro marcado pelas cicatrizes de varíola que se destacavam das mangas da veste, o longo dedo que apontava com tanto desdém na direcção da porta e das escadas. Ao levantar-me, senti-me fisicamente doente. Vacilei, e tive de recorrer a uma cadeira para me amparar. Mas continuei, obedecendo ao que me fora ordenado, incapaz de pensar em agir de forma diferente. Breu, que se tinha tornado o pilar central do meu mundo, que me fizera acreditar que eu tinha algum valor, tirava-me agora tudo. Não só a sua aprovação, mas o nosso tempo juntos, e a minha esperança de vir a ser alguma coisa na vida.

Tropecei e quase caí pelas escadas abaixo. Nunca me tinham parecido tantas e tão frias. A porta ao fundo do vão chiou atrás de mim ao fechar, e fiquei no meio da escuridão total. Tacteei o caminho até à cama, mas os cobertores não me conseguiam aquecer, e não consegui pregar olho durante a noite toda. Contorcía-me em agonia. O pior de tudo era não ser capaz de me sentir indeciso. Não podia fazer o que Breu me pedira. Portanto, perdê-lo-ia. Sem os seus ensinamentos, não seria de qualquer valor para o rei. Mas essa não era a agonia. A agonia era simplesmente a falta de Breu na minha vida: não conseguia lembrar-me de como conseguira viver antes dele, tão sozinho. Voltar à modorra de viver o dia-a-dia de tarefa em tarefa parecia impossível.

Tentei desesperadamente pensar em algo que pudesse fazer, mas parecia não haver resposta. Podia ir ter com Sagaz, mostrar-lhe o alfinete e ser admitido, e contar-lhe do meu dilema. Mas que me diria ele? Será que não me veria como um rapazinho parvo? Será que me diria que devia ter obedecido a Breu? Pior, e se me dissesse ele que eu tivera razão ao desobedecer e se virasse contra Breu? Estas questões eram muito difíceis para a mente de um rapaz, e não encontrei respostas que me ajudassem.

Quando a manhã finalmente veio, arrastei-me para fora da cama e fui-me apresentar a Castro, como de costume. Desempenhei as minhas tarefas numa dormência cinzenta que a princípio me trouxe críticas e mais tarde perguntas acerca do estado da minha barriga. Disse-lhe simplesmente que não dormira bem, e ele deixou-me ir sem o tónico que ameaçara dar-me. Não me comportei melhor no treino de armas. O meu estado de distração era tal que deixei um rapaz muito mais novo acertar-me uma dura pancada no crânio. Hode admoestou-nos a ambos pela falta de cuidado e disse-me para ir descansar um pouco.

Quando voltei à torre, a cabeça latejava de dor e as pernas tremiam-me. Fui para o quarto, pois não tinha estômago nem para a refeição do meio-dia, nem para as conversas em voz alta que a acompanhavam. Deitei-me na cama, com a intenção de fechar os olhos por apenas um momento, mas caí num sono profundo. Acordei a meio da tarde e pensei nas repreensões que teria de enfrentar por faltar às minhas lições da tarde, mas isso não chegou para me levantar, e adormeci outra vez, para ser acordado apenas à hora do jantar por uma criada que viera inquirir do meu estado a pedido de Castro. Desembaracei-me dela dizendo-lhe que tinha problemas no ventre e que ia jejuar até que desaparecessem. Depois dela sair, dormitei, mas não dormi. Não conseguia. A noite foi-se tornando mais escura no quarto sem iluminação, e ouvi o resto da torre ir-se deitar. Na escuridão e quietude, mantive-me deitado, esperando por um chamamento a que não teria a coragem de responder. E se a porta se abrisse? Não podia ir ter com Breu, pois não lhe podia obedecer. O que seria pior: que não me chamasse, ou que me abrisse a porta e eu ousasse recusar-me a ir? Atormentei-me a noite inteira, e à chegada cinzenta da madrugada recebi a resposta. Nem sequer se dera ao trabalho de me chamar.

Mesmo agora, não me agrada relembrar os dias que se seguiram. Movia-me de um dia para o outro de costas curvadas, tão enjoado que não conseguia comer ou descansar suficientemente. Não era capaz de me concentrar em nenhuma tarefa e encarava as críticas dos professores com sombria resignação. Adquiri uma dor de cabeça incessante, e o estômago mantinha-se tão apertado que a comida não me interessava. A simples ideia de comer fatigava-me. Castro aturou isto por dois dias antes de me confrontar e me forçar a engolir um tónico sanguíneo e um gole de remédio para os vermes. A combinação fez-me vomitar o pouco que comera nesse dia. A seguir, forçou-me a lavar a boca com vinho de ameixas, e até hoje não consigo beber vinho de ameixas sem enjoar. Então, para minha surpresa, arrastou-me pelas escadas acima, aos seus aposentos, e ordenou-me que descansasse ali por um dia. Quando a noite veio, fez-me subir à torre, incentivando-me ou comandando-me a cada passo, e, sob o seu olhar atento, fui forçado a consumir uma malga de sopa aguada e um pedaço de pão. Ter-me-ia levado de volta aos seus aposentos outra vez, não tivesse eu insistido que queria a minha própria cama. A verdade é que tinha de estar no quarto. Tinha de saber se Breu tentaria ao menos chamar-me, independentemente de ser capaz ou não de responder ao chamamento. Ao longo de mais uma noite inteira sem dormir, fitei a escuridão no canto sombrio do quarto.

Mas ele não me chamou.

A manhã acinzentou-me a janela. Rolei para o lado e continuei na

cama. A profundidade da desolação que se instalara em mim era demasiado sólida para que eu a conseguisse combater. Todas as escolhas possíveis me levavam a finais cinzentos. Não conseguia encarar a futilidade de sair da cama. Uma espécie de mescla entre o quase sono e a dor de cabeça reclamava-me. Qualquer som me parecia demasiado alto, e sentia-me ou demasiado quente ou demasiado frio, independentemente da forma como ajustava os cobertores. Cerrei os olhos, mas mesmo os sonhos eram claros e irritantes. Vozes em discussão, tão altas como se estivessem na cama comigo, e ainda mais frustrantes porque soavam como um homem a discutir consigo mesmo e tomando ambos os lados da disputa. “Quebra-o como quebraste o outro!” rosnava iradamente. “Tu e os teus estúpidos testes!” e então: “Não se pode ser demasiado cuidadoso. Não se pode depositar confiança em qualquer um. O sangue revelar-se-á. Testar-lhe a têmpera, simplesmente.” “A têmpera. Se queres uma lâmina mentecapta, forja-a tu mesmo. Malha-a até ficar plana.” E então, com mais serenidade: “Não tenho coragem para fazer isto. Não serei usado outra vez. Se desejavas testar o meu carácter, conseguiste.” E então: “Não me fales de sangue e família. Lembra-te do que sou para ti! Não é a lealdade dele que a preocupa, ou a minha.”

As vozes iradas separaram-se, fundiram-se, tornaram-se numa discussão diferente, mais estrídula. Forcei-me a abrir as pálpebras. O quarto tornara-se a cena de uma breve batalha. Acordei no meio de uma intempestiva discussão entre Castro e Dona Despachada sobre de quem era a jurisdição. Os odores a mostarda em emplastro e a camomila pairavam sobre mim, tão fortes que eu queria forçar-me a vomitar. Castro manteve-se estoicamente entre ela e a cama. Tinha os braços cruzados sobre o peito e Raposa sentava-se aos seus pés. As palavras de Dona Despachada rangiam-me na cabeça como cascalho. “Na torre”; “esses lençóis limpos”; “sei acerca de rapazes”; “esse cão mal-cheiroso”. Não me lembro de Castro dizer uma palavra. Manteve-se simplesmente ali, tão sólido que eu podia senti-lo com os olhos cerrados.

Mais tarde, ele desaparecera, mas Raposa estava na cama, não a meus pés, mas ao meu lado, arfando pesadamente, mas recusando-se a trocar-me pelo chão fresco. Abri os olhos outra vez, mais tarde ainda, e era tempo do crepúsculo. Castro retirara-me a almofada, abanara-a um pouco e estava a enfiá-la desajeitadamente debaixo da minha cabeça, o lado fresco para cima. Então sentou-se pesadamente na cama.

Clareou a garganta. “Fitz, não há problema nenhum contigo que tenha visto antes. Pelo menos, qualquer que seja o problema, não te está nas tripas, nem no sangue. Se tu fosses mais velho, suspeitaria que tinhas problemas de mulheres. Ages como um soldado numa bebedeira de três dias, mas sem o vinho. Rapaz, o que é que se passa?”

Olhou para mim com sincera preocupação. Era o mesmo olhar que fazia quando receava que uma égua fosse abortar, ou quando caçadores traziam de volta cães que os javalis tinham apanhado. A sua consternação tocou-me e, sem querer, sondei na sua direcção. Como sempre, a barreira estava lá, mas Raposa gemeu levemente e colocou o focinho de encontro à minha face. Tentei exprimir o que me ia na alma sem trair Breu. “Estou tão sozinho, agora,” ouvi-me dizer e até a mim me soou como uma queixa fraca.

“Sozinho? As sobrancelhas de Castro uniram-se. “Fitz, eu estou aqui. Como podes dizer que estás sozinho?”

E ali acabou a conversa, com ambos olhando um para o outro e sem nos compreendermos de todo. Mais tarde, trouxe-me comida, mas não insistiu comigo para que comesse, e deixou Raposa a fazer-me companhia durante a noite. Uma parte de mim tentava imaginar como é que ela reagiria se a porta se abrisse, mas outra parte de mim sabia que não precisava de me preocupar com isso. Aquela porta nunca se abriria outra vez.

A manhã veio outra vez, e Raposa foçou-me, gemendo que queria sair. Demasiado quebrado para me preocupar que Castro me apanhasse, sondei na sua direcção. Estava esfomeada, sequiosa e com a bexiga quase a rebentar, e de súbito o desconforto dela era também o meu. Vesti uma túnica e levei-a escadas abaixo rumo ao exterior e, em seguida, de volta à cozinha para comer. Tempero ficou mais contente por me ver do que eu alguma vez imaginei que alguém pudesse ficar. Raposa recebeu uma tigela generosa do guisado da noite passada, enquanto Tempero insistiu em arranjar-me seis tiras de presunto cortado grosso numa côdea quente do primeiro pão do dia. O nariz apurado de Raposa e o seu forte apetite excitaram os meus sentidos, e dei por mim a comer, não com o meu apetite normal, mas com os sentidos apurados de uma jovem criatura.

Dali ela levou-me aos estábulos, e embora tenha retirado a minha mente da dela antes de entrar, senti-me de alguma forma rejuvenescido pelo contacto. Castro endireitou-se, libertando-se de uma qualquer tarefa em que estava embrenhado quando entrei, olhou-me de alto a baixo, olhou de relance para Raposa, rabujou secamente para si mesmo, e pôs-me na mão um biberão. “Não há muito na cabeça de um homem,” disse-me, “que não possa ser curado com trabalho e a responsabilidade de tratar de alguma coisa. A rateira pariu há alguns dias, e há um cãozinho demasiado fraco para competir com os outros. Vê se o podes manter vivo hoje.”

Era um cãozinho feio, de pele cor-de-rosa a mostrar-se através do pêlo malhado. Os olhos estavam ainda completamente fechados, e a pele em excesso, que se encheria à medida que crescesse, acumulava-se no topo do focinho. A cauda pequena e escanzelada parecia tal e qual a de um rato,

e eu pus-me a pensar se a mãe não atormentaria os filhos até à morte, só para lhes fazer corresponder a aparência ao nome da raça. Estava fraco e passivo, mas eu importunei-o com o leite quente até que chuchou um bocadinho, e verteu tanto sobre si mesmo que inspirou a mãe a encostar-se a ele e a lambê-lo. Tirei uma das irmãs mais fortes da teta da mãe e meti-o a ele em substituição. A barriguinha dela estava esticada e redonda: continuava a chuchar por pura obstinação. Ia ser branca com uma pinta negra sobre um dos olhos. Apanhou-me o dedo mindinho e chuchou nele, e eu já podia sentir a força imensa que aquelas mandíbulas teriam um dia. Castro contara-me histórias de rateiros que se agarravam ao nariz de um toiro e que se mantinham ali independentemente do que o toiro fizesse. Embora não gostasse de homens capazes de ensinar um cão a fazer uma coisa dessas, não conseguia controlar o respeito que sentia pela coragem de um cão que enfrentasse um toiro. Os nossos rateiros eram mantidos para caçar ratazanas e levados em patrulhas regulares pelos silos de milho e celeiros.

Passei a manhã toda ali e parti à tarde, com a gratificação de ver a barriguinha do cachorro redonda e esticada pelo leite. A tarde foi passada a limpar cavalariças. Castro manteve-me ocupado, adicionando uma nova tarefa logo que eu acabava outra, sem tempo para fazer mais que não fosse trabalhar. Não falou comigo nem me fez perguntas, mas parecia estar sempre ocupado com alguma coisa a doze passos de distância de mim. Era como se tivesse tomado a minha queixa acerca de estar sozinho literalmente e estivesse disposto a colocar-se sempre onde eu o pudesse ver. Acabei o dia outra vez ao pé do meu cãozinho, que estava substancialmente mais forte do que de manhã. Embalei-o junto ao peito e ele trepou-me por baixo do queixo, o focinho pequenino e rombo procurando por leite. Fez-me cócegas. Puxei-o para baixo e olhei para ele. Ia ter o nariz cor-de-rosa. Há quem diga que os rateiros com narizes cor-de-rosa são os mais selvagens na luta. Aconcheguei-o de forma protectora e elogiei-o pela nova força que mostrava. Ele sacudiu-se. E Castro inclinou-se sobre a divisória da cavalariça ao lado e bateu-me na cabeça com os nós dos dedos, fazendo soltar dois gemidos em unísono, de mim e do cachorro.

“Chega disso,” avisou-me duramente. “Não é coisa que um homem faça, e não há-de resolver o que te anda a devorar a alma. Devolve o cachorro à mãe, agora.”

E assim fiz, mas a contragosto, e não seguro de todo que Castro estivesse certo quando dizia que ligar-me ao cãozinho não resolveria coisa nenhuma. Ansiava pelo seu pequeno mundinho caloroso de palha e irmãos e leite e mãe. Nesse momento não podia imaginar nada melhor.

Então Castro e eu fomos comer. Levou-me à messe dos soldados, onde um homem mostrava as maneiras que tivesse e ninguém esperava

conversas. Era reconfortante ser casualmente ignorado, ter comida passada sobre a cabeça sem ninguém ser atencioso comigo. Mas Castro prestou atenção ao que comi, e depois sentámo-nos cá fora, em frente à porta das traseiras da cozinha, e bebemos. Eu tinha tomado cerveja e vinho antes, mas nunca bebera com a determinação que Castro agora me mostrava. Quando Tempero ousou vir cá fora ralhar-lhe por dar bebidas alcoólicas fortes a um mero rapazinho, ele fitou-o com um dos seus olhares silenciosos que me lembrou da noite em que o conheci, quando fez calar um salão inteiro de soldados em respeito pelo bom nome de Cavalaria. E ela pôs-se a andar.

Acompanhou-me ele próprio ao quarto, despiu-me a túnica, fazendo-a passar por cima da minha cabeça, enquanto eu me mantinha em pé e vacilante ao lado da cama, e então atirou-me para cima da cama casualmente e lançou um cobertor sobre mim. “E agora dormes,” informou-me numa voz grossa. “E amanhã faremos o mesmo. E sempre assim. Até que um dia hás-de acordar e descobrir que o que quer que fosse que te aconteceu não chegou para te matar.”

Apagou-me a vela e saiu. A minha cabeça rodopiava e o corpo doía-me de um dia de trabalho, mas ainda assim não dormi. O que acabei por me achar a fazer foi chorar. A bebida soltara um qualquer nó que me mantinha sob controle, e eu chorei. E não silenciosamente. Solucei e gemi com o queixo a tremer. A garganta fechou-se, o nariz pôs-se a produzir corrimento incessante, e chorei com tanta força que me deu a sensação de que não podia respirar. Penso que chorei cada lágrima que não derramara desde o dia em que o meu avô forçara a minha mãe a abandonar-me. “Mere!” ouvi-me gritar, e subitamente havia braços à minha volta, segurando-me com firmeza.

Breu segurou-me e embalou-me como se eu fosse uma criança de colo. Mesmo na escuridão reconhecia aqueles braços e o cheiro a ervas e pó. Descrente, agarrei-me a ele e chorei até ficar rouco, e a minha boca tão seca que não produzia som nenhum. “Tinhas razão,” disse, falando para o meu cabelo, calmo, plácido. “Tinhas razão. Estava a pedir-te para fazeres algo errado, e fizeste bem em recusar. Não serás testado dessa forma outra vez. Não por mim.” Quando finalmente fiquei quieto, deixou-me só por algum tempo, e quando voltou trazia-me uma bebida, morna e quase sem sabor, mas que não era água. Levou-me a caneca à boca, e bebi sem fazer perguntas. Em seguida deitei-me para trás, de súbito tão sonolento que nem sequer me lembro de Breu deixar o quarto.

Acordei era quase madrugada e apresentei-me a Castro depois de um pequeno-almoço substancial. Fui rápido na execução de todas as tarefas, e atento aos meus deveres, e não conseguia compreender porque

é que ele tinha acordado mal-disposto e com dores de cabeça. Ele resmungou qualquer coisa acerca “da mesma cabeça do pai para o álcool” e mandou-me embora mais cedo, dizendo-me que levasse os meus assobios para outro lado.

Três dias mais tarde, o Rei Sagaz chamou-me pela alvorada. Estava já vestido e havia um tabuleiro com comida para mais do que uma pessoa deposta sobre ele. Logo que cheguei, mandou o criado retirar-se e disse-me para me sentar. Tomei uma cadeira diante da pequena mesa do quarto e ele, sem me perguntar se eu tinha fome, serviu-me comida com a própria mão e sentou-se à minha frente para comer. O gesto não me passou despercebido, mas mesmo assim não me consegui fazer comer muito. Falou apenas de comida, e não disse nada de acordos ou lealdade ou de manter a palavra. Quando viu que eu tinha acabado de comer, empurrou o próprio prato para longe. Mexeu-se com desconforto no lugar.

“Foi minha ideia,” disse de súbito, num tom quase áspero. “Não foi dele. Ele nunca concordou. Eu insisti. Quando fores mais velho, vais perceber. Não posso correr riscos com ninguém. Mas prometi-lhe que saberias disto directamente de mim. Foi tudo ideia minha, nunca dele. E nunca lhe pedirei para te testar a têmpera de tal maneira outra vez. Nisso, dou-te a palavra do rei.”

Fez um gesto para me mandar embora. Eu ergui-me, mas ao fazê-lo, peguei do tabuleiro uma pequena faca de prata cheia de entalhes que ele usara para cortar a fruta. Olhei-o nos olhos enquanto o fiz, e enfiei-a abertamente na manga. Os olhos do Rei Sagaz abriram-se de espanto, mas não disse uma palavra.

Duas noites mais tarde, quando Breu me chamou, as nossas lições recomeçaram como se nunca tivesse havido uma pausa. Ele falou, eu ouvi, jogámos o jogo com as pedras, e não cometi nenhum erro. Ele deu-me uma missão, e fizémos pequenas piadas juntos. Mostrou-me como Sorrateiro, a doninha, dançava por uma salsicha. Estava tudo bem entre nós outra vez. Porém, antes de deixar os aposentos dele nessa noite, acerquei-me da lareira. Sem uma palavra, coloquei a faca no centro da prateleira por cima do fogão. Na verdade, enfiei-a, com a lâmina de frente, na madeira da prateleira. Em seguida, retirei-me sem falar no assunto e sem o encarar. Com efeito, nunca dissémos nada um ao outro a esse respeito.

Penso que a faca ainda lá está.